



EXPEDIÇÃO LEITURAS

TESOUROS DAS
BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS
NO BRASIL

CARLOS HONORATO
CLAUDILEUDE SILVA
JULIA GUARILHA
JUÇARA SOUZA
MÁRCIA CAVALCANTE
MARIA BETÂNIA SILVA
RAFAEL ANDRADE
TÚLIO DAMASCENA
VAL ROCHA
VALESKA SOUSA

organização:
ADRIANO GUERRA
CAMILA LEITE
ÉRICA VERÇOSA



emos em mãos um livro raro, resultado de uma expedição que observou com olhos atentos cada território explorado e teve como missão revelar para a sociedade o valor inestimável das bibliotecas comunitárias que atuam diariamente para a garantia do direito humano à leitura como direito fundamental. Por meio de cartas surpreendentes, o leitor mergulha em um universo de belezas, solidariedade, empatia e inúmeras informações relevantes sobre livro, leitura, literatura e gestão compartilhada.

Os autores desta obra são sujeitos ativos na construção da história das bibliotecas comunitárias no Brasil, escritores da vida real que transformaram as experiências coletivas numa narrativa que encanta do começo ao fim. A diversidade de sotaques, entrelaçados com brilhantismo e sensibilidade, dá voz e apresenta ao leitor pessoas que protagonizam um propósito de transformação social por meio de formação, acesso e cidadania dentro de suas comunidades. O livro demonstra que o trabalho horizontal, circular e afetivo que se dá num processo dialógico, democrático e em rede, está transformando as relações e devolvendo a milhares de crianças, jovens e adultos a possibilidade de escreverem suas próprias histórias.

Janine Durand

Educadora, especialista em formação de leitores





Queridos amigos,

Zwyzos. O que vocês acabam de ler? Nada. Apenas identificaram letras que, neste conjunto, nada significam.

Assim é o mundo dos analfabetos. Veem simples desenhos, mas não entendem o significado. Por isso muitos ônibus trazem números, além de letreiros com a indicação dos destinos.

Banco. Vocês acabam de ler uma palavra. Qual o significado dela? Banco de praça? De operações financeiras? Presente do indicativo do verbo bancar?

Ora, não basta conhecer o texto. É preciso apreender o contexto. Uma coisa é: “encontrei Pedro sentado no banco da praça”, outra é: “Pedro foi ao banco retirar o dinheiro para bancar uma aposta”.

Texto deriva de tecido. Uma letra, uma sílaba, uma palavra, uma frase, um período... e eis uma carta como esta ou uma coletânea de textos que formam um livro.

O livro é a memória do mundo. Se todos os livros, impressos e digitais, desaparecessem, a humanidade ficaria desmemoriada; sem saber a sua própria história.

Como portadores de preciosas informações, os livros merecem ser preservados. Inventou-se, então, a biblioteca, cuja etimologia vem do grego bibliothēke, de biblion (conjunto de escritos, de onde deriva a Bíblia) e theka (depósito, que forma também cinemateca, pinacoteca etc.).

Existe todo tipo de biblioteca, da Nacional, no Rio, que guarda 10 milhões de itens, entre livros e documentos, a minibibliotecas em pontos de ônibus, estações de metrô, bicicletas etc.

A mais famosa biblioteca é a de Alexandria. Como registro em meu livro *A obra do Artista* – uma visão holística do Universo:

[...] a Biblioteca de Alexandria – uma das sete maravilhas do mundo – foi construída três séculos antes de Cristo. Era sustentada pelos Ptolomeus, os reis gregos que herdaram a parte do Egito conquistada

por Alexandre, o Grande. Durante nove séculos foi o cérebro do planeta. Cada uma de suas 400 mil obras era copiada a mão, e, se hoje conhecemos o Antigo Testamento, é graças às traduções gregas feitas ali. Os Ptolomeus não mediam esforços ou dinheiro para adquirir livros. Quando os navios aportavam em Alexandria, os soldados revisitavam todos os cômodos, não em busca de drogas ou contrabando, e sim de livros, interessados em saber se em alguma parte do mundo havia algo escrito que a biblioteca já não tivesse cópia. E, em geral, a biblioteca ficava com os originais e devolvia ao dono uma cópia, como Ptolomeu III Evérgeta fez com os originais de Sófocles, Ésquilo e Eurípides, emprestados a peso de ouro pelos gregos e jamais devolvidos.

Fundada em 280 a.C., a Biblioteca de Alexandria desapareceu no incêndio do ano 416. Com ela, a humanidade perdeu parte de seu acervo cultural e científico.

O que vocês lerão neste livro são cartas que tratam, não de uma biblioteca, mas de redes de bibliotecas espalhadas por todo o Brasil. Isso coincide com o que sempre imaginei: os livros falam, mas não gostam de se exhibir. Preferem ser lidos. Porém, quando as portas das bibliotecas se fecham, eles quebram o mutismo e conversam entre si.

Agora o diálogo se ampliou. Vocês verão aqui como as bibliotecas dialogam entre si.

Boas leituras!

Frei Betto

Frei Betto nasceu em Belo Horizonte (MG). Estudou jornalismo, antropologia, filosofia e teologia. Frade dominicano e escritor, ganhou em 1985 o Jabuti, principal prêmio literário do Brasil, concedido pela Câmara Brasileira do Livro, por seu livro de memórias *Batismo de Sangue*. Em 1986, foi eleito Intelectual do Ano pelos escritores filiados à União Brasileira de Escritores, que lhe deram o prêmio Juca Pato.



XPEDIÇÃO LEITURAS

**TESOUROS DAS
BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS
NO BRASIL**

CARLOS HONORATO
CLAUDILEUDE SILVA
JULIA GUARILHA
JUÇARA SOUZA
MÁRCIA CAVALCANTE
MARIA BETÂNIA SILVA
RAFAEL ANDRADE
TÚLIO DAMASCENA
VAL ROCHA
VALESKA SOUSA

organização:
ADRIANO GUERRA
CAMILA LEITE
ÉRICA VERÇOSA

O OLHAR DO INSTITUTO C&A	Patrícia Lacerda	Nº 9
O OLHAR DA FUNDAÇÃO ITAÚ SOCIAL	Angela Dannemann	Nº 12
A IMPORTÂNCIA DA SISTEMATIZAÇÃO	Conselho Gestor da RNBC	Nº 14
FEITO A MUITAS MÃOS	Adriano Guerra, Camila Leite e Érica Verçosa	Nº 16
UMA EXPEDIÇÃO MARCANTE E INESQUECÍVEL	Equipe de sistematizadores	Nº 18
METODOLOGIA DE TRABALHO DA SISTEMATIZAÇÃO		Nº 22
MAPA TRAÇADO PELOS SISTEMATIZADORES		Nº 30
SOBRE HERÓIS E HEROÍNAS E SEUS SUPERPODERES	Luiz Ruffato	Nº 31
ESPAÇO: ACONCHEGO E ACOLHIMENTO	Juçara Souza, Túlio Damascena e Valeska Sousa	Nº 36
ACERVO: ORGANIZAÇÃO E DIVERSIDADE	Carlos Honorato, Márcia Cavalcante e Val Rocha	Nº 45
MEDIAÇÃO: INTENCIONALIDADE E PLURALIDADE	Carlos Honorato, Márcia Cavalcante e Túlio Damascena	Nº 58
BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: "MAIS" PRAZER EM LER	André Neves	Nº 68
ENRAIZAMENTO COMUNITÁRIO: PERTENCIMENTO E PARTICIPAÇÃO	Márcia Cavalcante, Maria Betânia Silva, Rafael Andrade e Valeska Sousa	Nº 71
GESTÃO COMPARTILHADA: COLETIVIDADE E TRANSPARÊNCIA	Claudileude Silva, Julia Guarilha e Juçara Souza	Nº 83
COMUNICAÇÃO: CLAREZA E CRIATIVIDADE	Juçara Souza, Rafael Andrade e Val Rocha	Nº 93
UM CORPO-LIVRO ENRAIZADO NA DIVERSIDADE	Kiusam de Oliveira	Nº 103
ARTICULAÇÃO: PARCERIA E ESTRATÉGIA	Claudileude Silva, Julia Guarilha, Maria Betânia Silva e Val Rocha	Nº 107
INCIDÊNCIA POLÍTICA: OCUPAÇÃO E RESISTÊNCIA	Carlos Honorato, Maria Betânia Silva, Rafael Andrade e Túlio Damascena	Nº 119
MOBILIZAÇÃO DE RECURSOS: SUSTENTABILIDADE E ENGAJAMENTO	Claudileude Silva, Julia Guarilha e Valeska Sousa	Nº 130
UMA VIAGEM PELAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS	Elisa Machado	Nº 141



O OLHAR DO INSTITUTO C&A

Quando estamos imersos na lida diária, nem sempre nos damos conta de quanta coisa a gente inventa, quanto conhecimento acumula, quanta ralação vira experiência. Na maioria das vezes, é preciso que alguém de fora venha nos provocar a parar um pouquinho, olhar com mais atenção o que fazemos no automático. Aí a gente vai reconhecendo que já sabe um monte de coisa importante, potente, necessária que merece ser dividida. Este relato é fruto de uma convocação àqueles que estão imersos nas bibliotecas comunitárias para irem visitar outras bibliotecas comunitárias, levando consigo papel, caneta, olhos e ouvidos bem abertos. A familiaridade com o objeto somada ao estranhamento de estar em outra geografia produziu a luz necessária para revelar pérolas, sementes, húmus, coisas não tão fáceis, dicas, enfim, tudo o que é precioso na arte de fazer com que um espaço cheio de livros vire uma biblioteca comunitária viva, ativada! E revelou também as condições para que um conjunto de bibliotecas vire uma Rede de Promoção de Direitos.

Os viajantes foram, viram, registraram as descobertas e agora você está com este chumaço de cartas nas mãos. A princípio, você não é o destinatário de nenhuma delas. Você as recebeu e se vê tentado a bisbilhotar a correspondência alheia. Armadilha, vou avisando. Uma vez no fluxo da correspondência, você se encontra numa história tão boa, tão importante, que vai se perguntar: como a gente conhece tão pouco experiências como essas?

São doze anos de investimento social apoiando aqueles que, contra muitos e por todos, tomam a iniciativa de abrir e manter uma biblioteca, bem ali, onde quase não há quem leia. Não leem porque sequer sabem que poderiam querer isso, que isso pode ser bom. Ignoram seu direito ao devaneio, a descomprimir a imaginação, a conceber outros mundos, outras belezas, ignoram os efeitos profundos que o contato com os bons livros e outros leitores podem trazer. Pois as bibliotecas comunitárias arranjam um jeito de receber e acolher quem chegar. Basta vir, se aproximar do livro que está ali arruma-

.....

dinho. Basta começar a ouvir uma história em voz alta, depois conversar um pouco sobre qualquer ideia que passou pela cabeça, sem ter certo nem errado, sem ninguém te chamar de burro, e assim, perder o medo das palavras enfileiradas a ponto de querer decifrá-las, com vontade. Cria-se assim uma relação sustentável com a leitura e dá até vontade de escrever.

Ter o direito de conviver com leitores e livros de literatura de alta qualidade, desde a mais tenra idade, era para ser uma coisa universalmente corriqueira. No Brasil ainda não é, infelizmente. Somos unânimes em dizer que leitura é importante, mas não conseguimos nos juntar para erradicar essa perversa epidemia de analfabetismo. As políticas públicas deveriam irrigar cada território – com fertilidade de textos, imagens, ideias, perguntas, sons, cores, afetos. Desperdiçamos encontros estupendos que poderiam se dar via uma boa coleção de livros nas mãos de mediadores preparados.

Vá até os centros de cultura e cidadania, que são as bibliotecas comunitárias das periferias. Você será recebido como Amiga, Querido, Companheiro, Parceiro e tudo que é nome convidativo. Vão te mostrar atmosferas, cores, sotaques, vão te abrir portas e você vai querer saber: como faço para ir lá e conhecer uma biblioteca dessas? Será que tem uma biblioteca comu-

nitária perto de mim? Onde? Como chegar? Tomara que você se faça essas perguntas. Tomara que você queira participar um pouco mais desta causa.

Esta publicação foi gestada por muitas pessoas, por uma equipe inteira, mas teve um trio de assessores que fez acontecer. Profundos conhecedores da vida real das bibliotecas e da sua luta pelo direito humano à leitura puseram as mãos na massa. Conseguiram selecionar, organizar e executar um projeto de formação que tornou o referencial teórico a coisa mais prática que existe e então, o nomão — Sis-te-ma-ti-za-ção —, foi entendido simplesmente como um jeito amoroso de registrar o que vale a pena ser compartilhado. Nutridos da confiança, os sistematizadores foram se percebendo autores. E provaram que quem tanto lê literatura acaba transbordando escrita poética.

O Instituto C&A tem um orgulho imenso de participar dessa grande jornada e dessa colheita. Nossa aposta sempre foi nas pessoas que queriam transformar suas realidades e iniciaram a obra. E elas foram chegando, se juntando, se formando, se afetando e construíram muitos jeitos simples, elegantes, eficientes de ajudar as pessoas a chegarem até os livros, e dali, até mais perto de si mesmas. Um coletivo emergiu desses anos de Programa Prazer em Ler (PPL) – a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias

.....

(RNBC). Esta Rede deveria ser considerada um Patrimônio Nacional. Ela é detentora de saberes, de um legado e de clareza de propósito. Pelo reconhecimento dessa força e desse valor, a Fundação Itaú Social, veio abraçar o PPL e ajudar a via-

bilizar a continuidade desse movimento que quer espalhar direitos em forma de arte, livro, leitura, literatura e biblioteca, por todo Brasil. Que nada detenha o ímpeto vital do Prazer em Ler de seguir abrindo o seu caminho.

Patrícia Lacerda

Gerente do Programa de Educação do Instituto C&A

O OLHAR DA FUNDAÇÃO ITAÚ SOCIAL

“A primeira vez que peguei um livro na mão,
Eu tinha quinze anos
E percebi sem saber direito
Que dentro do livro a vida se escrevia sem fim,
Se escrevia do começo da minha casa e ia até o final das estrelas.
Depois voltava
E ficava ali na palma da minha mão,
Sempre vinha.”
JORGE MIGUEL MARINHO¹

O Itaú Social desenvolve programas que visam melhorar a qualidade da educação pública brasileira. Sabemos que a educação pública é responsabilidade de todos e demanda uma organização coletiva. Nessa perspectiva, é importante que todos se unam para garantir aquilo que é direito de cada cidadão: acesso à educação, educação que se faz de inúmeras formas, sem restrição de tempo, espaço, raça, cor e gênero, de forma que seja possível formar indivíduos capazes de construir a nação que todos nós almejamos.

Em 2017, tivemos a felicidade de nos unirmos ao Instituto C&A para o desenvolvimento e implementação do programa Prazer em

Ler, um programa que traz no seu cerne a leitura como um direito humano fundamental, e que hoje tem o seu foco no apoio e fortalecimento de bibliotecas comunitárias em todo Brasil. Por suas características e especificidades, o programa constitui uma experiência ímpar ao lançar luz para o trabalho dessas bibliotecas, que nascem do esforço de pessoas e organizações sociais para ampliar o acesso de crianças e jovens ao conhecimento e ao patrimônio cultural produzido e acumulado no Brasil e ao redor do mundo.

Estamos participando de um processo inovador e cuidadoso no campo social, pela maneira como o Instituto C&A está conduzindo a transição do Programa Prazer em

1. JORGE Miguel Marinho. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa13516/jorge-miguel-marinho>>. Acesso em: 16 de Jun. 2018. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

Ler. O Instituto deixa para todos os parceiros um importante legado no campo da educação e, especificamente, no fortalecimento da leitura como direito. Aceitamos o desafio de dar continuidade na gestão deste programa com entusiasmo, pois ele encontra sinergia de propósito com o que realizamos, e nosso compromisso é continuar fortalecendo essa história, por meio do apoio a leitura e à sustentabilidade da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias – RNBC.

Nas sociedades letradas, a necessidade da leitura e da escrita é cada vez maior, qualquer que seja o campo de atuação do indivíduo. Essa exigência é ainda mais crucial no que diz respeito à leitura, uma vez que estamos imersos num universo de mensagens escritas, com as quais nos defrontamos a todo momento. Dessa forma, saber ler é indispensável para a efetiva inserção do cidadão na sociedade. No entanto, reconhecemos que o acesso à leitura e à literatura no Brasil ainda é restrito a camadas da população com maior poder aquisitivo.

Segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro em 2015, 44% da

população brasileira não lê e 30% nunca comprou um livro. Em relação às bibliotecas, apenas 5% dos brasileiros fazem uso desse espaço de forma ativa. Neste sentido, é evidente o poder que as bibliotecas comunitárias possuem na transformação dessa realidade. Ao lermos as cartas que compõem este trabalho de sistematização, percebemos o quanto a vida está presente nos territórios onde se encontram essas bibliotecas... “homens e mulheres, mestres na arte de transformar terras arenosas em solos vivos e férteis, propícios a receber sementes diversificadas e fazer brotar vida nova em abundância...”.

Encerramos este nosso texto com o pensamento do sociólogo e literato Antonio Candido, que declarava que a literatura é uma necessidade universal, experimentada em todas as sociedades, e tem de ser vista como um direito básico do ser humano. Nós também acreditamos que a literatura é matéria privilegiada para motivar e formar leitores por ser linguagem que se oferece a múltiplas interpretações. Ela funde harmoniosamente realidade e fantasia, sendo um material inestimável na formação do ser humano.

Ângela Dannemann

Superintendente do Itaú Social

A IMPORTÂNCIA DA SISTEMATIZAÇÃO

“Ler fornece ao espírito materiais para o conhecimento,
mas só o pensar faz nosso o que lemos.”

JOHN LOCKE

Desde 2006, o Instituto C&A vem apoiando o trabalho de bibliotecas comunitárias na formação de leitores. Ao longo desses anos, foram realizadas diversas ações e a reflexão sobre as práticas foi o principal instrumento de transformação em todos os processos de trabalho, muitas vezes solitário, das bibliotecas comunitárias em seu território. Posteriormente, quando as bibliotecas se aglutinaram no projeto coletivo dos polos de leitura e, depois no desenvolvimento do modelo de redes, experimentamos uma maior descentralização do conhecimento e das ações a partir da gestão compartilhada.

Isso provocou em nós a percepção sobre a importância da mobilização para a incidência política e para a luta pelo direito à literatura, à leitura, ao livro e à biblioteca que hoje ocupam um lugar central na agenda dos espaços de discussões e proposições de políticas públicas nacionais, estaduais e municipais. Com o fortalecimento da nossa organização na Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC), os eixos que norteiam nossas prá-

ticas – espaço, acervo, mediação, enraizamento comunitário, gestão compartilhada, comunicação e visibilidade, articulação, incidência política e mobilização de recursos – ganharam outra profundidade, sendo não somente dimensões de nossa atuação, como temas de estudos e análises.

Todo o conhecimento construído coletivamente durante esses anos, a partir do olhar de quem participou deste processo de construção, leva os sistematizadores a serem os próprios agentes de transformação desta história, foram eles e elas que viveram essas experiências e agora sistematizam esses saberes apurando seus modos de olhar e de analisar.

Não podemos deixar de dizer sobre a importância das contribuições dos assessores, que durante esses anos nos instigaram, incentivaram e provocaram, levando-nos à reflexão de cada prática, ação e atividade. Assim como a importância das formações continuadas com escritores, ilustradores, pensadores da literatura, requalificando nossos olhares e fazeres.

Com o conhecimento sistematizado em mãos, a partir deste livro, podemos planejar, melhorar, readequar, ressignificar tudo que viemos fazendo, melhorando o desenvolvimento das bibliotecas comunitárias e das redes de leitura. E, ao

disponibilizar esse conhecimento ao mundo, fortalecemos os saberes da RNBC e favorecemos o acesso para que mais pessoas e bibliotecas venham fazer parte desta história coletiva e colaborativa de formação de leitores literários no Brasil.

FEITO A MUITAS MÃOS

Nós três somos suspeitos. Não porque nos falte legitimidade para apresentar essa história ou porque precisem desconfiar do nosso passado (risos). É simples. Somente porque assumimos, explicitamente, que fomos arrebatados pelas valiosas experiências das bibliotecas comunitárias no Brasil que, inclusive, temos o prazer de acompanhar de perto desde 2011.

Suspeitos porque somos apaixonados. E vocês sabem, não é?! Nessa condição, costumamos ver com lentes de cuidado, beleza e poesia, de modo que tudo fica mais bonito, colorido e repleto de sentido. Nesse momento – diante dos enormes retrocessos históricos, políticos e sociais que andamos vivendo por aqui (impeachment da Dilma, golpe do Temer, aprovação da PEC 241, Lula preso sem provas etc) –, sinceramente, olhar para o Brasil usando esses óculos é uma maneira de não esmorecer e não desistir.

Ao reconhecer as maravilhas que pulsam vivas nas bibliotecas comuni-

tárias e redes locais de leitura, resistimos e, em um gesto de “esperançar”, nos mantemos na luta, certos de que juntos somos mais fortes.

“É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo [...]”

PAULO FREIRE²

Expedição Leituras: os tesouros das bibliotecas comunitárias no Brasil é para nós motivo de orgulho! Não somente porque assumimos a autoria corresponsável pelo processo de criação coletiva desta obra: do sonho ao livro impresso na sua mão, mas, principalmente, por termos testemunhado a história que irão ler daqui para frente.

2. Freire, Paulo. *Pedagogia da Esperança – um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

Os aprendizados relatados nesta publicação são fruto de um trabalho colaborativo de investigação dos próprios autores desta história. De maneira ousada, mediadores de leitura, bibliotecários, coordenadores e gestores das bibliotecas criaram juntos um olhar crítico e novos modos de compreender e analisar suas experiências.

Este livro tem a intenção de compartilhar os aprendizados colhidos ao longo do caminho, para que cada vez mais um maior número de pessoas conheça e valorize as bibliotecas comunitárias no Brasil, como estratégia efetiva de formação de leitores sensíveis, criadores, críticos e conscientes de seu papel na transformação social e cidadã em nosso país.

“Esperançamos” a garantia do direito humano ao livro, à leitura, à literatura e à biblioteca para todos os brasileiros! Apostamos que os tesouros encontrados nesta Expedição Leituras podem ser referências relevantes tanto para a construção de políticas públicas que reconheçam as diversas bibliotecas comunitárias que existem Brasil afora, quanto para incentivar a criação

de novas bibliotecas comunitárias e redes locais de leitura que venham integrar e fortalecer a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC). Neste movimento, também se materializa o legado do Programa Prazer em Ler, iniciativa que é parte desse fluxo de aprendizados, leituras e boas histórias.

Como na literatura a fantasia é matéria-prima, preparem-se para adentrar no universo imaginário e simbólico desta Expedição. Aqui, os tesouros encontrados se transformaram em uma grande floresta de histórias, plantada pelas mãos de todos aqueles que semeiam cotidianamente a leitura como um direito humano.

Nosso agradecimento ao Instituto C&A que abraçou a iniciativa de criação desta sistematização colaborativa e confiou na equipe de assessoria para que esse sonho se transformasse em livro! Nossa admiração à equipe de sistematizadores que se lançou nessa aventura, destemida, trabalhando arduamente, a muitas mãos, na organização dos conhecimentos e escrita das próprias narrativas. Bravo! Vocês são brilhantes!

Adriano Guerra, Érica Verçosa e Camila Leite

Assessores do Programa Prazer em Ler

UMA EXPEDIÇÃO MARCANTE E INESQUECÍVEL

“Trabalho de formiguinha quem diria, revolucionárias?! A aparência mansa não as evidenciaria por uma questão embrionária, operárias, tamanha força exerceriam! Não, não eram formigas... Eram apenas palavras!”

SIL³

Tal qual as formiguinhas de Sil, poeta de Nova Iguaçu-RJ, saímos por esse Brasil afora recolhendo as palavras poderosas das experiências coletivas das bibliotecas comunitárias. Uma equipe de formiguinhas curiosas, conversadeiras, de diferentes sotaques, unidas no esforço de juntar os pedacinhos de descobertas e aprendizagens recolhidos e transformá-los em alimento para todos que acreditam no poder da leitura.

De modo particular, enquanto sistematizadores, este livro representa um esforço coletivo por meio de leituras, pesquisas, debates e muita conversa para que essa tessitura de várias mãos pudesse resultar na grande expedição que dá vida às experiências de mais de cem bibliotecas que integram a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias – RNBC.

Nossa equipe de 10 exploradores foi desbravar as redes de bibliotecas situadas em quatro regiões do país, conhecendo suas estratégias e planos para efetivar os nove eixos que norteiam as ações do Programa Prazer em Ler, comuns a todas elas e em prática há 12 anos.

Participar desse desafio foi, sem dúvida, muito enriquecedor profissionalmente e pessoalmente. A partir das vivências, realidades e realizações, (re)encontramos pessoas, ouvimos histórias e contamos essas histórias que são também nossas e passam a ser história coletiva – a memória coletiva de todo um trabalho.

Conhecer outras experiências foi inspirador e contribuiu para o entendimento do trabalho em rede, que era uma novidade para muitos dos sistematizadores. Conhecer de perto as pessoas e

3. Publicado no blog do GT Iguaçulendo, em Plano Municipal de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas de Nova Iguaçu, pág. 16. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/embed_code/29784605>. Acesso em: 5 jun. 2018.

visitar os lugares onde tudo aconteceu nos enriqueceu e motivou ainda mais para contribuir com a construção da RNBC.

Ressignificou o trabalho em rede como sendo uma potência transformadora das bibliotecas para o constante enraizamento em suas comunidades. O protagonismo de registrar nossas próprias experiências emprestou uma responsabilidade enorme: são vivências que fazem a diferença em suas comunidades e agora terão uma publicação para referendar o belíssimo trabalho que é desenvolvido em vários pontos do nosso país.

Todo o processo contribuiu para a reflexão sobre a práxis das bibliotecas comunitárias, a partir do ponto que permite vivenciar experiências, desejos e propósitos em prol da disseminação da leitura e da literatura. Reunir todas as experiências em um único documento ajuda a mensurar o quanto já foi construído e o quanto se evoluiu na execução de ações voltadas ao fomento das causas literárias.

Cada sistematizador partiu com o objetivo de compartilhar e de aprender, ao embarcarmos nessa expedição aos universos literários desse Brasil, tão diverso e tão rico. Na bagagem, cada um contava com as muitas histórias de sua rede de origem que, somadas às demais experiências, pode comprovar a potência dos movimentos sociais, culturais e a força transformadora

das bibliotecas comunitárias. Foram meses de alegria, de descoberta e de esperança em outro mundo possível. Uma experiência capaz de deixar o coração pulsando repleto de agradecimento pela oportunidade que tivemos.

As expressões de carinho, cuidado, atenção, força, fé e amor que permearam as relações pessoais durante todo o processo de sistematização trouxeram a certeza do quanto nosso trabalho faz diferença no mundo e na vida das pessoas. Todas as expectativas foram superadas pelo encontro com as pessoas, a escuta de suas experiências, a visita aos locais, o acolhimento e o afeto recebidos.

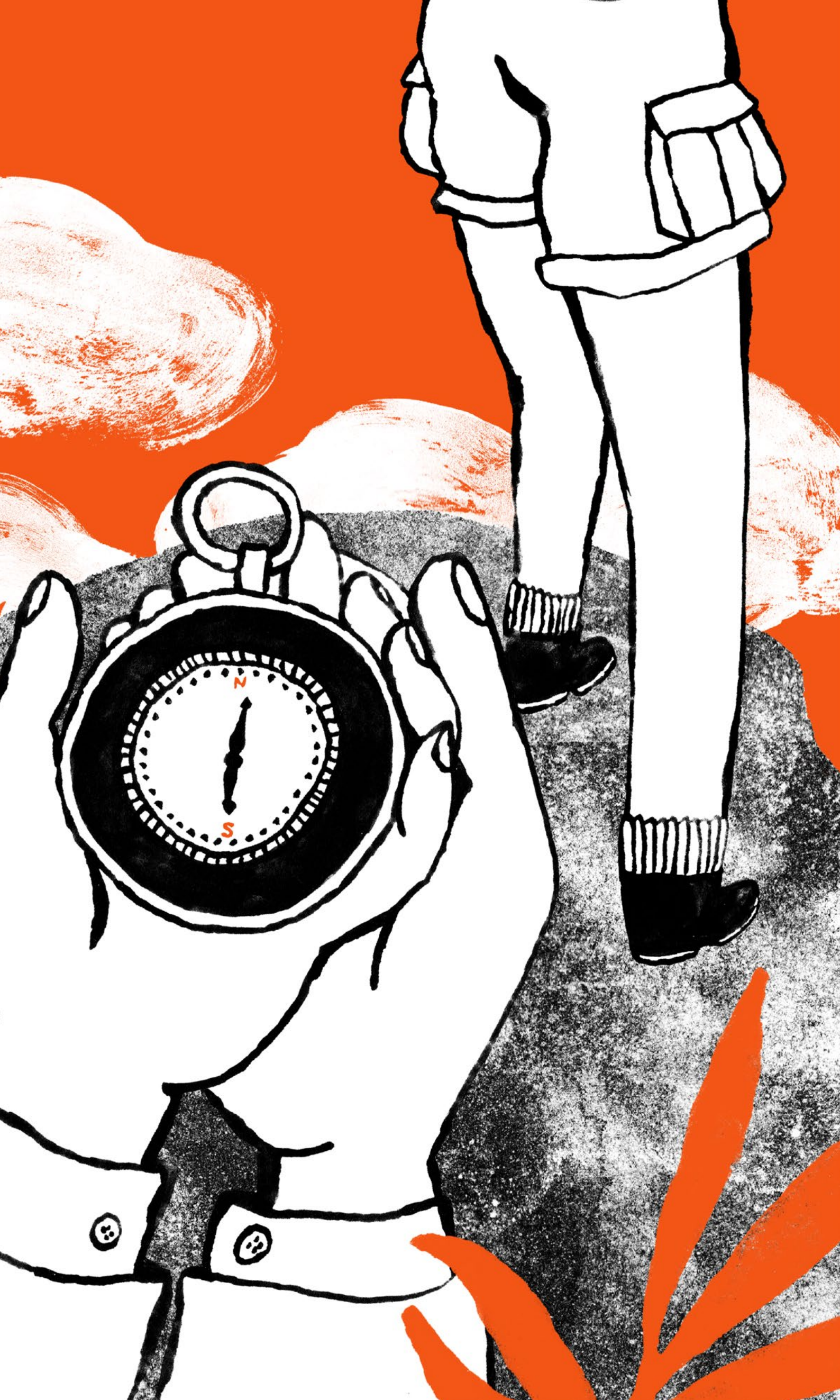
Não se parte para uma viagem dessas sem uma boa preparação, que contou com a inestimável ajuda de Camila, Érica e Adriano, assessores do Instituto C&A. Foi preciso ler e pesquisar, descobrir e testar ferramentas adequadas ao trabalho, escolher os métodos de coleta do material, conhecer bem o objeto de estudo e o recorte que seria dado ao universo de pesquisa. Desenvolver a sagrada habilidade de ouvir os pares para recolher, sem julgamento de valor, seus testemunhos e memórias. Esse caminho de protagonismo permitiu fazer conexões, encontrar semelhanças e diferenças entre os modos de fazer de cada grupo, compreender e valorizar o trabalho coletivo e horizontal – característicos do modelo de Rede.

Assim, ao fim da expedição, repletos de riquezas, da qual a principal materialidade é este livro – que busca ser norte e inspiração para outros exploradores interessados no fomento à literatura, ao uso do livro e à melhoria das bibliotecas – entende-se que o

aprendizado registrado na memória e no coração pode ser compartilhado para que possam vir novos viajantes e possam existir novas expedições. Para que você, leitor, a partir desse porto e das rotas aqui apresentadas, possa vir a traçar sua própria expedição!

Carlos Honorato, Claudileude Silva, Julia, Guarilha, Juçara Souza,
Márcia Cavalcante, Maria Betânia Silva, Rafael Andrade, Túlio
Damascena, Valdirene Rocha e Valeska Sousa

Equipe de Sistematizadores



METODOLOGIA DE TRABALHO DA SISTEMATIZAÇÃO



PONTO DE PARTIDA

Desde 2006, o Programa Prazer em Ler (PPL), do Instituto C&A, vem construindo um legado a partir das experiências, conhecimentos e práticas elaboradas junto aos integrantes das mais de cem bibliotecas comunitárias, organizadas em doze redes de leitura locais, que compõem, desde 2015, a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC).

O trabalho de assessoria pedagógica e consultoria do PPL contribuiu para a formação de mediadores de leitura, coordenadores, gestores e bibliotecários nos eixos que estruturam a atuação das bibliotecas – espaço, acervo, mediação de leitura, enraizamento comunitário, e nas dimensões de atuação das redes de leitura – gestão compartilhada, comunicação, articulação, incidência política e mobilização de recursos.

Espalhados em diversos estados e cidades, os integrantes das bibliotecas e redes foram colocando

em prática os aprendizados sobre esses eixos, criando uma riqueza de conhecimentos na diversidade, que revela os processos específicos de cada coletivo e, ao mesmo tempo, reúne aspectos em comum.

Criamos uma metodologia para sistematizar essas experiências a partir do entendimento de que esse processo “[...] é uma interpretação crítica de uma ou várias experiências que, a partir da sua ordenação e reconstrução, descobre ou explicita a lógica do processo vivido [...]” (HOLLIDAY)⁴. Tudo isso aconteceu de forma colaborativa e esteve voltado à organização das conquistas, dos desafios e das aprendizagens, com a intenção de disseminar o legado do PPL.

O grande diferencial foi mobilizar os próprios integrantes das bibliotecas e redes para criarem juntos um olhar crítico sobre suas vivências. Para Freire e Macedo⁵ esse processo possibilita compre-

4. HOLLIDAY, O. J. Para sistematizar experiências. 2. ed., revista. – Brasília: MMA, 2006. 128 p.; 24 cm. (Série Monitoramento e Avaliação, 2).

5. FREIRE, P.; MACEDO, D. Alfabetização: leitura do mundo leitura da palavra. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011

ender “[...] a importância dos fatores sociais, políticos, históricos, culturais e econômicos relacionados com a prática e a experiência a ser reinventada [...]”. Dessa forma, o grupo pôde ampliar o poder de análise das suas práxis e se fortaleceu como produtor de conhecimentos.

OBJETIVOS

- A) Organizar os diversos conhecimentos construídos/acumulados a partir das experiências das bibliotecas comunitárias que compõem as redes locais de leitura;
- B) Identificar quais foram as conquistas, os desafios e os aprendizados coletivos mais significativos para as redes;
- C) Analisar e refletir sobre esses aprendizados coletivos;
- D) Criar um material de referência da RNBC, que possa ser utilizado pelas próprias bibliotecas e redes, ou por outras iniciativas, movimentos e coletivos;
- E) Publicar um livro que dissemine os aprendizados e gere reconhecimento e visibilidade às bibliotecas, às redes e à RNBC.

FONTES DE INFORMAÇÃO

- A) Integrantes das bibliotecas e redes (mediadores de leitura, coordenadores das bibliotecas, gestores das organizações, bibliotecários, leitores, parceiros, voluntários);
- B) Documentos, fotos e vídeos das bibliotecas e redes;
- C) Textos teóricos e documentos de referência das políticas públicas do livro, leitura, literatura e biblioteca.

PROCEDIMENTOS

- * Reuniões on-line para planejamento e socialização de leituras;
- * Elaboração de instrumentos e definição estratégias para coleta de dados;
- * Rodas de conversa e escuta coletiva;
- * Viagens de campo para visitar as redes locais;
- * Entrevistas com integrantes das bibliotecas e redes;
- * Organização de materiais e fotos;
- * Leitura de textos teóricos e documentos de referência;
- * Análise reflexiva das informações e dados coletados;
- * Escrita da sistematização.



PERCURSO METODOLÓGICO

O trabalho aconteceu no período de junho de 2017 a maio de 2018. A partir de reuniões on-line, com a presença de toda a equipe – sistematizadores e assessoria, foram criadas as estratégias metodológicas, os pro-

cessos, os documentos e os produtos da sistematização, organizados em um serviço de armazenamento digital.

Conheça a seguir o passo a passo do nosso percurso:

1. ARRUMANDO A MALA

- 1.1 Composição da equipe de sistematizadores, com um integrante de cada rede local de leitura que compõe a RNBC.
- 1.2 Estudo dos textos do Oscar Jara Holliday⁶ sobre sistematização de experiências.
- 1.3 Alinhamento conceitual, delimitação do objeto, definição dos objetivos, das fontes de informação e dos procedimentos da sistematização.
- 1.4 Elaboração de estratégias e de instrumentos, levantamento e organização inicial das informações e dados das redes locais.
- 1.5 Realização dos “Círculos de Cultura” em todas as redes locais.

Inspirados em Paulo Freire, realizamos “Círculos de Cultura” com o objetivo de fazer um levantamento inicial, cada um na sua rede local, das conquistas e dos desafios que levaram aos aprendizados coletivos.

- 1.6 Cada sistematizador construiu um documento, com a síntese dos aprendizados de cada eixo do PPL, coletados durante os “Círculos de Cultura”.

6. HOLLIDAY, O. J. Para sistematizar experiências. 2. ed., revista. – Brasília: MMA, 2006. 128 p.; 24 cm. (Série Monitoramento e Avaliação, 2).

-
- 1.7 Ao definir os três eixos a serem sistematizados em cada rede, cada sistematizador estudou os documentos criados a partir dos “Círculos de Cultura” da rede que foi visitar.

2. TROCANDO IDEIAS

2.1 Planejamento do Círculo de Cultura

MOMENTO 1 – ACOLHIDA DOS PARTICIPANTES

Nesta etapa o mediador do Círculo acolhe todos os integrantes, possibilitando uma breve apresentação e alinhando o funcionamento da atividade a partir de combinações de duração, participação, respeito às diferentes opiniões, entre outros.

MOMENTO 2 – LEITURA DE MUNDO: TRAJETÓRIA DA REDE

Solicitar que as pessoas coloquem seus objetos, imagens, livros que trouxeram, ou enviaram antes, no centro da roda. Nesse momento, todos são convidados a uma roda de memórias coletivas sobre a Trajetória da Rede.

O sistematizador pode lançar perguntas para dar ritmo ao Círculo e ampliar a participação. É importante que, nesse momento, todos deem sua opinião. Estimular, sem imposição, a participação e o aprofundamento do debate, tendo, sobretudo uma postura ouvinte.

Perguntas mobilizadoras para a conversa: O que você sabe sobre a trajetória da rede? O que foi mais significativo pra você nessa trajetória em relação às aprendizagens coletivas? O que mudou e que aprendemos com a Rede ao longo dos anos? Porque aconteceu da forma que aconteceu?

MOMENTO 3 – SOBRE OS EIXOS DO PPL

O grupo conversa sobre as conquistas, os desafios e os aprendizados coletivos para cada agrupamento de eixo do PPL.

MOMENTO 4 – ENCAMINHAMENTOS

Sistematizador fala sobre o processo de sistematização e os próximos passos a serem desenvolvidos. Por fim, faz uma roda de despedida.

- 2.2 A partir dos documentos construídos pelos sistematizadores com a síntese dos aprendizados de cada eixo do PPL, coletados durante os “Círculos de Cultura”, a equipe elegeu três eixos e dimensões para cada rede local, tendo em vista as experiências mais significativas e os processos de aprendizagem coletivas que geraram mudanças nas redes.
-

REDES	APRENDIZAGENS COLETIVAS NOS EIXOS E DIMENSÕES ELEITOS		
LiteraSampa - SP	Mediação O mediador de leitura é quem facilita o diálogo entre os leitores, os livros e a comunidade. É muito importante que o mediador participe de formações. A diversidade e variedade de ações de mediação de leitura aproximam mais leitores.	Acervo Que as bibliotecas tenham livros de qualidade e contemplem a diversidade da literatura. Que os livros de literatura indígena, africana, negra, periférica tenham destaque na biblioteca.	Incidência política Ampliação de consciência política e maior apropriação quanto à participação popular na construção de políticas públicas no campo de livro e literatura. No Brasil atual precisamos nos cuidar mutuamente para não adoecermos em um tempo de retrocessos históricos e, mesmo cansados, seguir lutando!
RBCS BA	Gestão compartilhada O grupo cresce coletivamente quando a gestão é compartilhada; todos temos o mesmo poder de decisão independente da função no grupo. Todos devem participar das decisões da rede.	Articulação Estar atentos aos movimentos da cidade e do entorno da biblioteca que dizem respeito ao livro e a leitura; ficar atentos às atividades políticas nos conselhos, câmara de vereadores etc.	Mobilização de recursos A rede mais consciente se preocupa em mobilizar recursos, fica mais proativa, mais comprometida, mais fortalecida, acreditando no seu potencial.
Sou de Minas, Uai! - MG	Comunicação Criar diversos meios para ampliação da visibilidade da rede na comunidade e na cidade.	Acervo É importante construir parâmetros, critérios e regras consistentes de desenvolvimento do acervo.	Articulação Importância da articulação com diversos atores da comunidade, da sociedade civil e do poder público para viabilizar a sustentabilidade da rede.
Baixada Literária - Nova Iguaçu - RJ	Enraizamento comunitário Manter uma relação estreita com leitores, famílias e comunidade, possibilitando que os mesmos participem das ações e das tomadas de decisão nas bibliotecas.	Incidência política Política pública também é responsabilidade do povo, não só de políticos. Então, cabe a nós influenciar a construção das leis da nossa cidade, do nosso estado e do nosso país.	Comunicação Quando a comunicação é eficaz, muitas novas portas se abrem. Mais pessoas ficam conhecendo o trabalho das bibliotecas e da rede; e participam da luta pela garantia do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas.
Releitura - PE	Articulação Articular é fundamental para a sustentabilidade das bibliotecas e das redes. Na articulação para incidência política discutimos orçamentos e direitos. É fundamental que a rede indique mais de um representante para ocupar os conselhos estratégicos, como o de Políticas Culturais.	Gestão compartilhada Ao descentralizar a gestão as informações começam a chegar a todos os integrantes da rede, bem como todos começam a ter voz decisiva nas ações, garantindo uma horizontalidade entre todos.	Mobilização de recursos Estabelecer parcerias de forma ampla para mobilizar diversos recursos com diferentes instituições. Por exemplo com universidades, recursos financeiros, através de remuneração de prestação serviços; recursos humanos através do apoio político e pedagógico dos professores; recursos materiais através de doação de livros. Além de trazer o conhecimento das universidades para dentro das comunidades através dos projetos de extensão.
Jangada Literária - CE	Espaço Ter a visão de que a biblioteca não é um espaço que precisa estar com muitas cores ou com muitos materiais, a prioridade são os livros.	Comunicação Ter uma maior aproximação com a comunidade. Voluntários nas bibliotecas. Comunicação interna é tão importante quanto comunicação externa.	Gestão compartilhada Trabalhar com gestão compartilhada é priorizar a horizontalidade e transparência entre todos.
Ilha Literária - MA	Espaço As bibliotecas hoje têm um ambiente dinâmico e acolhedor com equipamentos e recursos adequados, configurando um espaço atrativo para os usuários.	Enraizamento comunitário Trabalhar em equipe, priorizando o convívio com diferentes tipos de personalidades, mas com um mesmo objetivo.	Mobilização de recursos Participação coletiva em cursos de elaboração de projetos e sustentabilidade das bibliotecas e da rede.
Conexão Leitura - RJ	Mediação Rotina para realização das mediações de leitura; realizar planejamento prévio das ações de mediação leitura com participação do público frequentador das bibliotecas; realização de oficinas de produção textual.	Enraizamento comunitário Ações de enraizamento realizadas nos espaços externos das comunidades contribuem para divulgar o trabalho das bibliotecas e aproximar os leitores.	Acervo Estabelecer parâmetros para recebimento de doações, descartes de livros. É importante documentar as doações e os empréstimo de livros para monitoramento das metas no fim de cada ano.
Redes de Leitura - POA	Espaço Realização de mutirões, construção conjunta e identidade estética entre as bibliotecas, valorizando as características locais.	Incidência política Participação na construção do Plano Municipal do Livro e Leitura, no Conselho Municipal do Livro e Leitura e nas Conferências de Cultura com protagonismo.	Mediação A qualidade dos atendimentos e planejamento das atividades de mediação é fruto de muitos processos de formação que passamos juntos.
Tecendo uma Rede de leitura - Caxias - RJ	Enraizamento comunitário É necessário reinventar e insistir em ações a fim de criar vínculos profundos com o público leitor e a comunidade no que se refere a valorização do livro e literatura.	Articulação Os trabalhos em rede fortalecem nossas ações nas bibliotecas, promovendo e legitimando nossa função através do reconhecimento público da RNBC.	Incidência política Percepção da necessidade da nossa participação no cenário político para reivindicar e viabilizar o direito e o acesso ao livro literário e à leitura, bem como o reconhecimento da importância do papel social das bibliotecas comunitárias.

3. VIAJANDO

- 3.1 Definição das duplas de sistematizadores para realização das visitas a cada uma das redes locais.
- 3.2 Criação dos instrumentos de coleta de informações e dados a serem utilizados nas visitas de campo.
- 3.3 Ida a campo para levantamento de dados. Cada sistematizador viajou para visitar uma rede local e realizou rodas de conversa e entrevistas com os integrantes das bibliotecas. Em alguns casos, realizaram também observação de atividades.
- 3.4 Após as visitas, os sistematizadores preencheram os instrumentos (fichas de sistematização e relatórios das viagens).

Cada sistematizador visitante escreveu um relatório, transcreveu as entrevistas, preencheu os instrumentos sobre: as rodas de conversas (um para cada um dos três eixos sistematizados), os eixos observados e os materiais coletados (peças de comunicação, clipping, fotos das atividades da rede etc). Além desses documentos, colocaram na pasta virtual de armazenamento as fotos da visita e as autorizações.

A partir dos desejos de cada um, das proximidades regionais e do interesse nos eixos a serem aprofundados conseguimos fazer um mapa de viagens. Vale contar que, após as viagens, cada sistematizador enviou para a rede local que visitou uma carta relatando como foi sua experiência.		
Sistematizador Local	Sistematizador Visitante	Rede e eixos/dimensões a serem sistematizados
Val (SP)	Carlos (RJ)	LiteraSampa (SP) Acervo, mediação e incidência
Juçara (BA)	Julia (RJ)	RBCS (BA) Gestão, mobilização e articulação
Túlio (MG)	Val (SP)	Sou de Minas, Uai! (MG) Comunicação, acervo e articulação
Julia (RJ)	Rafael (PE)	Baixada Literária (RJ) Enraizamento, incidência e comunicação
Carlos (RJ)	Márcia (RS)	Conexão Leitura (RJ) Acervo, mediação e enraizamento
Rafael (PE)	Claudileude (MA)	Releitura (PE) Articulação, gestão e mobilização
Valeska (CE)	Juçara (BA)	Jangada Literária (CE) Espaço, comunicação e gestão
Betânia (RJ)	Betânia e Julia (RJ)	Tecendo uma rede de leitura (RJ) Enraizamento, articulação e incidência
Márcia (RS)	Túlio (MG)	Redes de Leitura (POA) Espaço, mediação e Incidência
Claudileude (MA)	Valeska (CE)	Ilha Literária (MA) Espaço, enraizamento e mobilização de recursos

4. COMPARTILHANDO OS TESOUROS

4.1 Leitura e análise coletiva de todo o material coletado e organizado. Na volta das viagens, a equipe de sistematizadores se reuniu para analisar as informações e dados coletados em todas as redes, definindo aspectos importantes para as aprendizagens, relacionados a cada eixo sistematizado. Para análise do material foram utilizados textos de referência e fundamentação teórica.

4.2 Definição do formato de cartas como estratégia para escrita da sistematização.

A escolha pelo formato das cartas que foi inspirada no romance de Luiz Ruffato, “De mim já nem se lembra”, no qual constrói uma narrativa não cronológica a partir de cartas que tratam de temas diversos. Ele transforma uma situação familiar em oportunidade para falar de seu país e de sua sociedade. As cartas (re)constituem um passado: ao mesmo tempo em que ilustram as mudanças políticas, econômicas e culturais durante a ditadura militar brasileira. Escolhemos escrever correspondências como uma estratégia de contar, compartilhar, difundir e disseminar, por escrito, as experiências e as reflexões acerca dos aprendizados das bibliotecas comunitárias e das redes de leitura locais do PPL.

4.3 Estudo sobre escrita de cartas: a equipe leu vários livros em formato de cartas para se preparar para a escrita.

4.4 Escrita coletiva das cartas: a equipe se organizou em trios ou quartetos para escrever cartas sobre cada um dos eixos e dimensões do PPL. Cada carta foi escrita pelo grupo de sistematizadores que analisou aquele mesmo eixo ou dimensão.

4.5 Criação do sumário da publicação.

4.6 Convite aos escritores para colaborarem com o livro.

4.7 Revisão de todos os textos do livro.

4.8 Encaminhamento dos textos para designer e ilustrador do livro.

4.9 Encaminhamento do livro pronto para gráfica.

REFERÊNCIAS LITERÁRIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Confissões de Minas**. São Paulo: Cosac & Naify, 2011.

ARANHA, Graça (org.). **Correspondência**: Machado de Assis e Joaquim Nabuco. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

ARBOLAVE, Cecília. **Queria ter ficado mais**. São Paulo: Lote 42, 2015.

LISPECTOR, Clarice. **Minhas queridas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. **Correspondência**. Rio de Janeiro: RHJ, 2004.

RODRIGUES, Sergio. **Cartas Brasileiras**: correspondências históricas, políticas, célebres, hilárias e inesquecíveis que marcaram o país. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

RUFFATO, Luiz. **De mim já nem se lembra**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2016.

SANTOS, Joel Rufino. **Quando eu voltei, tive uma surpresa**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

VASCONCELLOS, Eliane; SANTOS, Matildes Demetrio. **Descendo a rua da Bahia**: a correspondência entre o Pedro Nava e Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Bazar Do Tempo, 2017.



PONTO DE CHEGADA

Para criar uma unidade no texto das cartas e construir conexões entre a enorme quantidade de informações e dados que sistematizamos, resolvemos usar da matéria-prima da literatura – a fantasia. Para isso, trouxemos como metáfora a ideia de que foi realizada uma expedição para desvendar os tesouros das mais de 100 bibliotecas comunitárias espalhadas pelo Brasil. O grupo de sistematizadores se transformou em uma equipe de pesquisadores-desbravadores dispostos a assumir a missão de viajar para todas as redes de leitura, registrando o que viram, ouviram e sentiram.

Em seguida, o grupo de sistematizadores se reuniu para organizar as informações coletadas, possibilitando a ampliação da compreensão dos processos observados. E, para compartilhar a experiência com o mundo, escreveu cartas aos amigos, que revelam as histórias desta expedição inédita.

A poesia, a fantasia, a fabulação e a imaginação transbordaram e uma surpresa aconteceu! Os

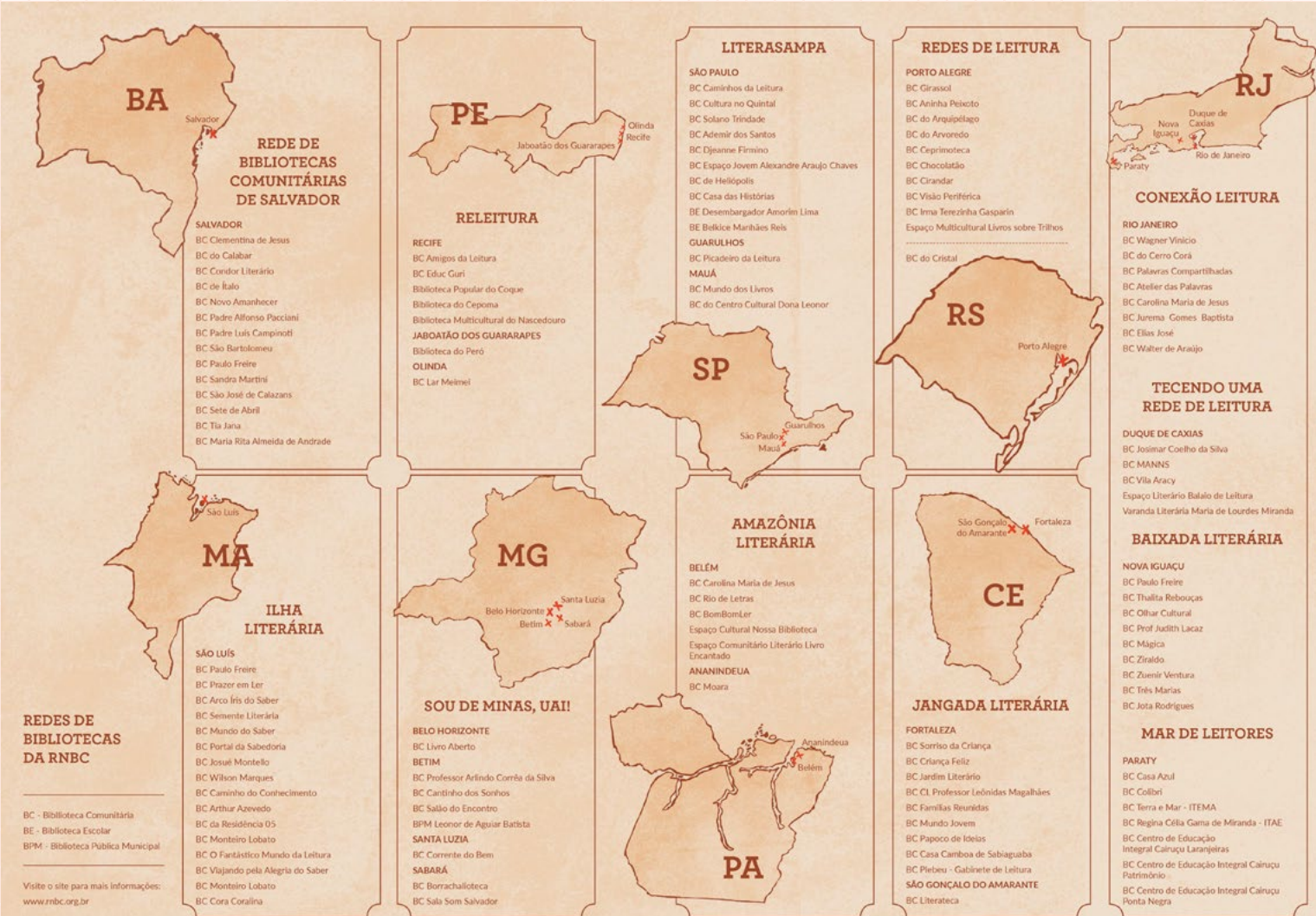
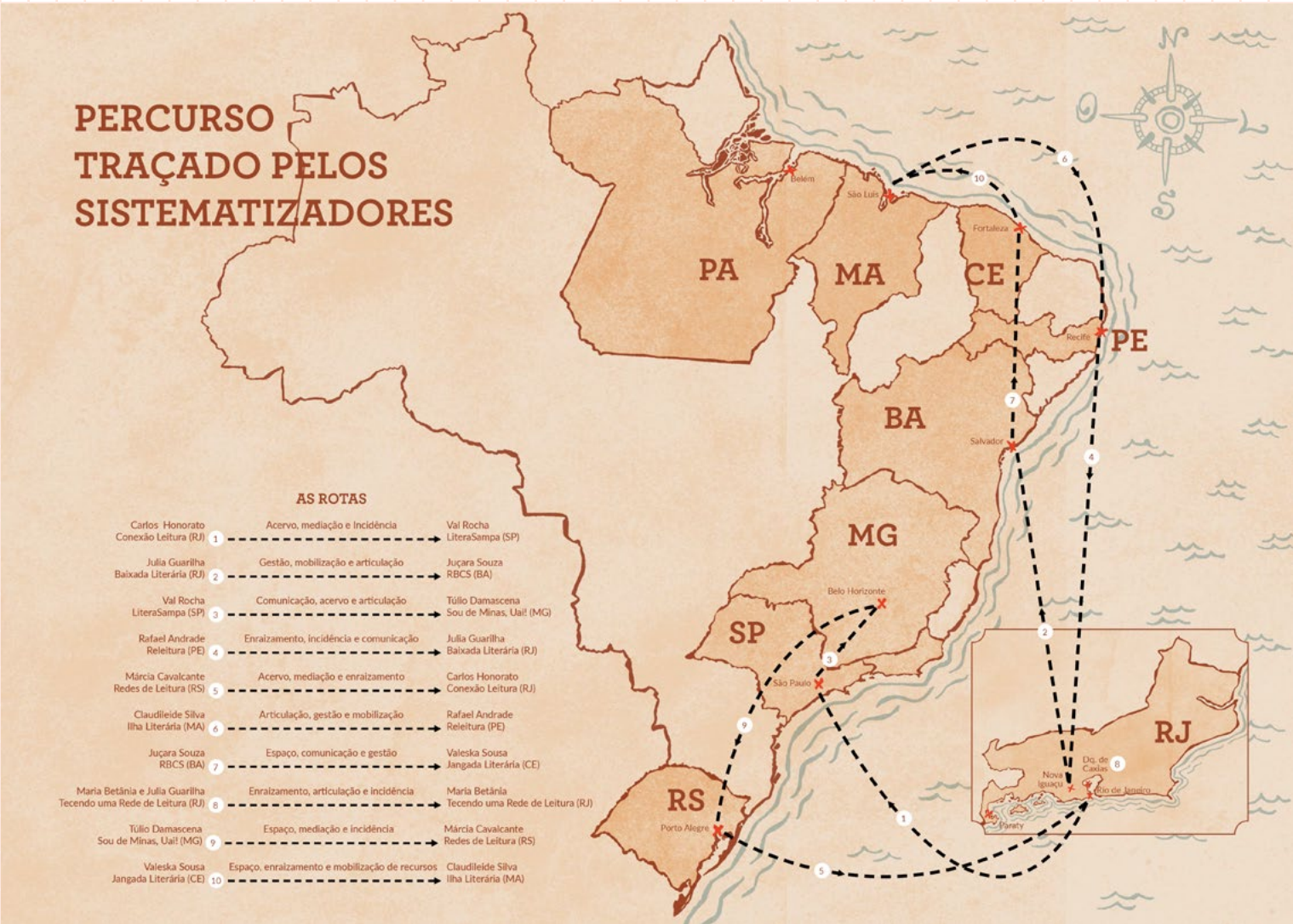
tesouros encontrados se transformaram em elementos da floresta e da natureza:

- * O espaço da biblioteca transformou-se na terra-solo da floresta;
- * O acervo de livros transformou-se nas sementes das árvores;
- * Os mediadores de leitura e os leitores transformaram-se nas próprias árvores;
- * A mediação de leitura transformou-se na fotossíntese;
- * O enraizamento comunitário transformou-se nas raízes que sustentam as árvores e o solo da floresta;
- * A gestão compartilhada passou a ser a água que nutre a vida na floresta;
- * A comunicação virou o vento que semeia e espalha as sementes;
- * A articulação virou a polinização feita pelas abelhas;
- * A incidência política virou a fogueira que renova a vida;
- * A mobilização de recursos virou a colheita dos frutos.

Ao ler este livro você conhecerá um pouco mais dessa aventura!

Ao ler este livro você conhecerá um pouco
mais dessa aventura!

MAPA TRAÇADO PELOS SISTEMATIZADORES



SOBRE HERÓIS E HEROÍNAS E SEUS SUPERPODERES

LUIZ RUFFATO

Escritor, autor de, entre outros, *Eles eram muitos cavalos*, *Inferno provisório* e *De mim já nem se lembra*. Seus livros ganharam prêmios nacionais (APCA, Machado de Assis, Jabuti) e internacionais (Casa de las Américas, em Cuba, e Hermann Hesse, na Alemanha) e estão publicados em 12 países.

SÃO PAULO, 20 DE MAIO DE 2018

Leitora, leitor,

Confesso que, no calor da luta incansável por um país mais digno, muitas vezes penso em desistir. O Brasil, em que tudo é grandioso, inclusive os problemas, semelha estar sempre patinando em uma estrada lamacenta. Todo o esforço feito coletivamente, ao longo dos anos, aparentemente é inútil, pois não nos move do lugar. Mas nessas horas de desânimo é que percebo que não podemos nos limitar a olhar o que ocorre na superfície – para conhecermos algo em sua complexidade temos que sair do conforto da nossa poltrona e mergulhar na vida. E a vida é por demais surpreendente...

As vivências compartilhadas neste livro, que comemora os 12 anos do Programa Prazer em Ler, do Instituto C&A, demonstram, de maneira indiscutível, que há sim muitas e importantes coisas acontecendo – mas sem alarde e realizadas por anônimos heróis e heroínas, que se nutrem de utopia e solidariedade. São centenas de pessoas envolvidas na criação, manutenção e difusão de bibliotecas comunitárias, espaço que acolhe o instrumento mais eficaz de modificação do ser humano, que se chama livro.

O livro possui uma característica paradoxal. A leitura exige de nós, para ser usufruída, um conhecimento prévio, no caso, ser alfabetizado, o que a torna, de certa forma, um tanto quanto exclusivista. Para desfrutar das outras manifestações artísticas – como a música, a dança, o teatro, as artes plásticas, o cinema e todos os seus derivativos – basta a nossa atenção, a nossa sensibilidade, a nossa entrega. No entanto, de todas as manifestações artísticas, a leitura é a que provoca em nós a maior transformação, pois é a única em que, *de maneira radical*, exercitamos, na solidão da nossa existência, a empatia, ou seja, a possibilidade de nos colocarmos no lugar do outro.

Adentrar as páginas de um livro é por um momento deixarmos nosso espaço e nosso tempo – o nosso lugar – e pisar em território desconhecido, ver o mundo a partir de outras perspectivas. Assim,

não só conseguimos alargar nosso ponto de vista, enriquecendo-o, como também percebemos que o arco sob o qual resiste a comunidade humana é muito mais amplo que imaginamos. Descobrimos que não estamos sozinhos nas dores e alegrias, esperanças e decepções, fraquezas e destemores – quanto mais compreendemos o outro, mais compreendemos nós mesmos...

A leitura promove a inserção social por dois caminhos diferentes, mas complementares. Por meio de sua função prática, adquirimos conhecimento, algo fundamental para desenvolver as habilidades exigidas em um mundo cruelmente competitivo. Mediante sua função, digamos assim, nobre, que para mim é a que mais importa, desperta em nós o interesse pelo próximo, aquele que, por espelhamento, confere a nós o estatuto de ser humano. Com isso, nos sentimos pertencendo a essa abstração concreta denominada Humanidade, e nos tornamos mais tolerantes, mais humildes, mais belos, mais inteligentes.

Assim, ainda mais louvável se mostra o trabalho infatigável desses jovens, homens e mulheres – pois são jovens todos os que se alimentam de entusiasmo – que, sob as condições mais adversas, resolveram combater o bom combate, o de levar livros àqueles espaços esquecidos pelo Estado. E, contrariando o senso comum, de ser a população brasileira avessa à leitura, eles demonstram que o problema, na verdade, é a enorme dificuldade de acesso a uma biblioteca. Para resolver essa questão, apelam tanto para a tenacidade, quanto para a criatividade.

Citemos dois exemplos, entre muitos, para mim carregados de simbolismo: a Biblioteca Comunitária Leônidas Magalhães, em Fortaleza (CE), e a Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura, em São Paulo (SP). A biblioteca situada na comunidade de São José do Reino, na capital cearense, ligada à rede Jangada Literária, funciona onde antes existia um salão para velórios. Já a biblioteca paulistana, localizada no bairro de Parelheiros, ligada à rede LiteraSampa, ocupa a antiga casa do zelador de um cemitério na periferia da cidade. Onde havia a morte, agora há a vida...

Um livro passa a existir não quando é publicado, mas quando um leitor, no silêncio da biblioteca, retira-o da prateleira e, percorrendo as suas páginas, insufla, com sua imaginação, as personagens e as paisagens de alma e substância. Neste contexto, os mediadores de leitura ganham uma importância fundamental, não só pelo papel de fomentadores do prazer de ler, mas também, e talvez até mesmo principalmente, por patrocinarem a sustentação e aperfeiçoamento da democracia. Porque, como afirma o escritor sérvio Danilo Kis, em seu romance *Um túmulo*

*para Boris Davidovitch*⁷: “(...) uma grande quantidade de livros nunca é perigosa, enquanto um só livro sim, é perigoso; (...) a leitura de uma grande quantidade de livros conduz à sabedoria, e a leitura de um único à ignorância armada de loucura e ódio”.

Luiz Ruffato

⁷ Kis, Danilo. **Um Túmulo para Boris Davidovitch**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

OLÁ!
É COM MUITA SATISFAÇÃO QUE TE
ESCREVEMOS ESTA CARTA.
TEMOS UMA NOVIDADE PARA CONTAR!

Nós fomos convidados a integrar uma equipe de dez pesquisadores que receberam a missão de realizar uma expedição exploratória pelo Brasil, para desvendar os tesouros das mais de 100 bibliotecas comunitárias espalhadas pelo país. Ficamos honrados com o convite, pois, como você já sabe, faz alguns anos que estamos envolvidos com atividades de promoção da leitura. Lembra que, desde 2006, participamos do Programa Prazer em Ler do Instituto C&A? Pois então, agora, pela primeira vez, tivemos a oportunidade de, nós mesmos, sistematizarmos essa experiência de mais de 10 anos de trabalho.

Cada um e cada uma vindo de um canto, com sua própria experiência de um determinado lugar, se disponibilizou a ampliar o olhar e ir ver de perto a experiência do outro. Foram precisos múltiplos e diversos pontos de vista para encarar a missão. Com a intenção de re(conhecer) as conquistas, os avanços, os desafios e as dificuldades vividas, essa equipe se organizou em caravanas para registrar os aprendizados das doze redes locais de leitura, nas quais as bibliotecas comunitárias estão organizadas.

Antes de iniciar as viagens, fizemos um levantamento das principais histórias de cada uma das redes que, por sua vez, vêm atuando em nove eixos de trabalho: espaço, acervo, mediação de leitura, enraizamento comunitário, gestão compartilhada, comunicação, articulação, incidência política e mobilização de recursos. Com posse desse mapeamento, planejamos as rotas e nos lançamos na aventura!

Enfim, depois de meses de trabalho, chegou a hora de revelar o que encontramos. E você vai saber tudo em primeira mão. Prepare-se, o que lerão agora são as correspondências que escrevemos para compartilhar nossas descobertas.

ESPAÇO: ACONCHEGO E
ACOLHIMENTO

Nº 36

PORTO ALEGRE

04 | 09 | 2017

JUÇARA SOUZA, TÚLIO DAMASCENA,
VALESKA SOUSA

“A vida inventa! A gente principia as coisas, no
não saber por que e desde aí perde o poder de
continuação – porque a vida é mutirão de todos
por todos, remexida e temperada.”

GUIMARÃES ROSA⁸

8. ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.



PORTO ALEGRE, 4 DE SETEMBRO DE 2017

Querida,

Esperamos que essa correspondência chegue até você de forma leve, como a brisa que nos acolheu durante todo o percurso. Se, de vez em quando, tiver a necessidade de fechar os olhos para sentir os cheiros e os sabores, faça-o e embarque conosco. Respire fundo e imagine. Sinta-se segura, pois te levaremos a territórios úmidos, cobertos com muita matéria orgânica, onde pessoas se organizam em movimentos, grupos e coletivos para ocupar, resistir e criar.

Como você sabe, a luta pela posse da terra faz parte da história do Brasil e de todas as comunidades por onde passamos. Nesses lugares, o povo se organiza para fincar suas bases e transformar sonhos em realidade. Homens e mulheres, mestres na arte de transformar terras arenosas em solos vivos e férteis, propícios a receber sementes diversificadas e fazer brotar vida nova em abundância. Aí são construídas e constituídas as bibliotecas comunitárias, com identidades tão específicas e, ao mesmo tempo, tão semelhantes.

Nossa equipe foi em busca das texturas dessas terras, incumbida a conhecer mais de perto três redes locais de leitura que se destacam pela qualidade dos espaços de suas bibliotecas: a Jangada Literária, no Ceará, a Ilha Literária, no Maranhão e a Redes de Leitura – Bibliotecas Comunitárias de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Todas, ao longo de suas trajetórias, tiveram e ainda têm que lutar e se reinventar para garantir suas existências, permanências e sustentabilidades.

Essa turma que visitamos é campeã em superar dificuldades. Conseguem transformar as bibliotecas em abraços. Sim, abraços! São aconchegantes e acolhedores, lugares onde as pessoas querem e gostam de estar. Entretanto, nem sempre foi assim. Tiveram que criar estratégias para que os locais se tornassem amplos, arejados, bem iluminados, de fácil acesso, com a porta aberta às comunidades. Para isso, muitas vezes, inspirados em Guimarães Rosa, tiveram que realizar os chamados mutirões. Você já participou de algum mutirão na sua

vida? É uma experiência colaborativa inesquecível. Todo mundo coloca a mão na massa! Até hoje, volta e meia, os moradores das comunidades se reúnem para participar dos momentos de reforma, reorganização e dinamização conjunta das bibliotecas. Com isso, passam a desenvolver um sentimento mais forte de pertencimento, e o espaço vai ganhando a “cara da comunidade”, valorizando suas características, diversidades culturais e histórias locais. Isso nos faz lembrar de um trecho do livro *Prazer em Ler – 3 anos*⁹: “(...) os espaços de leitura são as únicas referências educacionais efetivas nestas comunidades. A biblioteca transforma-se então em um espaço privilegiado onde, além do acesso ao lúdico, a criança tem a possibilidade de empreender as suas próprias buscas para superar problemas ou mergulhar na sua imaginação.”

Todo esse movimento faz com que as bibliotecas comunitárias se tornem ambientes vivos e dinâmicos, com equipamentos e recursos adequados, além de uma programação com atividades atrativas para os leitores. Desta forma, amiga, esses espaços vão virando pontos de referência importantes nas comunidades para o desenvolvimento de inúmeras ações culturais: saraus e performances literárias, reuniões de moradores, empréstimos de livros, mediações de leitura, encontros com autores e ilustradores, palestras sobre diversos temas, rodas de leitura compartilhada, leituras individuais, narração de histórias, exibição de filmes/documentários, oficinas de escrita e de arte educação, rodas de terapia comunitária, entre tantas outras.

Quanta coisa, não é mesmo? É impressionante, não tem nada a ver com aquela imagem de uma biblioteca amontoadada de livros velhos e empoeirados. Só indo lá “ao vivo e a cores” para sentir tamanha beleza.

Você não vai acreditar, no dia em que visitamos algumas bibliotecas da rede Jangada Literária, Fortaleza amanheceu com tanta luz, com um céu tão azul, que só vendo novamente para falar sobre aquela amplidão. Mas, por incrível que pareça, uma hora depois, quando já chegamos ao bairro Jardim Iracema, o tempo mudou e caiu uma chuva fina, mas constante. Foi com cheiro de terra molhada que aportamos em uma biblioteca que tinha um poema de Patativa do Assaré na parede, com o título “Festa da Natureza”¹⁰.

Chegando o tempo do inverno,
Tudo é amoroso e terno,
Sentindo o Pai Eterno

-
9. ARAÚJO, Leusa. **Prazer em Ler – 3 anos**. Instituto C&A, 2009. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/prazer-em-ler-3-anos>>. Acesso em: 4 abr. 2018.
10. Trecho da canção Festa da Natureza de Patativa do Assaré e Gereba Barreto. ASSARÉ, Pativa de; BARRETO, Gereba. **Festa da Natureza**. Paulus, 2002. Cd Sertão.

Sua bondade sem fim.
O nosso sertão amado,
Estrumicado e pelado,
Fica logo transformado
No mais bonito jardim. [...]

Você, que gosta tanto de ler, conhece esse autor cearense tão importante para a cultura popular brasileira? Motivados por essa poesia, seguiremos te contando o que vimos e ouvimos, como quem colhe e oferece flores de um lindo jardim.

A fala de Alilian Gradela, gestora da biblioteca comunitária Sorriso da Criança, revelou-nos o quanto os espaços físicos das bibliotecas comunitárias estão ligados à vida da comunidade. Contou que muitas foram as reflexões do coletivo sobre como aproveitar, da melhor maneira possível, seus ambientes. Fosse grande, pequena ou minúscula, uma coisa era certa: “Se estamos dispostas a trabalhar com leitura e garantir esse direito, precisamos fazer com que a biblioteca seja realmente um espaço acolhedor. Não adianta fazer um espaço do jeito que eu gosto e do jeito que eu penso, precisamos ouvir a comunidade, deixar que as crianças, os adolescentes, os jovens e os adultos estejam juntos para que possamos tomar as decisões. Garantir a participação da comunidade nos processos de gestão dos espaços é fundamental pois, é exatamente a partir de suas demandas, que definimos os horários de funcionamento e as demais atividades”. Imagina que maravilha, uma biblioteca que escuta a opinião das crianças e as convida para tomar decisão junto com os adultos. E a melhor notícia é que isso não acontece só em Fortaleza, tem várias bibliotecas por aí valorizando as vozes dos pequenos.

Agora se prepara para um episódio curioso. Ainda no Ceará, ouvimos uma história incrível de resignificação do espaço: já imaginou uma sala de velórios se transformar em biblioteca comunitária? Na rede Jangada Literária foi isso o que aconteceu, acredita? No Conselho de Moradores São José do Reino, havia uma sala que ficava ao lado da biblioteca e lá funcionava um velório. Ali, quando morria algum morador da comunidade, o corpo ficava lá, a noite todinha, sendo velado pelos seus entes queridos. A movimentação era grande e a área era muito pequena e desconfortável. A biblioteca acabava servindo como ponto de apoio para quem participava do velório, mas a movimentação assustava quem visitava o espaço de leitura.

A partir da reclamação dos leitores, a equipe decidiu levar para a assembleia da comunidade a sugestão de resignificação do lugar onde

aconteciam os velórios. Ficou definido, então, que seriam realizados em outro local e que a biblioteca seria ampliada. Realizaram assim, mudanças na estrutura física fazendo com que o ambiente ficasse mais adequado para ser uma biblioteca aconchegante, ventilada e bem iluminada. Novos mobiliários foram adquiridos e cerca de 500 livros foram agregados ao acervo, todos doados pelo Sr. Leônidas Magalhães. Desta forma, a antiga sala de velórios foi reinaugurada no final de 2008 como “Biblioteca Comunitária Leônidas Magalhães”. Desde então, a movimentação no espaço é em torno da vida! Todos são chamados a partilhar uma boa leitura, uma atividade de mediação, um cineminha, além de poderem levar livros emprestados. Não é o máximo?

É querida, no caminho encontramos muitas histórias surpreendentes como essa. Queremos muito que um dia você possa ir lá para ver de perto o que estamos te contando.

Com cheiro forte de maresia, nossa expedição continuou pelo Nordeste brasileiro. Dessa vez aportou em São Luís do Maranhão. Sabíamos que nosso destino nos reservava grandes emoções, pois caminhávamos em um solo firme, com uma história de sobrevivência e resistência desse povo incrível. *Os Tambores de São Luís*¹¹, clássica obra de Josué Montello, fazia parte da conversa até chegarmos ao nosso destino.

Visitamos as maiores periferias da cidade, onde se encontram as bibliotecas comunitárias da Ilha Literária. Vale a pena contar sobre uma das especificidades desse coletivo: a maioria das bibliotecas funciona dentro de escolas comunitárias. Muita matéria orgânica circulando todos os dias nas terras férteis da casa da literatura, da imaginação, da criatividade, da fantasia, do conhecimento, das histórias individuais e coletivas e de muito mais coisas que nem cabem aqui, mas estão semeadas e brotando por lá.

Nádia Maria, uma das bibliotecárias que faz o acompanhamento da rede, descreveu com olhos brilhantes todas as mudanças que aconteceram nas escolas, a partir da organização das bibliotecas. Eram áreas pequenas, sem decoração (ou com muita decoração), com livros posicionados de forma não muito visíveis, com pouco mobiliário e equipamentos. “A partir das formações junto aos demais integrantes da rede, vimos à necessidade de mudar de espaços com reformas estruturais para ‘virarem’ bibliotecas. Abandonamos os espaços muito pequenos e ocupamos salas maiores, próximas às entradas das escolas, com melhores iluminações, ventilações e sinalização.”

11. MONTELLO, Josué. *Os Tambores de São Luiz*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1976.

Mas nossa aventura não acabou por aí. Pegamos a ponte aérea e novamente fomos escutar um sotaque diferente. Mais histórias de colheitas muito parecidas com as que ouvimos anteriormente. Chegamos ao sul do nosso país tropical. Era noite fria, mas o calor que emanava em nossos corações aquecia os corpos e nos deixavam “mais assanhados que lambari de sanga”, como diz o povo do sul.

Querida amiga, foi nessa agitação que chegamos para conhecer as bibliotecas que fazem parte da Redes de Leitura de Porto Alegre. Percebemos facilmente que as mudanças geográficas nas comunidades se diferem quanto ao clima, à vegetação, a forma de falar e de se vestir das pessoas, mas as dificuldades e a garra para construção coletiva são as mesmas. É bonito demais ver a gana da galera das bibliotecas comunitárias na reorganização de seus espaços físicos.

Em conversa acolhedora com os integrantes dessa rede, mais uma vez ouvimos sobre mutirões. A bibliotecária Camila Tressino concordou totalmente com o mediador de leitura André Santos, quando ele falou que mutirão tem gosto de chimarrão. Disseram que foi preciso muito mate para aquecer a todos durante as limpezas, reformas e organização das bibliotecas. Também contaram sobre o planejamento feito antes de começarem a colocar “a mão na terra”. Refletiram sobre as demandas de cada espaço e suas realidades, para que as estantes, mesas, cadeiras, tapetes, pufs, computador, expositores, entre outros equipamentos e mobiliários, fossem dispostos de forma a facilitar a circulação e autonomia dos frequentadores.

Camila lembrou que algumas bibliotecas aproveitam os caixotes de frutas e os transformam em estantes com baixa altura para facilitar o acesso das crianças pequenas. Em todas as bibliotecas existe muito cuidado com a acessibilidade para os leitores. Tudo pensado para facilitar o acesso aos livros. A experiência de uma biblioteca pode inspirar a outra e assim por diante. No coletivo, todas as questões são pensadas, disse o André: “Nós sempre procuramos fazer com que as bibliotecas sejam aconchegantes. Que cada leitor sinta como se fosse sua casa. Acolhemos as pessoas para que o sentido do pertencimento àquele espaço seja desenvolvido. Dessa forma, as pessoas nos ajudam a pensar, a cuidar, a conviver, a formar leitoras e leitores em nossas comunidades”.

Todos os detalhes da ambientação e dinamização das bibliotecas são pensados e preparados junto com os leitores que frequentam os espaços. Cada estante, prateleira ou expositor ganha um lugar especial para que possam acolher as sementes que abrigam a riqueza diversa construída pela humanidade. Já sabe do que estamos falando? Dos livros de literatura que são como sementes que em terra fértil se espalham rapidamente.

Mas, companheira, se você está achando que tudo são flores, ledo engano. Como qualquer experiência, encontramos também muitos desafios. Um deles, muito significativo, é que, na medida em que as mudanças nos ambientes iam acontecendo, junto com elas, as mediadoras e os mediadores de leitura foram revendo suas concepções sobre biblioteca.

Essa talvez seja, então, nossa maior descoberta na expedição: os espaços das bibliotecas comunitárias são essas terras-solos, vivas, que ressignificam a todo momento e que são feitas de poesia e luta, de resistência e livros, de pessoas diversas e comprometidas com o plantio de um novo tempo por meio da literatura. Territórios que acolhem a todos, promovendo o encontro de crianças, homens e mulheres de todas as idades e etnias, possibilitando ampliação da consciência dos direitos e deveres individuais e sociais, favorecendo uma existência cidadã.

Encontramos uma frase que nos chamou atenção em uma biblioteca que visitamos: “Comum + Unidade = Comunidade que une tudo o que as pessoas têm em comum”. Ficamos pensando na importância de as bibliotecas serem esses espaços comunitários que unem as pessoas e na potência que têm as doze redes locais de leitura que, atualmente, reúnem mais de 100 bibliotecas comunitárias. Foi preciso muita persistência e coragem para preparar o solo, escolher as sementes a serem plantadas e regar com carinho as árvores, para que suas raízes se fortalecessem, se conectassem a outras raízes e formassem o grande rizoma que é a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias, mais conhecida como RNBC. Ainda há muito trabalho a ser feito, mas com tudo o que já foi construído, essa turma segue mais fortalecida do que nunca, na busca pela unidade do que é comum para a maioria das pessoas deste país.

Está sendo emocionante poder contar essa história para você. Estamos felizes por revelar nossos achados e esperamos que tudo isso te inspire. Despedimo-nos, aguardando sua próxima correspondência.

Sinta-se abraçada por nós e até breve!

Jucara, Túlio e Ualeska

A BIBLIOTECA COM A "CARA DA COMUNIDADE" PRECISA DE:

- * Mobiliário: procure adquirir um mobiliário adequado para o público atendido (exemplo: estantes, mesas e cadeiras na altura das crianças);
- * Equipamentos: tente disponibilizar pelo menos um computador para a organização do acervo;
- * Infraestrutura: garanta que o ambiente não tenha mofo e que a pintura, a ventilação e a iluminação sejam adequadas;
- * Ambientação: o principal é o livro. Cuidado com o excesso de materiais decorativos, mas são muito bem-vindos tapetes, almofadas e pufes confeccionados pela comunidade, ou construídos a partir de materiais recicláveis;
- * Dinamização: construa uma programação com atividades atrativas para os diferentes leitores e horários de funcionamento, de acordo com a demanda da comunidade;
- * Visibilidade: coloque uma placa na porta com o nome da biblioteca, de preferência em um local em que as pessoas que estejam passando na rua vejam;
- * Acessibilidade: deixe a porta aberta para a comunidade e possibilite o acesso aos diferentes públicos.

ACERVO: ORGANIZAÇÃO E
DIVERSIDADE

Nº 45

BELO HORIZONTE

13 | 09 | 2017

VAL ROCHA, CARLOS HONORATO,
MÁRCIA CAVALCANTE

“Meus versos é como semente
Que nasce arriba do chão;
Não tenho estudo nem arte,
A minha rima faz parte
Das obras da criação.”

PATATIVA DO ASSARÉ¹²

12. ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto Cá**: Filosofia de um trovador nordestino. Vozes: Petrópolis, 1982.



BELO HORIZONTE, 13 DE SETEMBRO DE 2017

Meu Caro,

Convidamos você para iniciarmos uma jornada por dentro da casca, por dentro do fruto, por dentro de tudo que se lança na terra para germinar. Com o sentimento de que, em terra fértil tudo pode brotar, voltamos da incrível viagem que nos levou a conhecer melhor o processo que gerou tanta riqueza no chão que sustenta as bibliotecas comunitárias.

Vimos te contar que as redes Conexão Leitura, no Rio de Janeiro; LiteraSampa, em São Paulo e Sou de Minas, Uai!, em Minas Gerais são como pássaros, responsáveis pela dispersão das melhores sementes nos solos das bibliotecas. Com a ajuda do tempo, de necessárias doses de dedicação, de orientação, de desprendimento e de generosidade, mediadores de leitura e gestores das bibliotecas aprenderam muito sobre a importância da avaliação, classificação, catalogação e organização dos livros.

Depois dessa experiência, estamos com a bagagem repleta de conhecimentos para repartir. Observamos que, quando a principal intencionalidade é contribuir para a formação leitora de crianças, adolescentes, jovens e adultos, em comunidades com seus direitos básicos negados, não basta apenas ter livros. Mas foi necessário um processo para que mediadores de leitura e gestores das bibliotecas refletissem e atribuíssem novos sentidos aos princípios que definem a escolha dos diversos acervos que são disponibilizados para os leitores nas comunidades. “O acervo deve ser diversificado, de forma a trazer contribuições em diversas áreas do conhecimento. É importante que seja composto pela literatura nacional e internacional e, principalmente, pela literatura local”, disse, orgulhosamente uma mediadora de leitura.

Descobrimos que os livros são como as sementes – unidades de dispersão das plantas que para exercerem seu papel contam com uma variada gama de estratégias. Algumas sementes, por exemplo, são transportadas pelo vento. Outras, pela água ou por organismos vivos. Existem ainda aquelas que são literalmente lançadas para fora do fruto, por meio de processos explosivos. O que nos lembra de nosso querido poeta baiano:

“Oh! Bendito o que semeia
Livros à mancheia
E manda o povo pensar!
O livro caindo n’alma
É germe – que faz a palma,
É chuva – que faz o mar!”

CASTRO ALVES¹³

“Semear livros à mão cheia” é a imagem que fica nos nossos corações quando pensamos em constituir um acervo de qualidade em bibliotecas. Mas essa tarefa não é fácil, você deve imaginar, ainda mais quando falamos em bibliotecas comunitárias onde não estão garantidos, pelo poder público, os recursos humanos e financeiros para assegurar a aquisição, manutenção, atualização, empréstimos dos acervos e funcionamento dos espaços.

Inicialmente, os integrantes das redes achavam que a maior riqueza era ter as prateleiras e estantes abarrotadas de livros, muitas vezes recebidos por doações de diversas pessoas das comunidades. Foi dolorido compreender que, a maioria dos livros daqueles acervos não cumpria com a primordial função de ser semente, de povoar a cabeça das pessoas favorecendo diferentes formas de ver, de viver, de ser e de estar no mundo.

Mas a boa notícia é que, com a organização das bibliotecas em rede, houve um investimento na realização sistemática de encontros de formação sobre acervos e literatura, e com isso mediadores de leitura e gestores das instituições começaram a entender sobre a relevância de descartar alguns tipos de livros, já que não tinham uso recorrente naquela comunidade, ou eram livros que não estavam em estado adequado para o uso. Daí para frente, esses grupos começaram a pensar na realidade e no contexto em que cada biblioteca estava inserida para refletir sobre que tipo de acervo gostariam de ter nas estantes.

Quando o foco passou a ser a literatura, o processo de descarte de livros didáticos aconteceu em todas as redes. Mediadores de leitura e gestores foram se dando conta que os livros literários eram as pedras preciosas do trabalho que faziam. Assim, foram saindo das bibliotecas pilhas e pilhas de livros didáticos. Você não imagina como foi difícil esse processo de desapego comum para todos. Primeiro, porque existia um afeto pelos livros que estavam nos espaços. Depois, pelo

13. ALVES, Castro. Espumas Flutuantes. In: **Poesias Completas**. São Paulo: Ediouro, s.d. (Prestígio).

medo de que as estantes ficassem esvaziadas e, por último, mas não menos importante, seria preciso arranjar uma destinação para aquele material todo. Mas hoje, os coletivos têm maturidade para falar sobre isso sem sofrimento. E os livros didáticos passaram a ocupar as salas de aula, lugar onde devem estar para cumprimento de sua função e as bibliotecas comunitárias se tornaram espaços que acolhem maior quantidade de livros de literatura. Irrigação para brotar todas as sementeiras de norte a sul do Brasil.

Junto com isso, outra descoberta interessante, que não podemos deixar de mencionar, foi o movimento que os coletivos fizeram para que as comunidades compreendessem o valor dos livros na sua vida. Assim, os próprios moradores começaram a sugerir as obras que poderiam estar nos acervos. Como nos afirmou Bárbara Furtado, mediadora de leitura da biblioteca Atelier das Palavras, na comunidade da Mangueira, no Rio de Janeiro: “O acervo é a identidade do espaço. A comunidade vai se identificando cada vez mais com a biblioteca, quando participa da escolha dos livros que estarão lá”.

Querido, nos bateu uma dúvida aqui, agora: você já plantou alguma semente? Já teve o prazer de acompanhar o crescimento de uma planta? Se a sua resposta for positiva, deve saber que todo plantio precisa de cuidados específicos. É necessário saber sobre a melhor época para cultivar cada semente, ter espaço e quantidade de terra suficientes, saber quantas sementes devem ser colocadas em cada lugar, proteger, cuidar, regar na dose adequada, oferecer a luminosidade certa para cada tipo de planta etc.

Com o processo de organização dos acervos das bibliotecas também é assim. É indispensável conhecimento e maestria para cultivar, para cuidar dos livros. O que vimos, em todas as redes que visitamos, é que esse trabalho exigiu, além de tempo, muita disposição e tomada de decisões coletivas, para que procedimentos específicos pudessem ajudar a todos nessa tarefa desafiadora. Destacamos aqui que a contratação de um profissional para cada rede, para ajudar nos processos de desenvolvimento dos acervos, foi uma decisão fundamental, uma mudança estratégica. Chegou a hora de construir conhecimentos junto com um bibliotecário, em um ciclo de aprendizagem recíproco.

Beethoven Lima, integrante da rede Conexão Leitura, lembrou que “durante muito tempo a rede não teve recurso financeiro para remunerar bibliotecários, e, mesmo tentando articular com as universidades e com os conselhos de biblioteconomia para apoiar o coletivo, não avançamos. Mas isso não nos desanimou. Desenvolvemos diversas estratégias para garantir uma boa gestão dos acervos e

tudo, inicialmente, acontecia de forma autodidata. Muitos foram os avanços. Somos persistentes e continuamos insistindo nas incansáveis articulações com os departamentos dos cursos de biblioteconomia nas universidades e com os Conselhos Regionais de Biblioteconomia (CRB's) e Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB). Aos poucos, seguimos superando esses desafios”.

Acreditamos que um dia a comunidade acadêmica reconhecerá que as bibliotecas comunitárias são locais de excelência para que os alunos façam seus estágios curriculares e suas pesquisas. Isso dará visibilidade a toda essa riqueza de conhecimentos desenvolvidos pelas redes de bibliotecas comunitárias.

Veja bem o que nos contou Cleide Moura, mediadora de leitura da rede Sou de Minas, Uai!: “Não era alguém para tomar conta das bibliotecas. A bibliotecária precisaria vir com um novo olhar. Com o olhar específico para bibliotecas comunitárias. Essas profissionais não poderiam ter resistência em descartar alguns livros e perceberem que mais importante do que tomar livros é facilitar o acesso; que a classificação dos gêneros literários está relacionada à forma de organização dos mesmos nas estantes; que era preciso ter disponibilidade para cortar e colar fitas de cetim e escrever nas lombadas dos livros etc. Os valorosos saberes dessas profissionais foram extremamente relevantes para que pudéssemos avançar na organização do acervo e facilitar os empréstimos de livros para crianças, adolescentes, jovens e adultos das comunidades”.

É, meu caro, quanto amadurecimento encontramos nessas andanças. Para os gestores é um casamento perfeito: a contribuição dos bibliotecários no desenvolvimento das bibliotecas e as experiências delas na formação e atuação desses profissionais. Um potencializa o outro. Lembra-nos do quanto a terra potencializa a semente e vice-versa.

É bonito perceber o quanto essa turma valoriza e luta para garantir esse trabalho específico, realizado pelos bibliotecários em parceria com os mediadores de leitura. Contar com esses profissionais é de suma importância para que o trabalho caminhe com mais qualidade e embasamento. Outro ponto a destacar é que as ações de mediações de leitura retroalimentam o acervo, quanto mais se amplia os conhecimentos sobre autores, mais sentimos a necessidade de qualificar e diversificar os livros nas estantes.

Enquanto te escrevemos nos veio a imagem dos bibliotecários e dos mediadores de leitura como jardineiros, agricultores. Cada um foi regando aos poucos seu jardim, suas plantações e novas ideias floresceram: qualificaram os critérios de seleção dos acervos;

os conhecimentos sobre gêneros literários; os processamentos técnicos para catalogação; as estratégias, tanto para a conservação e recuperação dos livros, como para o registro de todas as orientações e as definições sobre gestão do acervo (convertidos em um manual de procedimentos de cada biblioteca); a organização e a disposição dos livros nas estantes; o número de livros para empréstimo por pessoa; o tempo de devolução. Enfim, uma infinidade de aprendizados! E o mais bacana, amigo, é que todas essas reflexões, feitas de maneira coletiva, foram essenciais para melhorar ainda mais o trabalho de assessoria dos bibliotecários.

Durante nossas viagens também identificamos outro avanço recorrente no que diz respeito à melhoria das estratégias para a composição dos acervos. Entre eles, estava a consulta às recomendações feitas por instituições de referência na área do livro e leitura e às listas de pedidos feitos pelos leitores nas bibliotecas. Você já imaginou que coisa boa: as próprias crianças, adolescentes e jovens, leitores das bibliotecas, indicando os livros que deveriam ser comprados? Muitas bibliotecas têm em seus espaços caixinhas de sugestões, nas quais os leitores depositam papéis escritos com suas propostas de livros a serem adquiridos.

Com isso, percebemos que as identidades dos acervos disponíveis nas bibliotecas comunitárias contemplam a diversidade literária produzida pela humanidade nos seis continentes, sem deixar de destacar a produção local, que é procurada e acessada pelas pessoas de cada lugar onde está inserida. Mais do que comportar grandes clássicos, ou livros importantes de referência, o acervo vai sendo formado pelo desejo, pela curiosidade e pelo protagonismo dos leitores das bibliotecas. Portanto, quanto maior a diversidade, mais possibilidade de identificação das pessoas.

Os livros são como sementes caindo na terra, em diferentes profundidades, de acordo com seus tamanhos, pesos, formatos, texturas, coloração e que carregam em si toda a potência de transformação em qualquer lugar que brotem.

Depois de termos desvendado tanta riqueza, você não ficou curioso para saber como essa turma consegue comprar seus acervos? O grupo contou que, de forma geral, as redes se articulam e conseguem seus livros através de doações. Elas são feitas a partir de campanhas que orientam sobre o tipo (gênero literário) e o estado de conservação dos livros.

Cido Cruz, integrante da rede LiteraSampa, lembrou que “os resultados das primeiras campanhas que foram realizadas pelas redes deram um susto em todo mundo, pois alguns livros doados não serviram para as bibliotecas. Chegaram livros de todos os tipos e muito

adoecidos, maltratados pelos fungos, além de terem vindo muitos livros didáticos”.

Com essa problemática, as bibliotecas desenvolveram novos caminhos para analisar e fazer triagem dos livros doados. As doações começaram a passar por uma verificação do seu estado físico e da sua natureza (se era literatura ou outro tipo de livro: teórico, didático etc.). No caso dos livros de referência, passaram a avaliar se eles têm mais de cinco anos de publicação. Fizeram também consultas nos acervos das bibliotecas para checar se já tem ou não determinado título, entre outras estratégias.

Se você se interessar, pode procurar a biblioteca comunitária integrante de uma das redes mais próxima de sua casa e, ao chegar lá, peça para consultar o manual de procedimentos e no tópico sobre política de recebimento de doações de livros, você encontrará tudo bem explicadinho.

“Quando se trata de estimular o gosto pela leitura, o ideal é ter um acervo amplo e variado, que permita o acesso a diferentes gêneros, autores e informações.” Essas foram as palavras da semente que estava nas mãos de Rafael Mussolini, da Rede Sou de Minas, Uai!.

“Eu bem sabia que nossa visão é um ato poético de olhar.

Assim aquele dia eu vi a tarde desaberta nas margens do rio.

Como um pássaro desaberto em cima de uma pedra na beira do rio.

Depois eu quisera também que a minha palavra fosse desaberta na margem do rio.

Eu queria mesmo que as minhas palavras fizessem parte do chão como os lagartos fazem.

Eu queria que minhas palavras de joelhos no chão pudessem ouvir as origens da terra”.

MANOEL DE BARROS¹⁴

Companheiro, guiados pelo poema do Manoel de Barros, contaremos agora sobre mais uma descoberta, nessa rota com tesouros. As bibliotecas comunitárias utilizam um sistema para classificação dos seus acervos que valerá a pena conhecer. Foi esse sistema que orientou toda a organização e sinalização dos livros nas estantes das bibliotecas, de forma a favorecer a autonomia de leitores e, ainda, contribuir com a formação leitora daqueles que frequentam

14. BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. Editora Leya: São Paulo, 2010.

as bibliotecas. Esse sistema foi desenvolvido pela bibliotecária Cida Fernandez, do Centro de Cultura Luiz Freire (Olinda, Pernambuco) e se chama “Sistema de Classificação por Cores para Acervos Literários de Ficção e Poesia”¹⁵.

Os mediadores e bibliotecários dedicaram muito tempo para estudar sobre a aplicação desse sistema nas bibliotecas. Para ajudá-los a entender melhor todo o processo, escolhemos alguns trechos do material desenvolvido por Cida, para compartilhar com você: “Todo sistema de classificação é uma escolha. No caso deste sistema, a principal escolha foi a de permitir e promover a autonomia dos leitores enquanto sujeitos de direito, e, portanto, o seu desenvolvimento como sujeitos políticos, capazes de compreender o seu papel, de fazer escolhas, de transformar. Trata-se, assim, de um sistema cuja opção é a democratização do conhecimento para a realização da cidadania ativa, ou seja, da participação social ativa das pessoas. A segunda escolha foi a de construir esse sistema com os diversos tipos de organizações e profissionais com os quais atuamos na formação de mediadores e gestores de bibliotecas e salas de leitura. Assim, priorizamos o método não só como uma ferramenta para a democratização do acesso ao livro e à leitura nas escolas e bibliotecas, mas também como poderosa ferramenta para a qualificação de mediadores de leitura, profissionais que atuam em bibliotecas/salas de leitura, educadores e professores de escolas comunitárias e públicas, como gestores desses espaços de leitura”.

Então, com isso, lapidamos mais uma pedra preciosa: o processo de classificação dos acervos literários contribui de forma direta para formação leitora dos mediadores de leitura, bibliotecários e de quem se disponibilizar a participar da brincadeira. É nessa brincadeira “séria”, porém gostosa, que os livros de leitura infantil, juvenil e literatura para adultos são separados, levando em consideração os seus gêneros. Há também uma preocupação, por parte do sistema de classificação e das bibliotecas, em destacar os livros de literatura indígena, africana e afro-brasileira, sendo assim uma atitude política de valorização cultural desses povos. Para cada tipo de público a quem se destina o acervo e seus respectivos gêneros literários, os livros ganham fitinhas de cetim coloridas nas lombadas. Além disso, recebem outras informações específicas em uma etiqueta. E, com isso, um grande arco-íris invade a biblioteca. Parece simples, não é?

15. FERNANDEZ, Cida. **Os desafios da organização técnica de acervos literários**: algumas dicas para a construção de uma “classificação amigável”, Olinda, 2008. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/os-desafios-da-organizacao-tecnica-de-acervos-literarios-algumas-dicas-para-a-construcao-de-uma-classificacao-amigavel>>. Acesso em: 29 maio 2018.

É mesmo, mas existem muito mais ações e atividades envolvidas nesse processo. Para colocar em prática essa metodologia, os integrantes das redes precisaram de formação e acompanhamento específico para entender a lógica da classificação e suas contribuições para a formação leitora. Cada semente deverá estar na sua devida sementeira.

Para classificar seus acervos, as equipes das bibliotecas precisaram fazer uma leitura atenta identificando, a partir de uma tabela de descritores, as características das obras, primeiro relacionadas ao público prioritário (infantil, juvenil ou adulto), a partir do seu desenvolvimento leitor; e, a seguir, de cada gênero/estilo literário para então agrupá-los em uma categoria: romance, terror, crônica etc. Essa classificação é indicada na lombada do livro com fitas de cetim coloridas, que também devem seguir um procedimento metodológico para garantir a consistência do Sistema.

Em seguida, vem o processo de catalogação dos acervos onde os livros são registrados em um sistema informatizado. Lá, são colocadas todas as informações sobre os livros: nomes dos autores e ilustradores, o título, a quantidade de exemplares daquele livro e outras informações que ajudam na descrição dos conteúdos.

O passo seguinte faz toda a diferença para a formação leitora. Estamos falando da organização dos livros nas prateleiras e estantes. Os mediadores de leitura organizam os livros de uma forma que seja convidativa e que estimule a autonomia dos leitores e para que haja facilidade em seu manuseio. A fala de mediadora de leitura Ana Claudia, da rede LiteraSampa ilustra bem esse processo: “A partir do momento que você consegue organizar de uma forma que aperfeiçoa seu desempenho na Biblioteca, isso faz uma diferença enorme; não só para os mediadores do espaço, mas para os leitores também. A organização nas estantes ajuda o leitor a manusear de forma mais prática e autônoma o acervo”.

Os livros ficam organizados agrupados por acervo infantil, juvenil ou adulto, e cada um desses acervos é classificado pelos gêneros literários (fitas coloridas), seguidos das três primeiras letras do sobrenome dos autores e as três primeiras letras do título. Além das fitinhas coladas nas lombadas dos livros, também tem a sinalização nas estantes e de forma bem visível. Em cada biblioteca, fica exposto um painel que orienta o público de leitores sobre os gêneros literários, as cores das fitinhas e a que público ele se destina. Quanto trabalho, não é? Mas vale muito a pena ter um acervo muito bem organizado para que os leitores tenham cada vez mais autonomia!

Faltou contar sobre como as bibliotecas comunitárias fazem para informatizar seus acervos. Nesse aspecto, todas as bibliotecas já tinham,

antes de se articularem em rede, alguma forma de sistema, plataforma ou até mesmo planilhas no Excel. As redes locais foram escolhendo programas que atendessem às suas necessidades.

A rede Conexão Leitura e a rede Sou de Minas, Uai! utilizam o Programa Biblioteca Fácil, um software que os integrantes dessas bibliotecas consideram prático e que atende a necessidade deles. Já a rede LiteraSampa utiliza a plataforma da empresa Docs e Bytes, chamada Alexandria, que tem como diferencial viabilizar o trabalho em rede. O sistema possibilita acessar o acervo de todas as bibliotecas da rede e os dados de empréstimo por leitor, o que aperfeiçoa e padroniza os processos de catalogação do acervo. Também é importante lembrar que existem outras plataformas livres ou pagas que as demais redes da RNBC escolheram de acordo com suas necessidades e realidades, a exemplo do Biblivre – software livre desenvolvido com o apoio do Ministério da Cultura e Itaú Cultural, que vem sendo utilizado em algumas delas.

“Em relação à catalogação, o grande avanço foi termos definido realmente um sistema em rede, nele, podemos verificar quantos títulos a biblioteca possui e quais foram os títulos mais lidos em determinado período. Isso facilita muito o trabalho da mediadora de leitura, que fica informada sobre qual o acervo que tem na biblioteca e consegue orientar seus leitores a pegarem os títulos que desejam. Você consegue procurar um título por assunto, por autor, então é um grande ganho ter seu acervo totalmente automatizado”. Foi o que nos contou Luciana Maciel, integrante da rede LiteraSampa.

Para realizarem todas essas atividades de classificação, catalogação e organização dos livros, a galera realiza os famosos mutirões, que envolvem, além dos profissionais das equipes de cada biblioteca, as crianças, jovens e adultos das comunidades que atuam como voluntários. Imagina só todo esse povo ajudando a cuidar do acervo das bibliotecas!

“Eu conheci meu acervo a partir do momento que o cataloguei e fazer isso no mutirão com muita gente ajudando é uma delícia”, conta Cleide Moura, da rede Sou de Minas, Uai! Raquel Tortelli, da rede LiteraSampa reafirma: “o mutirão mostra a necessidade de conhecer nosso acervo, porque muitas vezes a gente não tem conhecimento de tudo que nós temos e, ao organizá-lo, vamos descobrindo as maravilhas que tem lá e, com isso, cada vez mais gente vai se tornando leitora”.

Então, amigo, semeamos para você uma lição que aprendemos nessa expedição: nunca desista de espalhar sementes. Paciência e persistência são palavras chaves para ter sucesso na plantação. Nesse jardim, onde os livros brotam como sementes na vida de quem os lê,

mediadores de leitura nunca saberão qual a espécie de planta que brotará em cada relação livro-leitor. Mas uma coisa é certa: as sementes carregam em si toda a potência das árvores que virão a ser!

“Quando você tem conhecimento, você vê além da capa do livro, você aprofunda outras informações importantes e pode indicar o livro com mais conhecimento sobre ele”, disse-nos Valdete Santos, da rede Sou de Minas, Uai!, quando nos revelou como gosta de sugerir indicações de livros para os leitores.

A relação entre os livros e seus leitores nos lembra Rubem Alves¹⁶: “Os livros que amo não me deixam. Caminham comigo. Há os livros que moram na cabeça e vão se desgastando com o tempo. Esses, eu deixo em casa. Mas há os livros que moram no corpo. Esses são eternamente jovens. Como no amor, uma vez não chega. De novo, de novo, de novo”.

É com o frescor dos livros que moram no corpo que nos despedimos, certos de que, como sementes, os livros, em relação direta com os leitores, fazem brotar uma sociedade leitora.

Avante pela democratização da leitura literária!

Uai, Carlos e Márcia

16. ALVES, Rubem. Sob o feitiço dos livros. Crônica de jornal. In: **Folha de S.Paulo**: 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u727.shtml>>. Acesso em: 29 maio 2018.

SE VOCÊ JÁ TEM O ESPAÇO DA BIBLIOTECA COM A "CARA DA COMUNIDADE" É HORA DE PENSAR O ACERVO!

- * Priorize a literatura;
- * Tenha livros de autores locais, nacionais e estrangeiros;
- * A qualidade do acervo está na diversidade, para atender todos os gostos;
- * Organize os livros separando em: literatura infantil, juvenil e adulto e por gêneros literários;
- * Sinalize os livros por cores – buscando um método de referência e planeje antes de iniciar;
- * Procure um sistema informatizado para a catalogação;
- * Autonomia do leitor: liberdade de escolha e facilidade de acesso aos livros;
- * Biblioteca viva é biblioteca que empresta muitos livros;
- * Tenha critérios para aquisição e doação: compra de livros atualizados, ouça os desejos dos leitores, livros raros podem ser doados para centros de pesquisas ou bibliotecas públicas;
- * Tenha critérios para o descarte: livros mofados, rasgados, deteriorados, desatualizados (os livros descartados podem ser vendidos como papel para reciclagem).

MEDIAÇÃO: INTENCIONALIDADE E PLURALIDADE

Nº 58

SÃO PAULO

27 | 09 | 2017

CARLOS HONORATO, MÁRCIA
CAVALCANTE, TÚLIO DAMASCENA

“Por que as árvores são seres tão sociais? Por que compartilham seus nutrientes com outras da mesma espécie e, com isso, ajudam suas concorrentes? Os motivos são os mesmos que movem as sociedades humanas: trabalhando juntas elas são mais fortes. Uma única árvore não forma uma floresta, não produz um microclima equilibrado; fica exposta, desprotegida contra o vento e as intempéries. Por outro lado, muitas árvores juntas criam um ecossistema que atenua o excesso de calor e de frio, armazena um grande volume de água e aumenta a umidade atmosférica – ambiente no qual as árvores conseguem viver protegidas e durar bastante tempo.”

PETER WOHLLEBEN¹⁷

17. A WOHLLEBEN, Peter. **A vida secreta das árvores**. Editora Sextante: Rio de Janeiro, 2017.



SÃO PAULO, 27 DE SETEMBRO DE 2017

Parceiro

Como vai você? Quanto tempo que não nos falamos... O que anda fazendo por aí?

Hoje, em muitos lugares do Brasil, celebra-se o dia de São Cosme e Damião. Dia em que encontramos, pelas ruas das cidades e do sertão, crianças de todas as idades, classes sociais e etnias pegando doces e lambendo os beijos de alegria. Tem isso aí na sua cidade? É com essa doçura, que escrevemos essa correspondência para você.

Fomos muito além daquilo que os nossos olhos puderam enxergar, nossos ouvidos puderam escutar e nossa pele pôde sentir. Como viajantes, exploradores incansáveis, não medimos esforços para encontrar um tesouro muito específico, talvez o mais importante desta expedição: quais são as experiências exitosas de mediação de leitura utilizadas pelos mediadores nas bibliotecas comunitárias?

Conhecemos as histórias de mulheres e homens que se dedicaram a transformar suas comunidades e suas vidas nas redes Conexão Leitura, no Rio de Janeiro, LiteraSampa, em São Paulo e Redes de Leitura – Bibliotecas Comunitária de Porto Alegre.

Após as viagens, levamos tempo para acomodar tudo que ouvimos, vimos e sentimos. E hoje nos veio uma linda imagem, que talvez represente um pouco de tudo que descobrimos. Uma árvore frondosa, carregada de livros, com meninos e meninas lendo. Como quem se delicia com a fruta que pega no pé, as crianças se lambuzando de literatura de qualidade.

Para essa árvore estar assim, os mediadores de leitura nos contaram que muitas coisas tiveram que acontecer. Nas nossas primeiras conversas logo falaram sobre o papel das formações sistemáticas que tiveram, ao longo desses doze anos de trabalho, nas quais abordaram temas como: a importância da leitura, da literatura e sua diversidade, as diferentes concepções de bibliotecas e a necessidade de luta pela garantia do direito humano ao livro, à leitura e à literatura. Esse talvez seja um dos aspectos mais relevantes para

o desenvolvimento das ações de mediação de leitura nas bibliotecas comunitárias brasileiras: criar espaços específicos de formação de mediadores de leitura. Até porque ninguém nasce mediador, como ninguém nasce leitor, não é mesmo? São práticas sociais que exigem tempo e dedicação.

Ah, querido... O trabalho de democratização da leitura e escrita nas comunidades onde essas bibliotecas estão inseridas é permanente. Os mediadores de leitura têm muita clareza de que, para contribuir para a formação leitora em suas comunidades, é fundamental que seja garantido um conjunto de ações que envolvem, entre outras questões, a qualificação do espaço físico da biblioteca, do acervo e do trabalho das pessoas que movimentam todo esse processo. Tudo é orgânico e dinâmico como uma floresta, na qual cada espécie ocupa um lugar e uma função relevante para o sistema funcionar.

“Um livro parado em uma estante é como um objeto qualquer. Ele só se tornará literatura a partir do momento em que alguém o pegue, o abra e comece a ler as suas palavras ou imagens. Dessa forma, alguma coisa diferente começa a acontecer”. Foi o que nos revelou Carlos Honorato, mediador de leitura que há oito anos pendura com barbante livros de literatura nas árvores do quintal da biblioteca, para que crianças de todas as idades sintam desejo de ler e alcancem os livros como fruta no ponto.

Mas o que será que esses mediadores entendem por leitura? Bruno Souza, da rede LiteraSampa falou sobre os estudos e conversas que o grupo teve para alinhamento dos conceitos sobre leitura: “Entendemos a leitura para além de decodificação de palavras. Acreditamos que a leitura literária oferece aos indivíduos a possibilidade de transitar para além das fronteiras do real, possibilitando aos mesmos vivenciarem momentos de fabulação e prazer. Assim podemos realizar uma leitura para recriar e reescrever o mundo”.

Essa fala nos lembrou da admirada Michèle Petit¹⁸, escritora, pesquisadora e antropóloga francesa, muito citada nas nossas conversas. A autora tem pelo menos três livros publicados no Brasil, que discutem a importância da leitura e das práticas de mediação. Veja só o que ela diz: “A leitura é uma experiência singular. E que, como toda experiência, implica riscos, para o leitor e para aqueles que o rodeiam. O leitor vai ao deserto, fica diante de si mesmo; as palavras podem jogá-lo para fora de si mesmo, desalojá-lo de suas certezas, de seus

18. PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**. Tradução de Celina Olga de Souza. Editora 34. 2a ed: São Paulo, 2009.

‘pertencimentos’. Perde algumas plumas, mas eram plumas que alguém havia colado nele, que não tinham necessariamente relação com ele. E às vezes tem vontade de soltar as amarras, de mudar de lugar”.

Esse pensamento nos ajudou a responder algumas perguntas que levamos na bagagem: Quem é o profissional mediador de leitura? Qual a importância dele no processo de formação dos leitores? Quais são as suas atribuições? Ele tem uma formação específica? Quais as suas inspirações?

“No contexto de trabalho nas bibliotecas comunitárias temos a premissa que o mediador de leitura é o sujeito que facilita o processo de formação de leitor. Ele é o sujeito que cria um ambiente favorável para que o leitor em potencial se sinta à vontade para iniciar a viagem no universo da leitura e da literatura. Ressaltamos também que para ser um mediador de leitura é fundamental gostar de ler literatura e se dispor a compartilhar sua experiência leitora com os demais”. Carlos Honorato, da rede Conexão Leitura, nos emocionou com essa fala, que vibrava por todo o seu corpo.

Aqui nos lembramos da fala de nossa querida Cida Fernandez, do Centro de Cultura Luiz Freire (PE), que nos inspira quando afirma que “para o mediador, o primeiro passo é ele mesmo construir sentidos a partir da leitura, para depois ser capaz de sugerir textos, coordenar discussões, apontar aos leitores possibilidades de ampliação de sua competência leitora, fazendo da prática de leitura uma abertura para a multiplicidade de discursos e sentidos, levando-os a construírem seus próprios significados sobre o que leem”. Bonita e de muita responsabilidade a função desses profissionais, não é?

Mas você deve estar curioso para saber, afinal, como esses mediadores de leitura se organizam e desenvolvem suas propostas de trabalho. As atividades são estruturadas a partir de um tripé que articula a formação de mediadores de leitura, o planejamento das ações de leitura de acordo com o público para quem se destina e a diversidade das práticas de mediação realizadas. O mais encantador é que cada rede local encontrou um caminho para desenvolver esses aspectos, dentro de suas realidades e especificidades.

Na rede Conexão Leitura, por exemplo, os mediadores de leitura procuraram participar de cursos de formação na área do livro e leitura oferecidos na cidade do Rio de Janeiro. Realizaram também um troca-troca interno, compartilhando entre si as experiências que obtiveram sucesso em suas bibliotecas. Já na rede LiteraSampa, temos o exemplo da Biblioteca Caminhos da Leitura, que vem realizando um curso de mediação de leitura voltado para os jovens do entorno da biblioteca, com a finalidade de possibilitar que eles se tornem multiplicadores

do conhecimento construído, aplicando-os em seus territórios. O diálogo e o intercâmbio dos mediadores da rede também foram de suma importância para o aperfeiçoamento do trabalho de mediação de leitura.

Alguns depoimentos deixam bem claro o quanto as trocas fortalecem a formação e qualificam a prática dos mediadores de leitura. Bruno Sousa, mediador do LiteraSampa, nos explica que “a biblioteca comunitária, nessa formação de mediação de leitura, ganha um novo sentido para além de ler o livro que é reconhecer o objeto livro como obra de arte importante na formação humana”. Da mesma forma, Carlos Honorato, mediador do Conexão Leitura, afirma que “os mediadores de leitura sempre que podem estão trocando experiências sobre as ações exitosas de fomento à leitura. Criamos um grupo específico dos mediadores de leitura e elaboramos também um modelo de planejamento e relatórios das ações desenvolvidas. Assim a gente pode ler e se aproximar do que o outro desenvolveu em sua biblioteca e replicar o que obteve sucesso”. Não é incrível? Um mediador ajudando o outro. Como na floresta que uma árvore ajuda a outra.

Nossa aventura percorreu diversos lugares no Brasil. Vamos agora sair um pouco do eixo Rio-São Paulo, para te contar histórias da Redes de Leitura, de Porto Alegre. Lá, eles planejam as ações em três momentos: sensibilização (formas alternativas para chamar para a leitura); a mediação de leitura em si (definida conforme o público e/ou o tipo de narrativa que será lida) e ação cultural (utilização de diversas formas de expressão artística). Dessa forma, a literatura conversa com outras linguagens da arte, como a música, a dança, o teatro e as artes visuais e as bibliotecas vão se fortalecendo como um espaço de produção de cultura local.

Assim como no Sudeste, também encontramos no Sul um destaque para a importância da formação de mediadores de leitura. Lá eles contam com profissionais que fazem um acompanhamento específico e organizam as “Jornadas de Formação” – encontros, organizados em um calendário anual, onde são abordados temas escolhidos pelos mediadores de leitura. O objetivo é ampliar o repertório literário de cada mediador de leitura e oferecer suporte às estratégias de mediação, diante da diversidade dos gêneros literários, com destaque para a literatura indígena, a literatura africana e afro-brasileira.

Maria Fernanda Viegas, desta rede, nos contou sobre as mudanças ao longo do tempo: “Houve um amadurecimento, pois no início as pessoas que participavam da rede não liam muito. A vivência e a formação continuada trouxeram cada vez mais melhorias no serviço e nas pessoas. Houve uma desconstrução de mitos e inverdades à medida

que os mediadores foram se formando. Ao longo desse tempo, cada educador que passou na rede saiu melhor. Tudo se ressignificou”.

Pois é, leva tempo para se tornar um mediador de leitura.

Assim como leva tempo para uma árvore ser frondosa e exuberante, fincada e enraizada, gerando flores e frutos, espalhando sementes. É imprescindível ter persistência e acreditar que, com o tempo e com um trabalho permanente, leitores se transformam em mediadores de leitura. E hoje, a partir do que vimos, podemos exclamar: essa turma das bibliotecas comunitárias está criando uma linda floresta, repleta de árvores fortes que são os mediadores de leitura, que com terra garantida, se fincam (no espaço da biblioteca) e lutam para germinar, crescer e espalhar suas sementes (livros). Nossa imagem não apareceu em vão. Veja ela se materializando aí!

Sentados debaixo de uma enorme mangueira lemos o livro do *Prazer em Ler*¹⁹, de 2006 e nos encantamos com essa ideia: “Os mediadores estão no meio, no meio do caminho, no meio da atividade, no meio da vida: são presentes, mas não eternos e objetivam autonomia dos aprendizes. O mediador será sempre um animador, alguém que põe ânimo e alma no que faz. Mediar pode significar, também, o exercício de dar espaços às vozes existentes nos aprendizes”.

Aprendemos que “a mediação de leitura é uma ação voltada ao diálogo e que precisa acontecer a partir da exposição de ideias. Isso é algo que, muitas vezes, pode envolver conflito de opiniões, mas que garante a multiplicidade de visões sobre o que é lido. A mediação deve também abrir espaço para que o vivido internamente pelo leitor seja confrontado com o contexto da literatura e do mundo. Mediação implica necessariamente em relação, em respeito pelo outro, pois não se pode mediar apenas como se fosse tornar acessível algo que não é conhecido, e sim, fazendo com que esse ‘algo’ ganhe sentido na vida de cada um”. O pessoal de Porto Alegre nos contou que “toda atividade de mediação tem uma intencionalidade clara e, por esse motivo, é fundamental que sejam construídos os planejamentos”.

Sobre o processo de construção dos planejamentos, a mediadora Lucineia Aparecida da rede LiteraSampa resgatou: “antes do entendimento da importância da mediação de leitura, em alguns casos, as ações eram desenvolvidas no improviso, não havia um planejamento prévio das ações de fomento à leitura. Depois do processo de formação, começamos a

19. GARCIA, Edson Gabriel (org.). **Prazer em Ler**. Instituto C&A, São Paulo: 2006. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/prazer-em-ler-um-roteiro-pratico-poetico-para-introduzir-qualquer-um-e-quem-quiser-nas-artes-e-artimanhas-das-gostosices-da-leitura-vol-1>>. Acesso em: 29 maio 2018.

entender várias coisas: a importância de dialogar com a comunidade e com o público frequentador do espaço; conhecer o que gostam de ler; planejar junto com eles as atividades da biblioteca; e ter como ponto de partida as necessidades das crianças, adolescentes jovens e adultos da comunidade”.

Com isso, não temos dúvidas: o que fortalece as ações de mediação de leitura nas bibliotecas comunitárias é o diálogo constante com as necessidades dos moradores das comunidades nas quais estão inseridas. A partir dessas experiências começaram a surgir algumas perguntas no momento de planejar as atividades de mediação de leitura que seriam feitas: “O que fazemos tem sentido para o público que frequenta as bibliotecas? Que atividades diversificadas podem ser propostas para que a maioria dos moradores participe? Como podemos atender públicos diferentes? De que maneira aproximamos mais gente para frequentar as bibliotecas?”.

E o que vimos? Ah... que cada rede foi redescobrimo seus próprios caminhos para responder essas inquietações. A partir de suas práxis, cada uma a seu modo e no seu tempo foi criando estratégias específicas de mediações de leitura diversificadas. Nessas terras férteis não existe a melhor forma de apresentar um texto ou um livro. Existem diferentes maneiras de partilhar as leituras, de indicar um livro, de conversar sobre o que estamos lendo naquele momento ou simplesmente de ouvir e ler as pessoas, seus sentimentos, pensamentos e emoções.

Na rede LiteraSampa, uma estratégia de mediação de leitura que faz sucesso até hoje é uma atividade chamada “O Sarau do terror”, que acontece em dois lugares – na biblioteca que fica localizada no terreno de um cemitério e em algumas Unidades Básicas de Saúde.

Já a rede Conexão Leitura tem a experiência de realizar uma atividade chamada “Biblioteca Itinerante”, na qual os mediadores montam um espaço de leitura em um local movimentado da comunidade para realizar leituras para crianças, jovens e adultos. É uma forma de disseminar a leitura literária e divulgar o trabalho das bibliotecas. Dessa forma, os moradores podem se aproximar do livro e da leitura.

Assim, vimos que as bibliotecas comunitárias criaram uma ciranda de experiências de mediação de leitura. Cada rede foi encontrando uma forma de aproximar a leitura literária dos moradores de suas respectivas comunidades, desenvolvendo também as mediações de leitura diárias como roda de leitura, leitura compartilhada, leitura temática, entre tantas outras. E o mais incrível é que todas essas ações juntas contribuem diretamente na formação de leitores!

A intenção do trabalho de mediação de leitura é sempre unir o prazer, o incômodo, a alegria, a incerteza, a raiva, a mansidão, a dúvida, a afirmação, os questionamentos. Tudo aquilo que a literatura nos proporciona e nos move por dentro, um universo infinito de possibilidades.

As florestas também são esse universo infinito de possibilidades! Há uma grande diversidade de árvores que cooperam para manter vivo e abundante seu ecossistema, seus troncos, seus galhos, suas folhas, suas flores, seus frutos e suas raízes, a matéria orgânica que depositam no solo, suas sementes que multiplicam a vida e, principalmente, pela fotossíntese que produzem continuamente. Essa, amigo, é uma das mágicas da natureza, assim como é fascinante o trabalho dos mediadores de leitura. As árvores são como alquimistas e, a partir de sua fotossíntese, transformam a luz do sol em nutrientes para ela e para todos os seres da natureza. Sem elas, não existiríamos. Quanta generosidade e quanta abundância as árvores nos revelam.

O trabalho de mediação de leitura nos lembrou muito o processo da fotossíntese. Pela mediação, as bibliotecas agem para transformar a realidade das comunidades e das pessoas a partir da formação de leitores críticos, sensíveis e criadores. É um ato político de emancipação e empoderamento, de resistência e de promoção de cidadania! Mas, como nos ensinou nosso amado Paulo Freire, também *“é preciso que a leitura seja um ato de amor”*²⁰. E põe amor nisso! Sentimos de perto quanto os mediadores de leitura são amantes de seus fazeres cotidianos.

Com esse sentimento, nos despedimos. Saiba, parceiro, que continuaremos lutando pela democratização da leitura, confiando que, por meio dela, podemos construir um mundo em que o diálogo democrático e o respeito prevaleçam sobre as arbitrariedades e injustiças, como bem nos diz Michèle Petit²¹: “A leitura, quando nos entregamos a ela sem muita vigilância, pode ser uma máquina de guerra contra os totalitarismos e, mais ainda, contra os sistemas rígidos de compreensão do mundo, contra os conservadorismos identitários, contra todos aqueles que querem nos imobilizar”.

Assim, a mediação de leitura é um ato de provocar encantamentos, deslocamentos e descobertas!

Com carinho e resistência na militância! Avante!

Carlos, Márcia e Túlio

20. FREIRE, Paulo; HORTON, Miles. **O caminho se faz caminhando** – conversas sobre educação e mudança social. Vozes: Petrópolis, 2002.

21. PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**. Tradução de Celina Olga de Souza. Editora 34. 2a ed: São Paulo, 2009.

COMO SER UM MEDIADOR DE LEITURA? O MAIS IMPORTANTE É QUE VOCÊ GOSTE MUITO DE LER...

Além disso:

- * Encante-se pela leitura e encante novos leitores;
- * Crie vínculo com os frequentadores da biblioteca;
- * Conheça o acervo de livros da biblioteca para ser a ponte entre livros e leitores;
- * Participe de atividades de formação e mantenha-se informado sobre as novidades;
- * Amplie seu repertório cultural, lendo novas obras, indo ao cinema, ao teatro, ao museu etc.;
- * Planeje as atividades de mediação e registre o que aconteceu;
- * Não esqueça que o livro de literatura é o principal objeto da mediação;
- * Conheça, com profundidade, o texto que será mediado;
- * Mobilize os leitores para garantir a participação deles durante as mediações;
- * Estimule os leitores a serem também mediadores de leitura;
- * Convide moradores da comunidade para serem mediadores voluntários.

BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: “MAIS” PRAZER EM LER

ANDRÉ NEVES

Autor, escritor e ilustrador de livros para a infância. Formado em artes plásticas, é arte-educador e promove palestras e oficinas sobre literatura infantil e juvenil. Com vários títulos publicados no Brasil e na Europa, já lançou mais de 50 obras. Em 2003, foi agraciado com menção honrosa no Prêmio Jabuti com *Obax* e, em 2017, a premiação do 3º lugar na categoria Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil com a obra *Nuno e as Coisas Incríveis*. Entre outras premiações, recebeu por parte de sua obra selos “Altamente Recomendável”, concedidos pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

A evolução simultânea do ler está presente nos incentivos à leitura em diferentes segmentos sociais. Mas, posso garantir, são nas abrangências comunitárias onde percebo bibliotecas estimularem o desempenho da leitura na sua verdadeira essência de existir e persistir como forma para reverter, com sensibilidade, um quadro sociocultural.

Tenho uma visão maior das bibliotecas comunitárias no Rio Grande do Sul. Estive presente em diversos polos citados nas cartas apresentadas. Presenciei ações transformadoras. Participei de momentos determinantes para reconhecer-me primeiro como mediador de leitura. Hoje, no Brasil, a eficiência do meu papel artístico requer de mim um posicionamento modificador, caso contrário, nunca me sentiria autor. Preciso fazer com que os leitores percebam muito mais do que meus códigos visuais e palavras porque, se a leitura é libertadora, eles têm de ir além da minha obra, além das outras também, para se reconhecerem no mundo. Foi nas bibliotecas comunitárias que enxerguei pela primeira vez o livro como objeto de renovação e a leitura dele apenas como uma intervenção mental para ampliar percepções.

Preciso deixar claro que minhas percepções são mínimas para descrever com precisão o dia a dia de uma biblioteca comunitária. Mas as cartas relatam, de forma empírica, a real relação transformadora da leitura em comunidades onde o ler, entre tantos outros direitos, são negados. Sim, isso mesmo! Por essa razão, entre todas as outras, acredito no ler como uma arma poderosa. Até os dentes, a leitura sempre foi, é – e será – resistência.

É lindo perceber que, diante de qualquer dificuldade ou perplexidade inimaginável, a leitura nas Bibliotecas Comunitárias é reconhecida como um abraço. Lindo mesmo!

Parabéns aos gestores e mediadores por ressignificarem espaços, por irem além de onde seus olhos enxergam, por criarem bibliotecas vivas e dinâmicas, por plantarem possibilidades reais em sonhos.

É um trabalho árduo, lento e consciente quando o ler está mais associado a um conjunto de ações do que apenas a disponibilidade

dos livros. É preciso livros a mão cheia, abertos para derramar na alma, parafraseando um pouco Castro Alves. Aliás, citações aqui não são necessárias. A promoção da leitura é via de mão dupla, estou certo. Prestem atenção na qualidade das cartas, na desenvoltura dos parágrafos, nas reflexões, nas referências apresentadas e utilizadas para gerar força. Em cada relato, há um jeitinho poético para iniciar de forma delicada uma conversa. Foram as bibliotecas ou a própria experiência de leitura que brilhou nas palavras de seus autores.

Por último, celebro o papel do Instituto C&A. “Mais” prazer em ler é entender que leitura, em especial, é um modo generoso de englobar outros seres humanos em uma mesma existência singular e plural.

André Neves

ENRAIZAMENTO COMUNITÁRIO: PERTENCIMENTO E PARTICIPAÇÃO

Nº 71

RIO DE JANEIRO

02 | 10 | 2017

MÁRCIA CAVALCANTE,
RAFAEL ANDRADE, MARIA BETÂNIA
SILVA E VALESKA SOUSA

“O rizoma é uma raiz que faz do deslimite o seu chão. As plantas rizomáticas crescem horizontalmente: suas raízes espalham-se em todas as direções possíveis, e só visam a verticalidade se for por intermédio de um muro que se quer ultrapassar, transpor. Impossível determinar o número de raízes que servem de apoio ao movimento de uma planta rizomática, visto que suas raízes são múltiplas, incontáveis: brotam e nascem conforme as exigências de expansão da planta. As formações rizomáticas não possuem centro. Os rizomas são plantas sem ‘existidura de limite’. O substantivo é a árvore da linguagem, ao passo que os verbos são seus rizomas.”

ELTON LUIZ LEITE DE SOUZA²²

22. SOUZA, Elton Luiz Leite de. **Manoel de Barros**: a poética do deslimite. Rio de Janeiro: Editora 7 letras, 2010.



RIO DE JANEIRO, 2 DE OUTUBRO DE 2017

Amiga,

Recebemos sua carta enquanto líamos o livro *Manoel de Barros: a poética do deslimite*, de Elton Luiz Leite de Souza, e ficamos impressionados com a coincidência, logo agora saber que você está fazendo parte de um grupo teatral que recita o Manoel. Que lindeza!

Escrevemos-te para compartilhar alguns dos nossos achados nessa *Expedição Leituras*, que tem tudo a ver com natureza e literatura.

Quando as árvores se unem por meio de suas raízes elas trocam nutrientes e, nesse entrelaçar, colaboram umas com as outras. Há amizade, solidariedade, cooperação e colaboração debaixo da terra. E foi exatamente isso que nossa equipe encontrou por aqui. As bibliotecas comunitárias e as redes locais de leitura desenvolvem um conjunto de práticas, chamadas de enraizamento comunitário, que funciona como a rede de raízes da floresta.

Você sabia que no estado do Rio de Janeiro tem quatro redes de leitura? Fomos até lá para conhecer de perto como três destas redes se relacionam com as comunidades onde as bibliotecas estão inseridas, como fortalecem seus vínculos comunitários e como mobilizam moradores: Conexão Leitura, localizada na capital, Tecendo uma Rede de Leitura, na cidade de Duque de Caxias e Baixada Literária, em Nova Iguaçu.

Mas não foi só aqui no estado do Rio que encontramos tesouros enraizados. No Nordeste brasileiro desembarcamos no Maranhão para navegar pelos aprendizados da Ilha Literária Rede de Bibliotecas Comunitária de São Luís, e reconhecemos pérolas.

Durante essa jornada, vivemos momentos intensos e gostaríamos que você pudesse sentir um pouco do que foi para nós esse trabalho e, por consequência, conhecer mais a história e a profundidade dessa rede de raízes.

Veja que incrível o que nos disse Narlize Costa Fonseca – mulher, negra, mediadora de leitura da Biblioteca Semente Literária, da Ilha Literária: “Acho que é um aprofundamento, ir além da comunidade.

Firmar raízes profundas. Porque quando uma árvore não encontra água, a tendência da raiz é se aprofundar e buscar água nos lençóis freáticos. Acho que a gente pode dizer que o enraizamento é isso. Já que o poder público não consegue chegar a essa comunidade, a tendência dela é ir mais fundo para que possa encontrar água para sobreviver ou encontrar meios para que possa se desenvolver”.

As raízes das bibliotecas comunitárias se espalham entre ruas e becos de muitas comunidades de nosso país e assim vão se alimentando dos saberes locais para darem sentido à democratização do acesso ao livro e à leitura literária permanentemente. Kely Louzada – mulher, negra, nascida e criada na comunidade da Mangueira, no Rio de Janeiro, gestora, coordenadora e mediadora de leitura da Biblioteca Atelier das Palavras da rede Conexão Leitura – exclama: “Enraizamento Comunitário é estar disponível para esse lugar, para a comunidade!”.

Mas afinal, que comunidades são essas? É preciso lembrar que os solos-territórios onde as bibliotecas estão localizadas no Brasil estão, na maioria das vezes, nas comunidades populares, nas periferias, favelas e morros, onde vivem trabalhadores de baixa renda que muitas vezes não têm seus direitos básicos garantidos, como educação, saúde, segurança, moradia de qualidade. É nesse contexto que a biblioteca comunitária cumpre um papel fundamental, quiçá estruturante, pois, na medida em que garante o direito ao livro, à leitura e à literatura, contribui para a emancipação das pessoas e de suas comunidades.

Nessa expedição, identificamos isso nas histórias de vida dos mediadores de leitura, coordenadores das bibliotecas e moradores dessas comunidades. Eles revelam suas experiências em realizar ações constantes e desafiadoras de enraizamento comunitário, voltadas à divulgação das práticas leitoras na comunidade e à mobilização de mais pessoas para atuarem nas bibliotecas.

Querida amiga, ficamos emocionados com o relato de Maria do Carmo da Silva Miranda, mais conhecida como *Chocolate* – mulher, negra, moradora da comunidade, idealizadora, gestora, coordenadora e mediadora de leitura da Biblioteca Comunitária MANNS, da rede Tecendo uma Rede de Leitura. “A história da minha vida é uma história de enraizamento comunitário, portanto, a minha trajetória na rede não poderia ser diferente. A princípio foi de encantamento com o livro, pois aprendi a compartilhar aquilo que me foi negado na infância: o contato com o livro e o direito à leitura. Depois veio a reflexão, a luta e o engajamento, a minha relação com o objeto livro é de conquista e transformação, sendo assim, procuro sempre apresentar a todos essa descoberta por meio de diversas vivências literárias na comunidade”.

Ah, que bom seria se tivéssemos mais Marias como ela!

E não é que encontramos! Veja o que pescamos no Maranhão, com Maria Gorete da Silva Soares, da Biblioteca Comunitária Prazer em Ler, da Ilha Literária: “Muito bom quando você pode ajudar as pessoas que realmente precisam. Quando você ajuda o seu próximo, você está ajudando a si mesmo. Eu passei seis anos nessa instituição sendo voluntária. E trabalhava sábado, domingo e feriado porque não tinha dinheiro para pagar o pedreiro e eu o ajudava. Então, é muito bom quando você consegue ajudar e eu faço isso de coração, gosto muito de fazer. Mesmo se não fosse um espaço de leitura, mesmo com o gesto, você às vezes pensa que não vai ajudar, mas apertando a mão do outro, você já ajuda. O dia que eu não consigo ajudar alguém, eu me sinto mal. Dentro da minha família eu plantei isso também”.

E dá-lhe Marias! São mulheres como essas, de raízes fortes e persistentes, que fazem as bibliotecas comunitárias existirem e resistirem, se manterem firmes, enraizadas no propósito de transformar suas próprias histórias e as histórias de suas comunidades por meio da formação de leitores.

E por falar em leitores, levamos livros inspiradores em nossa bagagem e no caminho lemos muito e encontramos as ideias de Omar Ardans²³: “Enraizamento é, portanto, nas tradições referidas, uma metáfora cujo significado é conhecer através da ação de fincar raízes”.

Gostamos das metáforas que, como a poesia, ampliam nossas percepções simbólicas, sensíveis e imaginárias da realidade. Falar das raízes das bibliotecas em seus solos-territórios é tratar desse exercício permanente de relacionar-se. Ao enraizar, as bibliotecas criam novas relações comunitárias e fortalecem a teia entre todos os envolvidos, colaborando com o desenvolvimento dos processos humanos, culturais e sociais daquele lugar. Essa ideia nos lembra também o que lemos nos estudos de Castoriadis²⁴ e Mezan²⁵, quando dizem que não se pode compreender o enraizamento sem atentar para as culturas humanas, sua criação e desenvolvimento histórico-social.

Tempo, tempo, tempo... O enraizamento comunitário é fundamental para mudar a cultura local. Em uma sociedade em que ler e escrever

23. ARDANS, Omar. Comunidade, enraizamento, socioambiente: entre poética e política. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 50, n. 3, p. 234-243, set./dez., 2014. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/viewFile/csu.2014.50.3.06/4474>. Acesso em: 30 maio 2018.

24. CASTORIADIS, C. O domínio social-histórico. In: C. CASTORIADIS. **As encruzilhadas do labirinto: os domínios do homem**. 2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

25. MEZAN, R. **Freud, pensador da cultura**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

não é uma prática social consolidada para todos, criar e sustentar uma biblioteca comunitária é cuidar do solo e mantê-lo vivo e fértil, é semear novas possibilidades de desenvolvimento, é plantar mudas de direitos humanos, é regar perspectivas de futuro que se fazem no presente. É colher o fruto no pé das árvores de leitores e mediadores de leitura que, a essa altura, já tem raízes profundas e que se encontram com outras raízes, fortalecendo uma enorme teia subterrânea.

Pois bem, companheira, você percebeu como essa metáfora fala da gente? Bibliotecas comunitárias, feitas de pessoas diferentes, com diversas culturas, com experiências únicas e profundamente enraizadas em torno do mesmo objetivo.

Quando as bibliotecas surgiram, o foco era apenas a mediação de leitura no seu próprio espaço. As atividades literárias planejadas eram mais voltadas para dentro das bibliotecas. Eram raras às vezes em que realizavam atividades externas, direcionadas para a comunidade. Nos últimos dez anos, esse cenário foi se modificando. O entendimento de que quanto mais enraizada, mais comunitária é a biblioteca, levou a criação de uma nova prática. As bibliotecas passaram a realizar atividades de mediação de leitura, não somente dentro de seus espaços, mas também em ambientes externos: nas escolas, nas casas, nas ruas, nos postos de saúde, nos mercados, nas padarias, nas praças, entre outros locais. Como nos disse Marilene Gomes da Silva, do Conexão Leitura: “Enraizamento comunitário é criar raízes da leitura em vários locais, fazer brotar a sementinha no salão de cabeleireiro, no ponto de moto táxi, na pensão, formando leitores dentro e fora da biblioteca”.

Algumas bibliotecas passaram a utilizar recursos móveis e dispositivos itinerantes, como a Bibliocicleta, mala volante, baú de histórias, poesia ao pé do ouvido, ocupa literatura, parada do livro, gincana literária, entre outras ações ousadas e criativas que surgiram mais tarde.

Assim, as bibliotecas romperam seus muros, ampliaram e qualificaram a relação com a comunidade, dando ênfase, inclusive, na consolidação de parcerias com os agentes comunitários, as associações de moradores, as igrejas locais, e outros movimentos do entorno. Bem como fortaleceram suas ações internas como rodas com as mães, grupo de mulheres e coletivos de jovens.

Um aspecto positivo dessas experiências é que os gestores, coordenadores, mediadores de leitura e leitores das bibliotecas passaram a desenvolver ainda mais sua criatividade, promovendo essas novas ideias e estratégias de enraizamento. Vários eventos integrando a comunidade com a literatura, como por exemplo os saraus, os cineclubes sobre filmes baseados em livros, o acampamento literário –

que leva os adolescentes de todas as bibliotecas de uma determinada rede local para dormirem e conhecerem outras bibliotecas, a formação contínua de mediadores de leitura para o público infantil, o bate-papo com autores, a roda de conversa com mulheres, o livro de contos escritos pelas crianças e tantas outras atividades que proporcionam um contato mais próximo da comunidade com a biblioteca.

Outra boa surpresa que tivemos foi verificar que, nas quatro redes visitadas (Conexão Leitura, Tecendo uma Rede de Leitura, Baixada Literária e Ilha Literária), para atender mais moradores das comunidades, algumas bibliotecas ampliaram seus dias e horários de funcionamento para sábados, domingos, feriados, período de férias escolares e horários noturnos. Com isso, mais adultos, trabalhadores, crianças, adolescentes, jovens e idosos passaram a ter a oportunidade de frequentar as bibliotecas e reconhecer a importância dos livros e da leitura literária para a formação humana.

Em Nova Iguaçu, no início, não existiam práticas de enraizamento comunitário fora da biblioteca, o que dificultava que a comunidade participasse mais ativamente das ações das bibliotecas. Para superar esse desafio, passaram a mobilizar os gestores das instituições para que os mesmos se envolvessem mais com a rede e apoiassem a realização de atividades de mediação de leitura externas às bibliotecas. Dessa forma, o trabalho ganhou novo rumo, entrelaçando-se e permeando os trabalhos de outros grupos sociais existentes nas localidades. Passou a haver maior compreensão por parte da comunidade que, mesmo a biblioteca estando acolhida em uma instituição ou fazendo parte dela, possui autonomia nas ações literárias e movimentos de incidência política ligados à promoção do livro, da leitura e da literatura como direito de todos.

No Maranhão, o pessoal construiu outra estratégia que também facilitou esse processo. Criaram um grupo de trabalho (GT) de enraizamento comunitário, que passou a organizar melhor as ações e as bibliotecas passaram a planejar suas intervenções literárias na comunidade, criando planos de ação que delineiam as atividades de enraizamento em parceria com outros espaços e instituições.

Narlize, da Ilha Literária, nos narra sobre como a participação dos moradores da comunidade pode fortalecer seus sentidos de pertencimento. “Tentar fazer com que aquela comunidade que está no entorno da biblioteca se aproxime da biblioteca é um trabalho do dia a dia. Elas se aproximam, muitas vezes de forma tímida, mas a gente consegue fazer com que eles participem das ações da biblioteca. Estamos com um evento marcado que é o ‘Papo de Comadre’ para que possamos começar a afinar a nossa conversa sobre a biblioteca e também sobre coisas que estão na comunidade. A biblioteca vai puxar

esse assunto para que possamos ter uma comunidade empoderada, mulheres que possam se empoderar”.

E quanto mais os moradores da comunidade participam dos movimentos literários, mais vão se sentindo parte e se conscientizam do seu papel na manutenção dos espaços e ações das bibliotecas. Essa conscientização se expandiu com atividades que proporcionam auxílio dos moradores, nas mais variadas formas, visando angariar recursos para a sustentabilidade das bibliotecas.

A formação de mediadores de leitura mirins, que acontece no Maranhão, fez com que as crianças leitoras quisessem ser mediadores de leitura das bibliotecas, aumentando seus vínculos com a biblioteca e a comunidade.

Em Duque de Caxias, o grupo Tecendo uma Rede de Leitura apostou em ações externas como saraus envolvendo literatura, música e outras linguagens da arte que favorecem a participação da comunidade dentro das bibliotecas.

Já no Conexão Leitura, as bibliotecas da cidade do Rio de Janeiro tiveram seus espaços sendo utilizados por parceiros, como escolas e o Centro de Referência de Assistência Social – CRAS.

Ah, amiga... É enorme a quantidade de ações de enraizamento comunitário que garimpamos nessa viagem. Quanto maior a diversidade de estratégias mais o solo fica fértil, vivo e abundante. Espia só essas atividades que vamos narrar agora!

Muitas redes realizam o Dia das Bibliotecas Comunitárias, no qual convocam toda a comunidade para participar de um mutirão na organização do espaço e acervo e, com isso, divulgam para toda a comunidade a existência da biblioteca. Um exemplo desse tipo de atividade é a gincana literária realizada no Quilombo do Chocobim, na rede Tecendo uma Rede de Leitura do município de Duque de Caxias – RJ.

Algumas bibliotecas da Baixada Literária criaram um grupo no WhatsApp com os frequentadores das bibliotecas para melhorar a relação com a comunidade. Foi uma estratégia que aproximou leitores e familiares das ações das bibliotecas, na medida em que os mediadores utilizam o aplicativo para postar fotos das atividades que estão acontecendo dentro dos espaços e com isso os familiares acompanham o que as crianças e adolescentes estão fazendo e ficam mais perto das bibliotecas.

Embora muitas das bibliotecas comunitárias funcionem abrigadas em instituições diversas, elas são essencialmente comunitárias e, portanto, quando abrem portas de acesso voltadas para fora, que dão direto na comunidade, facilitam a entrada dos moradores.

A acessibilidade dos espaços e acervos das bibliotecas também se mostrou como uma estratégia significativa. Colocar rampas, retirar as

escadas, aumentar as portas para passar cadeirantes, incluir no acervo audiolivros, livros em braile, são alguns dos exemplos.

As visitas dos integrantes das bibliotecas nas casas das crianças e adolescentes leitores para estreitamento de relações com as famílias também contribuiu muito para maior aproximação com a comunidade.

Destacamos a criação da Parada do Livro, uma ação importante da rede Baixada Literária. Um ato público no centro da cidade que mobiliza leitores e seus familiares, moradores das comunidades para irem à rua se manifestar em prol do direito à leitura, ao livro e à literatura, como forma de pressionar o governo para a importância do Plano Municipal do Livro, da Leitura, da Literatura e da Biblioteca (PMLLB). O que favorece inclusive a repercussão do trabalho das bibliotecas e das redes de leitura nas mídias.

Maria Gorete da Silva Soares, da Ilha Literária nos conta: “A gente tinha um enraizamento forte, mas hoje temos mais. Porque hoje oferecemos tudo do bom e do melhor para a comunidade, em relação aos nossos espaços. Toda a comunidade que participa da nossa instituição é beneficiada no que estamos oferecendo e é tudo de qualidade. A família vem e comprova que estamos fazendo um bom trabalho. Nós temos o projeto da ‘Rua do brincar’ que a gente faz no dia 12 de outubro. Esse projeto chama muita atenção da comunidade, também temos a mídia, a rádio Mirante que faz a cobertura desse dia”.

É também de São Luís uma atividade de enraizamento que começou com mediação de leitura numa bicicleta. A Bibliocicleta que pedala pelas ruas da Cidade Operária, segunda maior ocupação da América Latina, ganhou espaço fixo na Residência 5, atendendo a demanda dos moradores por mais um local de referência de leitura no bairro.

Enquanto estávamos no Sudeste, ventos vindos do Norte nos sopraram que, também em Belém, na Rede de Bibliotecas Comunitárias Amazônia Literária, em processo de reorganização, o Espaço Cultural Nossa Biblioteca tem história e experiência de 40 anos de resistência e enraizamento no bairro do Guamá. Ruas de Leitura, Banda de Fanfarra com escolas parceiras, participação de artistas e pais nas atividades, projeto com universidade e uma escola de mediadores que forma crianças e jovens são algumas das atividades que consolidaram a presença na comunidade.

Diante dessas histórias, percebemos a profundidade do trabalho e como ele tem gerado frutos, a partir de práticas literárias mais enraizadas nas comunidades: aumentam e fortalecem a potência das raízes-relações; divulgam mais o trabalho das bibliotecas para os moradores das comunidades; qualificam a difusão e valorização da literatura e do objeto livro nas comunidades; aumentam o número das atividades de

mediação de leitura, de leitores nas bibliotecas e de empréstimo de livros; conseguem um maior envolvimento da comunidade nas ações das bibliotecas e uma maior participação dos moradores nas ações literárias; conquistam voluntários e parceiros locais.

Mas como nem tudo são flores, um dos desafios encontrados foi a dificuldade de conseguir maior número de voluntários para as bibliotecas. Nem sempre encontramos pessoas disponíveis e comprometidas com a atuação nos espaços das bibliotecas, sem remuneração financeira.

Ufa! Quanta coisa! Quanta riqueza de experiências e aprendizados! Mas aguenta firme, querida, ainda tem mais...

Os integrantes das bibliotecas passaram a participar mais das atividades que acontecem dentro das comunidades, colaborando com professores, escritores, poetas, assistentes sociais, escolas, movimentos, coletivos e organizações sociais. Essa integração possibilitou maior representatividade das redes de leitura em espaços da comunidade e da cidade.

Em Duque de Caxias, o diferencial foi então o seguinte: começaram a levar o livro literário e a leitura para atividades das escolas, das igrejas, dos grupos de mulheres e mães, das rodas de samba, dos jogos de futebol, das aulas de reforço... Passaram a fazer mediações de leitura, rodas de conversa, palestras, bate-papos, festas literárias etc.

O mesmo foi visto na rede Conexão Leitura, na qual os integrantes das bibliotecas passaram a participar das reuniões das associações de moradores, do conselho da criança e adolescente, do conselho de cultura do município e do estado, do grupo de mulheres da comunidade, de grupos de jovens etc. Sempre que possível levando atividades com a presença da literatura. Incrível, não é?

Tem também a relação das bibliotecas com as escolas. As iniciativas de contato e parceria, normalmente, partem dos próprios mediadores de leitura. Com o tempo, alunos e professores percebem que podem propor atividades dentro das bibliotecas, como aulas extraclasse utilizando o acervo de literatura, fazendo mediação de leitura literária etc. Isso acontece, por exemplo, na rede Baixada Literária. Já a rede Conexão Leitura tem parceria com as universidades que estão realizando vários estudos, artigos e teses sobre a participação das crianças e adolescentes nas bibliotecas. Em Duque de Caxias, o grupo desenvolve atividades específicas não só para as crianças, mas para mulheres e jovens.

Amiga, o que vimos é que todo esforço é recompensador. “Como leitor, eu comecei a frequentar a biblioteca com 13 anos, comecei a vir porque eles chamaram a minha prima e essa minha prima também me chamou para frequentar a biblioteca. Comecei a participar das atividades, e não vou mentir, não gostava muito de ler. Comecei lendo

gibi e a Carla Nascimento como excelente mediadora começou a me apresentar os livros e daí comecei a entrar literalmente nas histórias. Quando comecei a me apaixonar mesmo, um dia cheguei e disse: ‘Carla, um dia vou ser mediador dessa biblioteca’. Isso tem uns sete anos. E ela guardou isso. Eu vinha na biblioteca uma vez ou outra. Até em algumas reuniões sobre o direito à leitura, elas me convidavam e eu ia. Ano passado ela disse: ‘Leo, você lembra de uma atividade do livro?’. Nisso, ela me mostrou o depoimento em que eu coloquei numa atividade em que chamamos ‘Livro virtual’. E lá tinha escrito que eu queria ser mediador de leitura da biblioteca. Com isso, teve uma seleção e algumas formações e agora sou mediador de leitura da biblioteca”, nos contou o Leonardo Maya, mediador de leitura da Biblioteca Comunitária Ziraldo, da Baixada Literária.

Um aspecto positivo dessas atividades de enraizamento é que, além de promover o vínculo entre a biblioteca e a comunidade, possibilitam o fortalecimento de cada biblioteca em seu solo-território, garantindo trocas de experiências e informações que também potencializam as ações das redes de leitura. O fortalecimento do enraizamento comunitário amplia o envolvimento da biblioteca com outras lutas locais, como educação, moradia, saneamento básico e outros. Nos depoimentos das redes fica evidente que, quanto maior o enraizamento da biblioteca, maior seu reconhecimento como agente de transformação junto aos outros atores comunitários.

Bom, nós que desbravamos os tesouros encontrados nas raízes da floresta, ficamos bastante felizes e honrados por termos tido essa experiência. Adentramos o solo profundo das comunidades e da criatividade. Vimos que as redes possuem um trabalho forte e contínuo de enraizamento comunitário e são exemplos de força de vontade e de empoderamento na comunidade.

Esperamos que tenha aproveitado bem tantos aprendizados. Não demore em mandar uma nova carta sua.

Um grande abraço dos amigos,

Márcia, Rafael, Maria Betânia e Ualeska

RAÍZES PROFUNDAS NA COMUNIDADE!

- * Integre as famílias nas atividades de leitura e processos de tomada de decisões da biblioteca;
- * Mobilize os moradores da comunidade para participarem das programações da biblioteca;
- * Sensibilize a comunidade para o trabalho voluntário na biblioteca (pintura, reparos elétricos e hidráulicos, reforma de mobiliário etc.);
- * Integre as ações da biblioteca a outros eventos e ações da comunidade (reuniões de pais, iniciativas das associações de moradores, dos CRAS etc.);
- * Ocupe os espaços da comunidade com atividades de leitura (escolas, comércios, praças, hospitais etc.);
- * Estabeleça uma rotina de funcionamento com horários definidos, para que o leitor saiba quando a biblioteca está aberta, levando em consideração as demandas da comunidade;
- * Disponibilize uma lista com os nomes das pessoas que prestam serviços à comunidade no mural da biblioteca (faxineiros, pintores, pedreiros etc.);
- * Crie um conselho comunitário na biblioteca, garantindo a participação de crianças, adolescentes, adultos etc;
- * Faça parceria com as escolas públicas e privadas que estão no entorno da biblioteca.

GESTÃO COMPARTILHADA:
COLETIVIDADE E TRANSPARÊNCIA

Nº 83

SALVADOR

14 | 10 | 2017

JULIA GUARILHA, CLAUDILEUDE
SILVA E JUÇARA SOUZA

O RIO

“Ser como o rio que deflui
Silencioso dentro da noite.
Não temer as trevas da noite.
Se há estrelas no céu, refleti-las
E se os céus se pejam de nuvens,
Como o rio as nuvens são água,
Refleti-las também sem mágoa
Nas profundidades tranquilas.”

MANUEL BANDEIRA²⁶

26. BANDEIRA, Manuel. **Poesia Completa e Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993.



SALVADOR, 14 DE OUTUBRO DE 2017

Companheira de luta,
Saudações afetuosas!

Com o fim da jornada por aqui, nossa equipe de mulheres pesquisadoras já está pronta para te contar o que consideramos o tesouro mais importante da expedição. Não estamos “puxando a brasa para nossa sardinha”, pelo contrário, “nem tudo que cai na rede é peixe”. Falar da organização das bibliotecas comunitárias em rede é uma tarefa muito difícil, mas, as nossas redes de leitura, compostas por diversas e diferentes organizações sociais, têm urdidura forte e os peixes são fartos. Você deve estar se perguntando: de que redes e peixes elas estão falando? Vamos te contar tudo, “tim tim por tim tim”.

Nossa aventura começou desbravando cidades do litoral nordestino brasileiro e aportando nas três redes que se destacam por terem experiências significativas no campo da gestão compartilhada. Viajamos até lá para conhecer mais de perto as histórias da Jangada Literária, no Ceará, Releitura, em Pernambuco e Rede de Bibliotecas Comunitárias de Salvador (RBCS), na Bahia. Três lugares abundantes de água!

Mas afinal, o que é esse negócio de gestão compartilhada? O que isso tem a ver com as redes e os peixes? Uma coisa é certa e já podemos adiantar: não tem nada a ver com negócio, com lucro, com concentração ou hierarquia de poder. As bibliotecas comunitárias organizadas em redes escolheram a gestão compartilhada como modo de funcionar, por acreditarem que o universo é abundante, assim como o rio e o mar. Tudo o que está disponível é para ser compartilhado entre todos. Não precisamos acumular, sobrecarregar, reter e dominar. Para a rede navegar no fluxo das águas, ela precisa ser grande, feita de elos que se interligam, se conectam horizontalmente e criam uma malha forte, resistente, transparente, capaz de suportar o peso que está distribuído entre todos os pontos, e assim pesca a diversidade de peixes e outros seres que vivem por lá.

A tarefa não é simples porque a gestão compartilhada é uma prática desafiadora, tecida cotidianamente por diversas pessoas e instituições,

cada uma com sua história, seu local, seu jeito de ser. Na sociedade em que vivemos, somos chegados àquele ditado: “manda quem pode, obedece quem tem juízo”, estamos culturalmente habituados com relações de poder hierárquicas, nas quais não há espaço para autonomia, protagonismo, cooperação e colaboração. Tem sempre alguém que manda para outro obedecer. A gestão compartilhada, por sua vez, exige um grande esforço, um movimento contracorrente, que demanda mecanismos democráticos de transparência e de participação efetiva de todos.

Companheira, estamos aqui cheias de imagens na cabeça para você entender melhor do que estamos falando. Imagina que as redes de bibliotecas comunitárias são como uma floresta. Os espaços das bibliotecas são a terra-solo, o acervo de livros são as sementes, os leitores e mediadores de leitura são as árvores, as práticas de enraizamento comunitário são as raízes e a gestão compartilhada é a água que nutre e contribui com o crescimento exuberante da floresta. Esse é o elemento da natureza que escolhemos para tratar da gestão da rede, porque ele é transparente, flexível, fluido, envolve tudo e passa por todos os lugares. Por meio da água (gestão compartilhada) as árvores (mediadores e leitores) absorvem nutrientes do solo (bibliotecas) e os conduzem até o alto das suas copas, onde ocorre a transformação pela fotossíntese (mediação de leitura). A água é um dos elementos principais para garantir a vida das árvores, dos animais e de todos os seres vivos do planeta, assim como a gestão compartilhada garante a vida das redes de leitura.

Veja só o que nos contou Rodrigo Pita – jovem negro, morador, gestor e coordenador da Biblioteca Comunitária do Calabar, integrante da RBCS: “Quando começamos a discutir a gestão compartilhada mais aberta foi um momento tenso, de mudança de cultura. A nova metodologia de fato retirava a centralidade de uma organização ou de uma pessoa, abria para mais gente participar. Nós testamos muitas metodologias de trabalho até chegar ao modelo de Assembleia Geral que temos hoje. Todos participam da tomada de decisões, consideramos que todas as opiniões são importantes.”

Pois é, companheira, mudanças na cultura das relações e da organização de pessoas em torno de uma causa comum são processuais e levam tempo. Mas, apesar de serem difíceis e complexas as experiências de gestão compartilhada, o que encontramos nas redes de leitura de Salvador, Fortaleza e região metropolitana de Recife é surpreendente. Enfrentam com coragem e sabedoria esse desafio de lidar com pessoas, lugares e instituições distintas, tendo como norte a horizontalidade na tomada de decisão, a participação de todos, o respeito às especificidades e a divisão de tarefas.

Durante a viagem, como boas leitoras que somos, levamos livros que foram nossos grandes companheiros e olha o que encontramos no

documento do Programa Prazer em Ler, do Instituto C&A²⁷: “Promover uma gestão compartilhada é estar disposto à generosidade, à escuta e à paciência de reconhecer a importância de cada um com o que traz em si para doar ao coletivo, quanto com o que vem buscar nesse coletivo. A diversidade, embora seja um grande desafio, é também uma grande riqueza que, se bem aproveitada, pode nos ajudar a superar dilemas considerados insuperáveis”.

Como pode ver, é muito significativo que, entre as diversas formas de gestão, as bibliotecas comunitárias tenham escolhido a gestão compartilhada e participativa. A partir dela, os grupos se fortalecem como coletivos, conseguem encontrar maneiras de identificar potenciais e necessidades existentes nesse conjunto de pessoas e organizações, planejam coletivamente como potencializar o que há de melhor no grupo, buscando superar fragilidades internas e ameaças externas, tendo em vista a realização dos objetivos e metas do trabalho coletivo. Assim como o sistema vivo de uma floresta, na qual cada espécie, cada elemento da natureza, tem uma função no sistema e todos se complementam de alguma maneira.

As redes compreendem a gestão compartilhada como um modelo de trabalho que preconiza a busca pelo (re)conhecimento e aprendizado coletivo de forma dinâmica, orgânica, contínua e recíproca, com as ações sendo fruto da troca de ideias e planejamento colaborativo. Conforme foram se ampliando as tarefas e aumentando a necessidade de integração das equipes, tendo como foco a incidência política e a sustentabilidade, a gestão ganhou uma dimensão para além da administração dos recursos financeiros. Foi necessário buscar uma forma de gestão participativa que atendesse ao perfil amplo de ações e atividades que surgiram.

“Esse modelo foi assumido pelo grupo porque é a melhor forma de gerir o projeto. Não diferenciamos coordenador e mediador na rede, ambos recebem os mesmos recursos. No atual modelo são todos articuladores. É um modelo mais participativo, os mediadores estão se colocando muito nas reuniões, antes só os coordenadores falavam.” Mais uma vez é Rodrigo quem nos inspira quando fala aqui de algo que aconteceu também em Fortaleza e em Pernambuco, com a eliminação da diferença de *status* entre coordenadores e mediadores de leitura. Essa mudança não implica ingerência na forma de administrar os recursos humanos de cada instituição na rede. A mudança diz respeito ao poder e a autonomia de cada um e tem efeito direto na tomada de decisão no âmbito do trabalho da rede. Em Salvador, por exemplo, essa igualdade se estende também à distribuição de recursos recebidos para pagamento de mediadores e coordenadores.

²⁷. Trecho de um documento interno do Programa Prazer em Ler, do Instituto C&A.

É bom explicar o que as redes consideram como membros de suas equipes: todas as pessoas envolvidas diretamente nas atividades e ações, seja na biblioteca ou em funções de assessoria ou administração. Esse grupo inclui mediadores, coordenadores, bibliotecários, comunicadores, gestores das instituições e voluntários. O único pré-requisito para ter direito a voz e voto é a participação ativa na rede. Assim, quando algo precisa ser votado, vence a proposta que obtém a maioria simples dos votos dos presentes.

Esse nos pareceu ser um divisor de águas para a gestão compartilhada nas redes, tendo em vista sua repercussão no comprometimento e na participação das pessoas. Olha só o que nos conta Valeska Souza, jovem que foi mediadora e bibliotecária da Jangada Literária: “Estava vindo de um trabalho em que eu tinha sempre que me reportar ao meu chefe e ficava meio receosa de falar alguma coisa. Depois que entrei na Jangada, vi que o trabalho funciona muito mais e flui melhor com democracia e respeito às opiniões de cada pessoa da rede. Foi uma experiência que me amadureceu, me ensinou a ter voz e demonstrar minha opinião sem qualquer tipo de medo diante das opiniões adversas da minha”.

Durante as noites em nossa viagem, líamos na dissertação de mestrado em educação da Prof.^a Tania Sueli Fantini²⁸ uma passagem de Lickert: “Quanto mais próximo do sistema participativo, tanto maior será a probabilidade de haver produtividade das ações, boas relações no trabalho e alta rentabilidade das atividades desenvolvidas”.

Parece então que a gestão compartilhada, em sua essência, nos convida a trilhar um caminho pautado numa perspectiva horizontal, invertendo o processo tradicional, abrindo espaço para um movimento que valoriza a participação e possibilita que as tomadas de decisão assumam um caráter ativo e transformador. É o que traduz o depoimento de Dayane, da rede Jangada Literária: “Aprender a ouvir e respeitar o olhar do outro. A mudarmos a chave nessa relação de hierarquia a que estamos acostumados, que vem muito desse sistema em que vivemos. Estamos correndo contra a maré nesse sentido, porque somos acostumados a obedecer à ordem do patrão. Algumas vezes vamos apresentar a rede e sempre alguém pergunta quem é o ‘dono’, o gestor, e sempre dizemos que não existe dono”.

Cara companheira, não são incríveis essas percepções? Como é forte quando percebemos esse sentimento de pertencimento de todos, esse movimento em que cada um se torna responsável pela rede. Mas não é fácil colocar isso em prática. Afinal, quem dera que garantir um

28. FANTINI, Tânia Sueli. **A gestão compartilhada como elemento fundante da escola comunitária**. 2003. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2003.

processo democrático fosse suficiente para a participação efetiva. Está faltando algo, não?! Ah! Sim, são os instrumentos e mecanismos que essas redes estão experimentando para que essa participação aconteça.

Vocês sabiam que em todas as três redes visitadas, o principal espaço de decisão é o encontro mensal da equipe, onde debatem, planejam, organizam e distribuem tarefas? Eventualmente, para tratar de assuntos ou atividades pontuais é convocada uma reunião extraordinária de todo o grupo. Também é comum a divisão das tarefas em grupos de trabalho (GTs) ou comissões, pelas quais se distribuem os integrantes: incidência, comunicação, articulação e mobilização de recursos são as mais comuns.

A rede de Salvador, com 14 bibliotecas, tem algo a nos contar nesse tema. O fato de serem fruto da junção de duas redes com características diferentes deu à RBCS a oportunidade de conhecer e aproveitar experiências de cada uma. Além do que, para garantir a participação dessa numerosa equipe, é preciso estar muito bem organizado. A pauta da assembleia, como é chamada a reunião mensal da rede, é distribuída na semana anterior. A ata da reunião é feita em sistema de rodízio e tem que ser distribuída em até 24 horas. A presença nas reuniões e atividades é registrada em uma planilha, para acompanhar a participação igualitária das bibliotecas e instituições nos compromissos. O contato é centralizado no e-mail institucional, acompanhado diariamente. Ufa! Esse povo trabalha muito!

E as águas continuam adentrando a nossa floresta... Uma outra preocupação comum a todas as redes é a consolidação de regras e compromissos nas cartas de princípio e em regimentos internos, nos quais os elementos da gestão compartilhada estão inseridos. As redes estão empenhadas em construir esses documentos. Talvez, porque a formalização da adesão aos princípios e valores da rede minimiza conflitos e reforça as relações entre as instituições componentes. A distribuição de recursos financeiros recebidos em projetos da rede já é feita de forma equânime entre todas as bibliotecas. Isso funciona também para outros recursos, como doação de livros e materiais. A Releitura, de Pernambuco destaca a rotatividade entre as instituições para administração financeira dos recursos como um ganho, pois permite capacitar mais pessoas nesse controle e evita descontinuidade. A participação em editais e projetos segue a regra do rodízio de instituição proponente.

O bom relacionamento entre as instituições reflete em outros campos de atuação conjunta. Na Jangada Literária, por exemplo, algumas instituições são parceiras em projetos fora da área de atuação da rede, como proteção à infância e atendimento à juventude. A forma como as instituições participam na estrutura organizacional das redes é diferenciada entre as redes visitadas. Somente na Jangada Literária, em Fortaleza, existe

Conselho Gestor, espaço de acompanhamento das instituições. Na Releitura há a intenção de formar o órgão, mas em Salvador ele é considerado desnecessário, pois os gestores das instituições já estão representados na rede, o que garante acompanhamento e participação institucional.

Outro desafio constante para que as águas da gestão fluam melhor tem a ver com a circulação das informações: como as pessoas acompanham a rede entre uma reunião presencial e outra. Estávamos curiosas para saber como driblam o bombardeio de informação e as dificuldades de acesso à internet, ainda comum em muitas bibliotecas. Descobrimos que o aplicativo WhatsApp tem sido de grande ajuda, por sua abrangência e popularidade. Rivalizando com o e-mail, que alguns abandonaram e outros não conseguem abrir, tem se mostrado eficaz como instrumento de agenda, avisos, lembranças e até votação. A rede de Salvador tem, inclusive, uma regra estabelecida para votação no WhatsApp, que leva em conta um quórum mínimo e um tempo para participação. É a criatividade aliada à tecnologia, à serviço da gestão compartilhada.

Querida, deixamos para o final o que consideramos o tesouro mais relevante da gestão compartilhada, que se refere às pessoas, ao relacionamento interpessoal da equipe. Generosidade, escuta e paciência são as palavras de força! O que nos lembra mais uma vez o que lemos na dissertação da Tania Fantini, quando ela diz que na gestão “há uma face de imprevisibilidade e interação humana decorrentes das experiências que cada indivíduo possui e a forma com que ele interage com o grupo de trabalho e o meio em que atua”. Em meio à diversidade de pessoas, culturas e experiências, podemos dizer que uma equipe bem-sucedida é aquela que constrói laços de afetividade, acolhimento e respeito mútuo.

E foi Carla Santos, mulher, negra, moradora da comunidade, integrante da RBCS quem também nos falou disso: “A gestão compartilhada e o poder de decisão na rede são muito bem articulados, todos estão atentos com isso. Quando um tenta passar do limite, o outro puxa. Isso facilita muito, até na convivência. A nossa rede funciona assim: tem pessoa que a gente bota em casa pra dormir e tem pessoa que a gente não bota, normal em qualquer rede. Mas a maioria a gente bota. E isso é importante. Na hora que a gente começa a trabalhar em grupo, respeito é muito importante. Respeitar o tempo do outro, respeitar as decisões coletivas, entender que a demora faz parte do processo decisório”.

Como você pode ver, é possível perceber pelo registro das rodas de conversa e entrevistas realizadas em nossa expedição, que há uma preocupação com a participação do outro na gestão da rede, seu entendimento, sua contribuição. Dayane Menezes, mediadora de leitura da rede Jangada Literária, em Fortaleza reforça esse princípio do pertencimento a partir da participação, do diálogo e da cooperação:

“Acho que gestão compartilhada é fundamental para tudo. Para um diálogo sincero, aberto. Tudo na rede a gente senta em conjunto para discutir, seja entrada ou saída de alguma coisa, discussão de recursos financeiros, eventos, sejam individuais das bibliotecas ou coletivos. Dá um sentimento de pertença a todos. De não estar sobrecarregados e de não se sentir só no processo”.

O sol já está quase a pino e teremos que parar para almoçar (durante a viagem cozinhamos juntas e fizemos comidas deliciosas!), mas antes, ainda dá tempo de contar mais sobre uma preciosidade que encontramos: investir em relações baseadas no acolhimento do outro é uma prática percebida nas redes visitadas. E não só em palavras e boas intenções, mas em ações diárias e planejadas. Como nos conta Irmã Goreth, gestora, da RBCS. “Fizemos encontros para enxergarmos nós mesmos, para que pudéssemos falar de nós, nossas habilidades, o que gostamos de fazer, uma troca... O exercício não é só de quem não fala. É também de quem precisa parar de falar. Vamos propor um ‘retiro’ da rede, um momento de fraternidade, de convivência, fora das atividades de trabalho. Precisamos ter um olhar cuidadoso com o outro.”

Imagina o quanto uma equipe comprometida, bem informada e feliz com o que faz pode contribuir para acolher e mobilizar a comunidade. Ah, amiga! Ao longo das nossas viagens foi possível verificar que de fato a transparência da água é vital para o diálogo aberto, para a participação e comunicação pautada no desenvolvimento de todos, para a atenção ao coletivo como organismo vivo, potente e abundante.

Esse tesouro permeia a magnitude da gestão compartilhada nas bibliotecas comunitárias e redes de leitura, reforçando o nosso entendimento da importância de estarem em diversas comunidades espalhadas por esse imenso Brasil. É no processo sistêmico, onde reconhecer e partilhar as fragilidades é um exercício que precisa ser feito cotidianamente, para que todos contribuam e apontem soluções a partir de suas experiências, que se constroem as bases para uma gestão compartilhada. A maestria está nesse olhar carinhoso para todos e nessa atitude de manter o espaço aberto para a participação democrática, a colaboração, a cooperação e a parceria orgânica!

Assim, vamos indo. Esperamos te ver em breve!
Tchau, um cheiro, axé!

Julia, Claudileude e Juçara

O PROCESSO DE GESTÃO COMPARTILHADA É NOVO, COMPLEXO E ENVOLVE VÁRIOS DESAFIOS:

- * Seja transparente ao compartilhar informações;
- * Trabalhe para que não haja hierarquia nos processos;
- * Priorize as decisões coletivas;
- * Garanta que o planejamento e a avaliação das atividades sejam feitos de forma colaborativa, envolvendo todos;
- * Acolha os pensamentos divergentes, seja afetivo e respeite o outro;
- * Registre os acordos e os combinados (Carta de Princípios, regulamentos e atas);
- * Viabilize a participação coletiva na gestão da biblioteca, por meio de plataformas eletrônicas (grupos de e-mails, WhatsApp, Google Drive etc.);
- * Distribua de forma equânime os recursos recebidos.

COMUNICAÇÃO: CLAREZA E
CRIATIVIDADE

Nº 93

FORTALEZA

23 | 10 | 2017

RAFAEL ANDRADE, JUÇARA SOUZA E
VAL ROCHA

“No fim tu hás de ver que as coisas mais leves são as únicas
que o vento não conseguiu levar:
um estribilho antigo
um carinho no momento preciso
o folhear de um livro de poemas
o cheiro que tinha um dia o próprio vento...”

MARIO QUINTANA²⁹

²⁹. CARVALHAL, Tania Franco. **Mario Quintana**: poesia completa: em um volume. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.



FORTALEZA, 23 DE OUTUBRO DE 2017

Querido leitor,

Esperamos encontrá-lo bem. Nossa jangada saiu para o mar, aqui nas terras do Ceará. E agora paramos na sombra de uma árvore em um lindo manguezal para escrever essa carta para você.

Como já imagina, estamos aqui com a missão de soprar aos quatro cantos do mundo nossas aventuras na expedição que desvelou as aprendizagens das bibliotecas comunitárias pelo Brasil. A empreitada da nossa equipe foi marcada por uma leveza e uma força incrível. Nossa jornada foi marcada pelo vento, elemento da natureza que espalha, comunica e difunde. Leva e traz informações, multiplica, compartilha e distribui sementes por toda a floresta.

Ancoramos nossa embarcação na área da comunicação. Durante a viagem, vimos nos perguntando: Como as bibliotecas comunitárias e as redes de leitura incorporam a comunicação como um direito humano e ao mesmo tempo como uma dimensão estratégica de democratização e de sustentabilidade?

Já sabemos que a comunicação tem sido um eixo relevante para o trabalho de promoção da leitura, seja na divulgação das agendas e lutas das bibliotecas, seja na busca pela sustentabilidade. Quando olhamos para todas as redes que integram a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC), vemos o quanto elas consideram importante criar canais de comunicação, traçar estratégias e organizar seu plano de ação nessa área. Não só para se tornarem cada vez mais visíveis perante seus parceiros, mas, prioritariamente, para difundir as diversas vozes das comunidades onde estão inseridas. Até porque, aqui no Brasil, a maioria dessas comunidades não tem espaço para mostrarem suas riquezas na grande mídia monopolizada, como a televisão, o rádio, os jornais e as revistas. Quando aparecem nesses veículos, geralmente são apresentadas de maneira deturpada ou focando somente nos casos de violência.

E foi para saber de perto como está o trabalho de comunicação nas redes locais de leitura que deixamos esse vento nos guiar pelo

caminho e ele nos levou primeiro para o sudeste brasileiro. Chegamos à cidade de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro e fomos ao encontro da rede Baixada Literária. Depois adentramos nas montanhas de Minas Gerais e desembarcamos na rede Sou de Minas, Uai!. Por fim, o vento soprou forte para o calor de Fortaleza, no Ceará, onde navegamos junto com a rede Jangada Literária. Esses três grupos têm experiências muito interessantes de comunicação, que esperamos contar brevemente nesta carta, para servirem de fonte inspiradora a todos nós.

Nas três redes que visitamos, levados pelo vento da comunicação, um primeiro aprendizado que colhemos tem a ver com o tempo. Aqui, subvertendo um pouco a sabedoria popular, “a pressa é inimiga do possível”. A organização dos processos de comunicação deve ser construída de forma gradual e sistemática e considerar a conscientização dos integrantes da rede e a realização de estudos e formações. Muitas vezes, envolve também uma sensibilização dos gestores das organizações, pois a comunicação institucional precisa estar conectada à comunicação para a causa da leitura como direito humano.

Escute só o que nos contou a Daniela Praça, moradora do bairro Goiânia, em Belo Horizonte, que atua como mediadora de leitura, coordenadora da biblioteca Livro Aberto e comunicadora da rede Sou de Minas, Uai!: “Não tinha comunicação quando entramos na rede. Conversei com a instituição para criarmos uma página no Facebook. O conselho da instituição que abrigava a biblioteca aceitou e criamos esse canal de comunicação. A partir daí, percebemos que os leitores interagiam com a biblioteca. Escrevemos um projeto para a Fundação Biblioteca Nacional e alocamos um recurso expressivo para a comunicação. Com a aprovação, conseguimos fazer placa, bolsa para as bibliotecas e iluminação do espaço”.

É bom ver o quanto as redes se preocupam com o que vão transmitir aos seus leitores, à sua comunidade e aos parceiros. Mas também é importante falarmos sobre a relevância da comunicação que acontece dentro das redes, esse vento que permite manter arejado e oxigenado o diálogo entre todas as bibliotecas. Mas o que você sabe sobre comunicação interna? Já ouviu falar sobre isso?

Não somos especialistas mas, em nossa observação das experiências, percebemos que a dimensão interna da comunicação tem a ver com a maneira como cada biblioteca se responsabiliza pelas ações comunicativas, considerando a necessidade constante de circular informações e alimentar o diálogo entre a rede. O vento sopra para todos, querido amigo, sem distinção, assim como as informações e o conhecimento devem fluir na rede.

Veja como todos os elementos se conectam. Para que a gestão compartilhada seja mais efetiva e participativa é preciso haver um

bom trabalho de comunicação. Imaginem a água da chuva caindo na floresta... agora pensem em uma chuva acompanhada do vento... A água se espalha e molha cada vez mais as árvores, o solo, os animais... A comunicação aqui é o vento que espalha a água que é a gestão compartilhada na floresta... Quanto mais comunicação interna mais pessoas envolvidas na gestão compartilhada das redes.

Mas nem sempre foi assim... Soubemos nas visitas que no início das redes a comunicação interna era prioritariamente realizada em reuniões presenciais ou a partir de trocas de e-mail, algo que nem todos sabiam operar bem, ou não davam a devida importância. Durante um período, a rede Baixada Literária continuou a manter o uso das ligações telefônicas em sua comunicação interna, o que se mostrava eficaz na época, porém pouco prático, já que tinham que ligar para todos para repassar as informações.

Para solucionar as dificuldades de comunicação interna, a rede Sou de Minas, Uai! criou uma agenda em comum. Com as datas das ações já pré-definidas as pessoas conseguiam visualizar o que iria acontecer nos meses seguintes no âmbito da rede. Na Jangada Literária, foi definido que uma pessoa assumiria essa função de cuidar dos e-mails e repassar para os demais as informações necessárias. Na Baixada Literária, a solução para melhorar a comunicação interna se deu pela boa utilização do e-mail, bem como o armazenamento virtual dos arquivos e documentos produzidos pela rede, utilizando o Google Drive. Por mais óbvio que possa parecer, a importância de organizar e estabelecer a forma de uso do e-mail e das mídias sociais demanda muito esforço para que todos os integrantes da rede mantenham fluida a comunicação.

Lançando nossa vela para outros ventos nessas mesmas águas, queríamos te contar um pouco sobre o segundo tesouro que encontramos, relacionado às estratégias de comunicação externa das redes. Como você deve imaginar, as redes de leitura precisam trabalhar cotidianamente para disseminar suas ações, filosofias, reivindicações e propostas para a garantia da democratização da leitura e da literatura como direito humano. Não é algo simples, mas elas têm conseguido avançar muito nesse campo.

Um dos avanços que percebemos tem a ver com sua compreensão mais estratégica e política sobre a comunicação. Gradualmente, as bibliotecas começam a perceber a comunicação como um direito e uma estratégia da luta política. É como bem define o comunicador Ivan Moraes Filho, no *Manual prático (muito prático mesmo) o direito humano à comunicação*³⁰, uma de nossas leituras de viagem, publicado pelo

30. MORAES FILHO, Ivan. **Manual prático (muito prático mesmo) do direito humano à comunicação**. Recife: Centro de Cultura Luiz Freire, [s.d.]. Disponível em: <<http://cclf.org.br/project/manual-pratico-muito-pratico-mesmo-de-direito-humano-a-comunicacao/>>. Acesso em: 29 maio 2018.

Centro de Cultura Luiz Freire: “Assim, precisamos assumir a comunicação também como um direito humano, reconhecendo nela o direito que todas as pessoas têm de se expressar livremente, de terem a garantia do acesso aos meios de produção de informação, bem como conhecimentos e tecnologias que precisam para poderem se comunicar”.

Claro que os desafios práticos das ações comunicativas são sempre grandes, mas isso não impede que cada rede busque suas soluções de forma criativa. Veja o que fala Valeska Souza, da rede de leitura Jangada Literária: “A gente viu a necessidade de estar em diferentes meios de comunicação, principalmente na internet, porque hoje tudo o que se faz todo mundo divulga na internet, ela tem uma abrangência muito grande, e é de suma importância ocuparmos as redes sociais”.

Você sabia que em nosso país mais da metade da população acessa regularmente a internet³¹ e quase 100 milhões acessam redes sociais³²? Não resta dúvida – não é mesmo, querido? – sobre a importância da utilização dessas ferramentas para dar visibilidade à causa do livro e da leitura e tornar mais conhecidas as bibliotecas comunitárias.

Mas não podemos esquecer também dos canais comunitários de comunicação. No mesmo *Manual prático (muito prático mesmo) o direito humano à comunicação*, Ivan Moraes Filho também fala da relevância dos “jornais de bairro, murais, projeções em praça pública, carros, motos ou bicicletas de som. Apostando nos meios de comunicação comunitários e populares, grande parte da sociedade brasileira tenta, aos trancos e barrancos, romper a barreira da invisibilidade e pautar, também, a discussão pública a respeito de suas demandas”.

Essa então foi uma das preciosidades encontradas por nós nessa ventania de informações: as redes têm conseguido trabalhar com diversos meios de comunicação. Reconhecem que a pluralidade desses veículos é estratégica para a visibilidade de suas ações. Estão apostando em meios de comunicação mais alternativos e não apenas esperando pela atenção das mídias tradicionais. Há uma iniciativa por parte das redes de se comunicarem a partir de seus próprios sites, blogs, páginas no Facebook e materiais de divulgação.

Nas redes da Amazônia Literária, de Belém do Pará e Mar de Leitores, de Paraty-RJ, que estavam se estruturando no período da nossa viagem, os

31. Pesquisa TIC Domicílios, realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), em 2016. Disponível em: <<http://cetic.br/pesquisa/domicilios/>>. Acesso em: 29 maio 2018.

32. Pesquisa sobre o uso das redes sociais realizada eMarketer em 2016. Disponível em: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2017/07/14/um-terco-da-populacao-global-usa-rede-social.html>>. Acesso em: 29 maio 2018.

instrumentos de comunicação interna (grupo de e-mail, WhatsApp e redes sociais) também foram relevantes para a reorganização das bibliotecas e dos coletivos visando a transparência e a participação colaborativa.

Outro tesouro que não podemos deixar de te contar é o modo como as redes estruturam e organizam suas estratégias de comunicação. Mas, como você deve saber a essa altura, o pessoal tem que cuidar de muita coisa ao mesmo tempo: espaço, acervo, mediação, enraizamento comunitário, gestão compartilhada, articulações, incidência política e mobilização de recursos. Tudo isso dificulta, em alguns momentos, terem tempo disponível para dar conta da comunicação. Para resolver esse desafio, identificaram a necessidade de se ter alguém especializado na área, uma pessoa que tenha esse olhar mais atento para a divulgação das ações de comunicação das bibliotecas e das redes. Que bom que eles se deram conta disso, não é? Pois assim passaram a cuidar melhor do modo como visibilizam suas mensagens para o mundo.

Lá no Ceará, a rede Jangada Literária nos contou que um dos problemas que enfrentavam era a desorganização na gestão das redes sociais: várias pessoas alimentavam os canais on-line e isso gerava confusão, muitas vezes, na difusão das informações. Já em Minas Gerais o pessoal da rede Sou de Minas, Uai! nos contou que a dificuldade era quanto ao que iriam publicar e que, por vezes, algumas ações importantes deixavam de estar nas redes sociais. Em Nova Iguaçu, a rede Baixada Literária percebeu que não possuía muitos materiais para divulgação externa e passou a investir nessa frente.

Logo as redes perceberam a importância de terem uma assessoria de comunicação ou assegurar que um integrante da rede assumisse essa função, alguém com um olhar específico e cuidadoso para essa área, que assume a responsabilidade de divulgar as ações com uma linguagem objetiva e mais acessível. A presença de um profissional específico e, se possível, especializado na área de comunicação, fez com que houvesse uma mudança significativa nessas redes locais de leitura. Foi uma transformação positiva! A comunicação melhorou muito entre os integrantes das redes e também com parceiros e o público em geral. Afinal, “quem não se comunica, se trumbica”, já dizia o Chacrinha, um ícone da comunicação no Brasil.

Isso nos faz lembrar do texto da ANDI/Oficina de Imagens³³, *Comunicação e mobilização social*, quando afirmam que “para operar

33. Comunicação e mobilização social: orientações para incidir em políticas públicas/Texto Andi/Oficina de Imagens. 2.ed. — Belo Horizonte: Oficina de Imagens, 2009. 80 p. (Coleção Cadernos Novas Alianças; 1). Disponível em: <http://solucoesparacidades.com.br/wp-content/uploads/2013/01/17-Caderno_Novas_Aliancas_Comunicacao_web_0.pdf>. Acesso em: 28 maio 2018.

o planejamento de comunicação uma contribuição bastante válida é dada pela presença de um profissional de comunicação. Muitas vezes é inviável à organização ou movimento social contratar um funcionário com essas habilidades, mas há maneiras de se criar parcerias para a permuta de um profissional da área”.

No entanto, para garantir esse profissional, imaginamos que você saiba que são necessários recursos financeiros que viabilizem a contratação dos mesmos. E a boa notícia é que a rede de parceiros viabilizou a remuneração desse serviço especializado bem como a criação, produção e a manutenção dos materiais de divulgação externa, como folders, cartazes, flipetas, portfólios etc. E aí mais uma vez é o elemento vento que nos vem na cabeça... a força do vendaval e da comunicação ajuda a quebrar barreiras como esta, que muitos movimentos e organizações sociais nem sempre conseguem ultrapassar.

Agora outro aspecto interessante que merece ser contado é que não basta ter somente um olhar específico para a comunicação, tem que também saber o que se quer comunicar. É necessário um conhecimento aprofundado sobre os conteúdos a serem difundidos e compartilhados. E nisso os integrantes das bibliotecas e das redes são craques, pois vivem intensamente suas experiências, além de estarem em constante processo de atualização e formação.

Essa ideia nos lembra do que lemos em outro livro que trouxemos para a viagem: *Comunicação e Estratégias de Mobilização Social*, organizado por Márcio Simeone Henriques³⁴: “A comunicação é essencial aos movimentos sociais, uma vez que permite a geração e a manutenção de vínculos com seus públicos, por meio do reconhecimento da existência e da importância de cada um, assim como do compartilhamento de sentidos e valores”.

Na rede Sou de Minas, Uai!, aconteceu uma coisa muito bacana. Eles resolveram criar um grupo de trabalho (GT) de comunicação, composto pelos próprios integrantes da rede local. E para capacitar essa galera, os membros do GT receberam formações e começaram a ajudar a assessoria nas fotografias e nas informações a serem difundidas para que os resultados do trabalho fossem publicados detalhadamente nas redes sociais, nos sites e blogs das bibliotecas e da rede. É um “trem bão” ver como esses mineiros fortaleceram sua comunicação com o mundo. Até porque, como diz o ditado popular, “uma andorinha só não faz verão” e ter mais gente na área

34. HENRIQUES, Márcio Simeone (org). **Comunicação e Estratégias de Mobilização Social**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 2 reimp.

de comunicação é ter mais andorinhas voando livres, espalhando boa informação...

Por isso, querido, não é à toa que essas três redes conseguiram bastante êxito em suas ações de comunicação, pois os aprendizados que construíram nessa área são bastante significativos e devem ser espalhados pelo vento, para que cada vez mais pessoas e grupos sociais se apropriem da comunicação como um direito.

Uma boa comunicação favorece que todas as outras dimensões do trabalho das bibliotecas comunitárias e das redes de leitura se articulem e ganhem efetividade. Mas não podemos deixar de dizer que, com tudo que vimos e ouvimos, fica evidente que a qualificação das estratégias de comunicação é crucial para o aprimoramento dos processos de enraizamento comunitário e de gestão compartilhada. Tanto as aproximações com a comunidade como a não hierarquização interna das redes se potencializam quando a comunicação está bem organizada e estruturada. É esse vento que possibilita que todas as vozes saiam e sejam ouvidas!

Assim, finalizamos nossa carta, esperando que as ações dessas redes sirvam de inspiração e que possamos, a partir daqui, ter maior confiança na garantia de que podemos lutar juntos por um país cada vez com mais leitores literários.

Dos amigos de luta,

Rafael, Juçara e Ual

"QUEM NÃO COMUNICA SE TRUMBICA!"

Comece pela comunicação interna:

- * Olhe no olho, com cumplicidade, confiança e muita conversa entre os integrantes da biblioteca;
- * Seja transparente no diálogo e no compartilhamento das informações que circulam;
- * Planeje as estratégias de comunicação;
- * Produza os materiais e as atividades que serão compartilhadas.

Comunicação externa:

- * Comece pelos vizinhos da sua biblioteca;
- * Crie placas, cartazes, faixas que identifiquem a biblioteca;
- * Crie uma agenda das atividades e divulgue-as;
- * Pergunte-se! O quê? Para quem? Como eu vou divulgar?
- * Utilize informações com linguagem acessível;
- * Seja criativo! Use e abuse de ideias;
- * Converse com quem está ao seu redor: escolas, creches, postos de saúde, associação de moradores, comércios etc.;
- * Quebre seus muros: crie páginas em redes sociais, blogs, sites, fotografias, vídeos, jornais impressos etc.

UM CORPO-LIVRO ENRAIZADO NA DIVERSIDADE

KIUSAM DE OLIVEIRA

Kiusam de Oliveira é autora de livros infantis e juvenis: *Omo-Oba Histórias de Princesas*; *O Mundo no Black Power de Tayó*; *O mar que banha a ilha de Goré*; *Omo-Oba: Histórias de Príncipes*. Professora da Universidade Federal no Espírito Santo. Possui mestrado em Psicologia e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo. É Iyalorixá. Como artista tem palestrado pelo Brasil sobre a temática das relações étnico-raciais, candomblé e educação, corporeidade afro-brasileira, racismo e gênero.

VITÓRIA, JUNHO DE 2018

Saudações! Gostaria de compartilhar a alegria que sinto por ter sido convidada a escrever esta carta no livro Expedição Leituras: tesouros das bibliotecas comunitárias no Brasil. Isso porque minha vida foi atravessada por vocês, mediadores e gestores envolvidos na potencialização da leitura literária enquanto um direito humano a ser divulgado e aperfeiçoado no campo da política pública em nosso país.

Quero lembrá-los do perigo da história única que a escritora Chimamanda Ngozi Adichie nos alerta: por muito tempo, nós fomos socializados a partir de um tipo de literatura que privilegiava somente um tipo de princesa ou príncipe ou um certo tipo padrão de família, desconsiderando a pluralidade étnico-racial, condições socioeconômicas e formatos organizativos familiares existentes no país. Assim, ficava muito difícil nos imaginarmos protagonistas das histórias lidas por nós nos livros literários, sem que desejássemos deixarmos de ser quem éramos, uma vez que as imagens eram tão diferentes de nossas realidades.

Vale registrar aqui minha compreensão de que os processos educativos se dão pela palavra, pelo gesto, pela imagem, pelo olhar e pelo silêncio. Todos esses modos de expressões nos ensinam profundamente. E o fazem porque nos inserem, desde cedo, no aprendizado da leitura dos corpos daqueles que estão perto de nós: aprendizado que dura a vida inteira. Tal experiência fez com que eu visse o corpo como um livro desde minha infância: corpo-livro repleto de obras inacabadas, possível de ser lido por quem tem olhos banhados na sensibilidade. Minha mãe, quando queria, falava comigo através do olhar – bastava um olhar para eu entender o que ela queria de mim. Meu pai, quando queria, falava comigo através do gesto, normalmente para revelar, sem dizer uma palavra, o quanto estava orgulhoso de meus feitos – ele passava a mão nos meus cabelos com um sorriso largo nos lábios e os olhos marejados de emoção. Com as avós e os avôs do mundo, aprendi através de suas figuras que o tempo é implacável e nos ensina muito. Com os africanos, aprendi que a palavra corta. Com o

silêncio, aprendi que ele nos molda e tem ocupado lugares dúbios na história – ele pode ser sinal de protesto, de sabedoria, de cumplicidade e de alienação.

E, assim, entre imagens, olhares, gestos, silêncios e palavras, fui sendo alfabetizada numa leitura dissociada de letramento, leitura para a vida inteira a partir de um território chamado por mim de corpo-livro. Lembrei-me de tudo isso ao refletir a forma viva e corpórea com que os mediadores de leitura atuam nas bibliotecas comunitárias na busca de garantir o acesso ao livro e à leitura às pessoas, porque a atuação dos mediadores de leitura pauta-se na intencionalidade de buscar referências teóricas, caminhar pela comunidade e ouvi-la, estudar os temas que surgem na própria comunidade, planejar as atividades e colocá-las em prática. Corpo-livro em contato com tantos outros corpos. Ação. Corpo-Ação mergulhado nos atravessamentos locais, culturais e históricos. É a continuidade dos ensinamentos da vida que nos obriga a aprender a ler o outro corpo, livro, corpo-livro.

E isso nos leva a pensar no enraizamento comunitário e político que é ter os pés no mundo e a mente enraizada no lugar de afeto. Isso é o mesmo que ter esse lugar entranhado no corpo-livro enquanto território que se amplia em possibilidade real de formação de leitores de todas as idades, compromissada com a transformação da comunidade, cada vez mais leitora. Aqui, o boca a boca, a comunicação estratégica visibilizando as ações da leitura enquanto direito de todas/os também diz respeito à certeza de que o acervo-vida contém histórias capazes de nos aproximar de gente como a gente, com tramas que aproximam a literatura às experiências e demandas sociais dos moradores dos mais diversos territórios, sem que nos esqueçamos dos encantamentos e prazeres que só um livro e uma boa leitura são capazes de nos proporcionar. Afirmo, num texto que está no prelo, que após a lei 10.639/03 e 11.645/08 os livros sobre questões afro-ameríndias aumentaram sobremaneira: o que falta aumentar é a consciência dos gestores públicos, bibliotecários, mediadores de leitura nas bibliotecas públicas e comunitárias para que compreendam a literatura como

35. Lei 10.639/03 que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileiras e africanas nas escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em 30 maio 2018.

36. A Lei 11.645/2008 altera a Lei 9.394/1996, modificada pela Lei 10.639/2003, a qual estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em 30 maio 2018.

uma ferramenta a serviço das desconstruções discriminatórias fundamentais, em um país em que enxerga negros, negras e indígenas como seres inferiores à população branca. Cuidem com carinho dos corpos-livros que aprendemos a chamar de pessoas em seus espaços e que esses sejam espaços do acolhimento, aprendizados e sonho-aconchego. Mas isso é uma outra história!

Kiungam de Oliveira

ARTICULAÇÃO: PARCERIA E
ESTRATÉGIA

Nº 107

RECIFE

05 | 11 | 2017

CLAUDILEUDE SILVA, MARIA
BETÂNIA SILVA, JULIA GUARILHA
E VAL ROCHA

TECENDO A MANHÃ

“Um galo sozinho não tece uma manhã: ele
precisará sempre de outros galos.

De um que apanhe esse grito que ele e o lance a
outro; de um outro galo que apanhe o grito que
um galo antes e o lance a outro: e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem os fios
de sol de seus gritos de galo, para que a manhã,
desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos
os galos.”

JOÃO CABRAL DE MELO NETO³⁷

37. MELO NETO, João Cabral de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.



RECIFE, 5 DE NOVEMBRO DE 2017

Caríssima,

Que saudades! Desculpe-nos a demora em responder sua carta é que estávamos tão envolvidos com a nossa incrível viagem pela Bahia, Pernambuco, Minas Gerais e Rio de Janeiro que não tivemos tempo de escrever antes. Mas agora, ao redigirmos juntas as palavras que tecem esta carta, muitas lembranças e desejos se entretecem em meio a nossa escrita. Isso é reflexo de quão emocionante foi nossa jornada e nossa satisfação em reparti-la contigo.

Ficamos impressionadas com a força que emerge das ações de articulação das redes e das bibliotecas que visitamos em Salvador (RBCS), Recife (Releitura-PE), Belo Horizonte (Sou de Minas, Uai!) e Duque de Caxias (Tecendo uma Rede de Leitura) nos lembrou do trabalho incansável e orgânico das abelhas na polinização das matas e florestas.

Na natureza, existem muitos agentes responsáveis por fertilizar as flores, levando o pólen de uma flor a outra, como o vento e a água. Mas nenhum é mais eficiente do que as abelhas. Por sua inteligência nessa tarefa, pela sua agilidade e capacidade de leitura do seu território (após um tempo com a colônia instalada em certo local, consegue saber qual o melhor horário para coletar o pólen), podemos dizer talvez ousadamente que, do voo coletivo e organizado das abelhas, pode nascer uma floresta inteira.

Como boas exploradoras que somos, lançamo-nos na estrada com o coração aberto para conhecer as diferentes iniciativas e práticas das redes de leitura em seus processos de articulação. Queríamos buscar as pedras preciosas de cada rede e entender como a articulação contribui para promover a causa do direito humano à leitura. Em nosso diário de campo, ficou registrada logo no início uma ideia fundamental: a articulação, entendida como capacidade de prospectar e construir parcerias, de formar e liderar grupos de interesse, de propor e elaborar ações comuns passa a ser fundamental para o sucesso na construção dos planos municipais de livro e leitura. Da mesma forma, ela se torna imprescindível para obter resultados na mobilização de recursos.

Desde que as bibliotecas passaram a incidir de forma mais direta nas políticas e espaços públicos relacionados à agenda do direito à leitura, as equipes tiveram que agregar à sua rotina tarefas de contato e negociação com atores políticos e sociais. Mediadores de leitura, coordenadores, gestores e bibliotecários logo perceberam que precisariam sair de suas bibliotecas e instituições e se articular com outros sujeitos da área do livro, leitura, literatura e bibliotecas interessados na construção de políticas públicas em suas cidades e estados. Mais uma vez nos lembramos das dinâmicas de polinização pelas abelhas, que se lançam pacientemente em cada flor que encontram em seu voo, fertilizando com sua generosidade o mundo.

O que percebemos ao aprofundar nosso diálogo com as redes sobre esse trabalho de polinização que vem fazendo nos territórios é que, aos poucos, o perfil dos mediadores foi mudando, passando a agregar habilidades como iniciativa, negociação, persistência e atenção para lidar com um novo ‘público’, formado por escritores, ilustradores, professores, bibliotecários, livreiros, integrantes de movimentos sociais e do poder público. O mediador de leitura foi se transformando em “articulador”, nome que passou a ser utilizado em diversas redes.

Cara amiga, quando tiver oportunidade de conhecer de perto o trabalho das redes, você logo perceberá a força da articulação das bibliotecas, sua capacidade de fertilizar e espalhar, entre os grupos e instituições com os quais dialogam em suas cidades, a importância do livro, da literatura e da leitura como direito. Mas esse trabalho cotidiano de diálogo que os integrantes das bibliotecas produzem, polinizando suas ideias entre os mais diferentes atores da cadeia do livro e da leitura, é também marcado por muitos desafios. É semelhante às abelhas que constroem uma nova colmeia: uma tarefa que exige inteligência, espírito coletivo, aprendizado e paciência. E você já viu como uma colmeia é resistente? Faça chuva, faça sol, ela se mantém intacta e assegura a temperatura ideal para suas moradoras.

O trabalho de articulação também demanda autonomia e capacidade de estabelecer prioridades por parte das pessoas que atuam na promoção da causa do direito à leitura. Em nossa busca pelos tesouros das redes de bibliotecas, estivemos atentas a observar quais os desafios, as conquistas e aprendizagens que cada pessoa com quem conversamos tiveram para promover ações de articulação. E podemos dizer, querida amiga, que não foram poucos os tesouros que encontramos. Vimos muitas sementes e frutos produzidos pelo trabalho incansável de polinização das bibliotecas comunitárias.

Para nós, é preciso dizer, também é um desafio conseguir relatar a dimensão e a força como esses coletivos têm se articulado em seu

processo de planejamento para incidir política e socialmente nos diferentes espaços públicos, seja para mudar a realidade, seja para construir caminhos para sua sustentabilidade. Existe uma grande diversidade no trabalho das diferentes redes locais, situadas em quatro regiões do país, na construção de estratégias e iniciativas.

Essa articulação é tão bem engrenada que transcende e alcança novos espaços, muitas vezes fora do campo direto de atuação das bibliotecas, como quando as redes se conectam, por exemplo, aos grupos que lutam pela igualdade racial. A leitura de mundo vai se intensificando e o que antes era apenas uma função, uma tarefa, passa a ser um ideal. Empoderadas e em diálogo constante, as bibliotecas articulam entre si, sonham e tecem sua rede, conquistam novos horizontes. Nesse exercício de cidadania, preenchem lacunas nas quais o Estado não se faz presente, intermediando anseios e desejos das bases comunitárias na relação com o governo, formulando e exigindo políticas públicas. Escrevem, assim, sua história de luta pelas causas literárias.

Olhando agora para o que trouxemos em nossa bagagem e nos registros de nossos diários de campo, fica evidente o poder de articulação existente na trajetória das bibliotecas comunitárias, as conquistas que elas acumulam. Cada vez mais, elas estão presentes no palco dos atores literários e governamentais. A articulação tem possibilitado abrir espaços e canais de diálogo na cidade nunca antes ocupados e nem imaginados por elas.

Mas as pessoas que trabalham com a articulação precisam estar sempre antenadas com os movimentos que dizem respeito ao livro e à leitura, nos bairros ou cidades, praticando a escuta ativa e identificando aquilo que é prioritário para todos. O trabalho de polinizar ideais e fertilizar com livros, leitura e literatura o mundo não está isento de risco, querida amiga. As bibliotecas aprenderam nessa jornada até aqui que é preciso ter uma boa causa e acreditar na potência e resiliência do coletivo, faça chuva, faça sol (assim como as abelhas ao construir sua colmeia!), para garantir os espaços de fala e de encontro. No processo de articulação, vai-se descobrindo os temas que precisam ser estudados e aprofundados para fundamentar nossa incidência. Articular é fortalecer a rede.

Lembramos aqui do que nos disse a Ladaíza Teles, da Rede de Bibliotecas Comunitárias de Salvador: “Algo fundamental foi começar a estudar mais os mecanismos de atuação das políticas públicas. A partir do conhecimento que tivemos, dos estudos que temos feito de documentos, fomos nos fortalecendo e percebendo mais a importância e os caminhos para fazer esse trabalho. Isso foi relevante”.

Mas precisa-se de muitas abelhas para polinizar uma floresta inteira. E sabemos que o trabalho nas bibliotecas demanda muitas frentes de ação e,

na maioria dos casos, está nas mãos de poucas pessoas. Em nossa expedição, observamos que essa carência de pessoas não causou intimidação, pelo contrário, mobilizou a todos para se dividirem coletivamente e multiplicarem as representações. Planejar as ações, organizar as tarefas, dividir o esforço entre o coletivo é fundamental para que a semeadura de ideias frutifique e a colheita dos frutos venha com abundância!

Em nossa ida a campo, vimos que as dinâmicas de articulação envolvem, além dos integrantes das bibliotecas comunitárias, parceiros comunitários, instituições públicas e privadas, e representantes das cadeias criativa, mediadora e produtiva. Todos articulados em torno de ações de diálogo e incidência junto aos poderes Legislativo e Executivo. O que ouvimos nas conversas que tivemos em nossa viagem é que inicialmente havia muita dificuldade em construir espaços de diálogo com o poder público no sentido de viabilizar o apoio às iniciativas literárias nas comunidades. Embora algumas redes já tivessem pessoas com experiências individuais, envolvidas em ações de engajamento político e comunitário, eram minoria ou com pouco poder de articulação, por ainda não representarem um coletivo.

Em um primeiro momento, não sei se você sabe, as bibliotecas comunitárias ainda não estavam organizadas em redes locais e o interesse pelas questões políticas referentes ao livro e a literatura ainda não estava tão presente. O foco do trabalho era voltado para eixos mais estruturantes das bibliotecas, ou seja, a gestão de projetos, a organização do espaço e do acervo e as ações de mediação de leitura e formação de leitores.

Nessa caminhada, inicialmente, a maioria das bibliotecas pouco sabia da importância de pensar políticas públicas ligadas à literatura. De forma geral, ainda não enxergavam a literatura como um direito de todos. Naquele momento, a articulação não constituía um eixo estratégico e as ações aconteciam de forma mais pontual.

Com a organização das bibliotecas comunitárias em redes locais, nas cidades e nos Estados, foi ficando claro que todos teriam mais chance de conquistar mudanças efetivas e estruturais para a sustentabilidade de seus trabalhos. Tornou-se então fundamental incidir para que a legislação e o orçamento público passassem a considerar, entre suas prioridades, as bibliotecas e a garantia do direito humano à leitura. Para isso, era preciso que o diálogo fosse construído de forma democrática e representasse a diversidade de vozes dos diferentes atores envolvidos.

Porém, nem tudo são flores nesse campo, não podemos deixar de dizer. Algumas bibliotecas comunitárias e parte de seus integrantes saíram da rede por não se identificarem com os rumos que foram sendo tomados, pois as relações passaram a ser mais democráticas e dialógicas, exigindo de todos mais disponibilidade, dedicação e esforço

peçoal. A intensidade do trabalho aumentou e as ações das redes locais extrapolaram os muros das bibliotecas.

Os desafios da sustentabilidade, esse tema que sempre mobiliza e estará presente entre as diretrizes dos planejamentos, surgiram ao conversarmos com as amigas da Tecendo uma Rede de Leitura, de Duque de Caxias. Assim como ocorreu com elas, muitas redes e bibliotecas nos disseram que enfrentaram dificuldades de financiamento das suas ações e que, nesse momento, isso parecia insuperável. Felizmente, ao contrário, esse desafio foi motivo para fortalecer o trabalho de buscar novas parcerias. Além disso, desde 2015, com o surgimento da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC), elas passaram a se conectar com outras redes no país, o que possibilitou compartilhar estratégias e soluções.

Houve um esforço coletivo para intensificar a presença das redes locais em seus territórios a partir da realização de seminários e encontros formativos, abrangendo temáticas ligadas à incidência, à participação em espaços públicos de debate e em reuniões de conselhos, assim como a retomada de fóruns locais de articulação, a integração com as academias de letras, a reformulação de leis de incentivo à cultura, fora outras conquistas que tomariam muito espaço nessa carta se fôssemos falar de todas.

Como abelhas que se lançam na mata em busca de alimento, esses atores foram se infiltrando no cenário político, ocupando seus lugares, descobrindo sua potência, desengavetando planos e apontando as lacunas ainda existentes nas políticas públicas. A grande sacada foi perceber a importância da aquisição do conhecimento, da formação, ampliando o conceito do “saber” para “saber fazer”, para um posicionamento mais firme. É como nos disse o saudoso professor Paulo Freire, “não há saberes mais ou saberes menos; há saberes diferentes”.³⁸

Quando estivemos em Belo Horizonte, conversando com os amigos da rede Sou de Minas, Uai!, Rafael Mussolini, articulador da rede, nos disse: “A valorização dos saberes da própria rede é hoje algo que consigo ver na prática, pensando na sustentabilidade e em outras questões na rede. Vemos que as dinâmicas de articulação estão bem estruturadas e isso se dá por causa da formação, do aprendizado e das nossas práticas. Temos que levar para o campo toda essa prática sabendo que tem um coletivo por trás, sabendo que estamos falando em nome de muitas pessoas. Estamos falando em bibliotecas comunitárias e, se pensarmos no contexto do Brasil, quantas experiências maravilhosas para compartilhar! Quando está na articulação,

38. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

a pessoa tem que saber que está falando em nome de um monte de gente, das Bibliotecas Comunitárias e da RNBC. Não é um único aspecto, é um movimento muito grande, ela tem que ter isso em mente. Se vamos a campo com este pensamento, vamos muito mais longe, com mais argumentos e com mais possibilidades até de garantir outras articulações maiores”.

Esse aprendizado de que nos fala o querido Rafael não aconteceu de uma hora para outra. Foi preciso paciência e persistência no esforço de construir os processos de articulação. O diálogo horizontal, o respeito às diversidades e às diferentes opiniões foram essenciais para consolidar as redes em âmbito local e nacional.

Nas histórias que vimos, lemos e ouvimos em nossa expedição – e quantos tesouros temos nessa grande rede! – muitas contavam sobre a relação entre as dinâmicas de articulação e a mobilização social promovida pelas bibliotecas em seus territórios. O diálogo sistemático com os diferentes atores: as escolas públicas, as universidades, os grupos técnicos de trabalho do Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas – PMLLLB, os movimentos sociais, as lideranças comunitárias, os agentes culturais... Enfim, amiga, essa é uma história com muitos personagens. Todos contam como tiveram que se organizar internamente para lidar com os diferentes convites que chegavam para eventos, bienais, festas literárias e ações em parceria com o poder público.

Na rede Sou de Minas, Uai!, por exemplo, a demanda crescente para participar desses espaços e momentos acabou por integrar as ações de articulação às de comunicação. Para levarem o pólen da leitura para tantas flores que encontraram no caminho, precisaram elaborar materiais de qualidade, conteúdos que contextualizassem a luta e levassem a mensagem adiante. E a turma de Minas fez isso com sucesso! Esse é um aprendizado que vale para todas as redes que estão hoje na RNBC.

Mas no começo não era assim, amiga. As bibliotecas comunitárias não promoviam tantas ações coletivas de mobilização social, não tinham o reconhecimento de outros, como tem hoje, e nem mesmo uma missão definida. Estavam todas ainda muito centradas em sua própria colmeia e ainda não haviam atinado para a força que a polinização coletiva da causa da leitura tinha nos territórios.

A própria necessidade de construir estratégias de sustentabilidade levou as redes locais a aprimorarem seus processos. Passaram a investir na formação para a escrita de projetos, a realização e participação em eventos e a divulgação constante da causa e do trabalho realizado por elas. Com o tempo, foram construindo um relevante aprendizado em relação à articulação, pois, nesse percurso, compreenderam que o sentido da palavra articulação é muito mais amplo.

Perceberam aquilo que bem disse o companheiro Rafael Mussolini, de BH: a “articulação não é só financeira. É todo apoio que você pode conseguir para que aquela biblioteca possa funcionar. Quando a gente acorda para a questão desse eixo, percebe que a vizinha do lado é uma parceira, que um escritor do bairro, a escola, deveriam ser foco da nossa articulação e isso tudo garante o funcionamento da biblioteca”.

Ufa! De quanto aprendizado essas redes têm se apropriado! Esse processo realmente exige o envolvimento de todo o coletivo, numa organização que vai se tornando cada vez mais consistente, como resultado de um trabalho concebido, estruturado e planejado a várias mãos pelos integrantes da rede (mediadores, coordenadores, gestores, bibliotecários e leitores).

E todas as belas histórias que ouvimos durante nossa expedição Brasil afora, nos traz esse brilho nos olhos. É o brilho dos tesouros que o trabalho de articulação das bibliotecas comunitárias traz hoje na polinização do livro, da leitura e da literatura como um pressuposto fundamental da cidadania. Um campo fértil para a semeadura e a colheita de direitos.

As redes aprenderam que era preciso ir além do atendimento das demandas de gestão das bibliotecas. Se quisessem se fortalecer e garantir a sustentabilidade das suas ações, seria necessário formar alianças e parcerias consistentes, de longo prazo. Mas também era preciso tecer essa articulação sem perder a autonomia. Os momentos de incidência para criação ou monitoramento do PMLLLB foram fundamentais nesse sentido, revelaram a força que a articulação pode ter para o trabalho das bibliotecas. Mas isso foi um processo gradual, em que cada integrante das redes foi aos poucos aprendendo a identificar e usar suas habilidades pessoais e profissionais. Felizmente, existem pessoas que exercem naturalmente esse papel, coordenam e envolvem os demais componentes, integrando-os em todas as ações internas e externas.

A experiência da rede Releitura, de Recife, nos mostrou como é importante construir uma identidade coletiva, uma agenda política comum, para que esse esforço coletivo e a atuação de cada um tenha sentido. Lá em Pernambuco, os integrantes da rede aprenderam que é fundamental ocupar os espaços políticos – eles participam de diferentes instâncias e de forma ativa, como os conselhos de políticas culturais, os grupos de discussão de políticas para a leitura e os fóruns de articulação da sociedade civil. Além disso, não poderíamos deixar de dar destaque para a articulação entre a Releitura e o Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Juntos, constroem o subprojeto “Mediadores

de Leitura na Escola e na Biblioteca”, do PNAIC³⁹ contribuindo com a formação de professores das escolas públicas como mediadores de leitura. Essa ação desenvolve a capacidade leitora, a apropriação do direito ao conhecimento por meio da experimentação da palavra escrita, lida e compartilhada... Essa rede é tão boa que conseguiu uma forte articulação com a universidade! Isso é bacana de se ver, pois como nos falou a querida Isamar, articuladora e mediadora, “a Releitura criou uma identidade política, por isso é que estamos em todos os espaços e com isso notamos que o processo de enraizamento tem espalhado as suas raízes para além dos muros das bibliotecas”.

Organizar a casa também é fundamental para isso, como a própria Releitura nos revelou. Em nossa conversa com todas as redes que visitamos, deu para perceber como foi importante a formação dos grupos de trabalho nas redes locais e na RNBC. A partir deles, as pessoas foram se organizando e se formando dentro de momentos de discussão específicos sobre as áreas de atuação das bibliotecas. Também contribuiu nesse momento o uso constante das ferramentas de comunicação e das redes sociais para trocas de informações, como os WhatsApp, o e-mail, o Facebook e outros recursos utilizados para reuniões virtuais. Isso permitiu aproximar pessoas, ideias e, apesar das distâncias, possibilitou um maior entrosamento entre a rede e as redes de outros municípios e também estados.

Você já deve ter percebido, a essa altura, que processo de articulação não é simples. Mas, hoje é bonito ver como está disseminada entre as redes que visitamos a compreensão de que todos que integram as bibliotecas (mediadores, gestores, coordenadores, bibliotecários) são responsáveis pelas ações de articulação, ainda que muitas vezes seja necessário ter um ou mais representantes com esse papel específico dentro da rede.

E para manter ativa essa articulação e conseguir acompanhar seus desdobramentos, as redes aprenderam que, além de articular, é preciso monitorar sistematicamente os acordos que vão sendo construídos no caminho. Pensando nisso, algumas redes têm se organizado para dinamizar esse processo e estarem atentas a todas as interlocuções necessárias para a garantia de um bom trabalho. Como exemplos podemos citar a Rede de Bibliotecas Comunitárias de Salvador, que concentra todas as informações em um e-mail institucional único, que recebe todas as mensagens direcionadas à rede e é gerenciado coletivamente, e a rede Sou de Minas, Uai! que possui uma pessoa

39. PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa/MEC.

dedicada exclusivamente à articulação, que não fica em nenhuma biblioteca específica e tem como função articular em todas as instâncias e nos diferentes territórios.

Pois é, querida, nossa jornada pelas frondosas florestas do livro e da leitura foi repleta de descobertas! Cada aprendizado que fomos registrando pelo caminho se revela como uma pedra preciosa, lapidada a muitas mãos por aqueles que constroem cotidianamente as ações de articulação nas redes. Nós somos muitos! E a nossa diversidade é um tesouro que temos. Mesmo com todos os desafios que enfrentamos, o fato de estarmos articulados nos dá força e resiliência. Como as abelhas que, ao voar sobre as flores em sua missão de levar o pólen de uma a outra, enfrentam predadores, vento, calor e toda sorte de intempéries. Mas seguem trabalhando juntas, se organizam, levam sempre consigo a força do trabalho coletivo e da abundância.

Despedimos-nos com alegria, nos sentindo como pequenas abelhas que voltam para suas colmeias cheias de alimento. Em breve, esperamos que você também faça uma jornada pelas florestas do livro, da leitura e da literatura e sabemos que os aprendizados que registramos nesta carta serão de grande valia para entender melhor a experiência das redes em seu campo de atuação.

Um forte abraço nosso,

Claudileude, Betânia, Julia e Ual

UMA ANDORINHA SÓ NÃO FAZ VERÃO!

- * A primeira articulação importante é com a própria comunidade. Se articule com associações, coletivos e grupos de jovens, de mães, de mulheres e moradores da comunidade;
- * Mantenha sua relação com os parceiros sempre aquecida, enviando materiais sobre as atividades da biblioteca e da rede;
- * Convide os parceiros para participar das atividades da biblioteca;
- * Busque articulação com as universidades da sua cidade e Estado;
- * Busque pessoas com ações em comum com o seu trabalho;
- * Faça uma lista de contatos, contendo e-mails, telefones e endereços (escritores, vereadores, deputados, pessoas da comunidade etc.);
- * Crie uma agenda de ações de eventos com parceiros;
- * Conheça as dimensões da articulação (articular para enraizar, articular para incidir, articular para formar);
- * Tenha sempre à mão material de divulgação de sua biblioteca e rede;
- * Prestigie as ações e atividades de seus parceiros;
- * Fique atento ao acompanhamento de demandas e respostas (controle de e-mail e dos outros canais de comunicação utilizados).

INCIDÊNCIA POLÍTICA: OCUPAÇÃO E RESISTÊNCIA

Nº 119

NOVA IGUAÇU

19 | 11 | 2017

MARIA BETÂNIA SILVA, CARLOS
HONORATO, RAFAEL ANDRADE E
TÚLIO DAMASCENA

O MUNDO

“Um homem da aldeia de Neguá, no litoral da Colômbia, conseguiu subir aos céus. Quando voltou, contou. Disse que tinha contemplado, lá do alto, a vida humana. E disse que somos um mar de fogueirinhas.

— O mundo é isso — revelou —. Um montão de gente, um mar de fogueirinhas.

Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo.”

EDUARDO GALEANO⁴⁰

40. GALEANO, Eduardo. *O Livro dos Abraços*. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002.



NOVA IGUAÇU, 19 DE NOVEMBRO DE 2017

Querido companheiro de jornada,

Como vai a luta? Adoramos receber sua última carta. Escrevemos-te hoje para narrar um pouco de nosso mergulho no contexto da ação política das redes de bibliotecas comunitárias. Foi uma viagem intensa e maravilhosa! Tantos sotaques, tantas vivências, tantas conversas boas tivemos em volta da fogueira.

Não estávamos acampados, se é isso que pensou quando falamos em fogueira! É que se fôssemos encontrar um elemento da natureza que representasse as diversas estratégias para incidir nas políticas públicas, levadas a cabo pelas redes locais, não temos dúvida, seria o fogo, a fogueira! A incidência é a chama que aquece nosso trabalho, a fogueira que incendeia e contribui para transformar a realidade de nossas comunidades.

Nós, como integrantes de bibliotecas comunitárias, sabemos o quanto é compensador perseverar em prol de uma causa, quando realmente acreditamos nela. Percebemos que, por meio de uma ação política consistente, podemos contribuir na transformação de um mundo com mais igualdade, equidade e oportunidade. Somos todos nós, querido amigo, que carregamos de mão em mão essa tocha da mudança social a partir do livro, da leitura e da literatura.

Nossa expedição é uma viagem em busca de conhecimento, saímos pela estrada para garimpar os tesouros e, por isso, como fazem os bons leitores, estamos sempre estudando e aprendendo. Pesquisamos um pouco nos livros que trouxemos na viagem algumas reflexões sobre o tema da incidência política no campo da cultura, nosso objeto de estudo nessa jornada que fizemos.

Adoramos o que disse Carlos Wellington Martins em seu artigo “Política cultural, democracia e Participação popular: o segmento Livro, Leitura e Literatura na construção do Plano Municipal de

Cultura de São Luís – MA”⁴¹, quando fala que entende “a política cultural, habitualmente, como um programa de intervenções realizadas pelo Estado, instituições civis, entidades privadas ou grupos comunitários, com o intuito de satisfazer as necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas representações simbólicas”.

Mas, veja bem que interessante, ele reforça aquilo que nós, militantes da causa da leitura, sempre afirmamos em nossas práticas. “O conceito de cultura vai além das belas artes, tomando o seu sentido antropológico, que é gerado através das relações entre os indivíduos indo contra a visão liberal”.

Ah, companheiro, embora essa concepção possa parecer um pouco complexa, o entendimento que ela abrange sobre cultura vai se enraizando em nossas mentes a partir de nossas vivências e ações concretas. Assim, no decorrer do percurso, passamos a perceber quais os desafios e as conquistas que cada rede, cada biblioteca, cada pessoa que visitamos registra em sua trajetória.

E como foi bom conhecer de perto essa fogueira transformadora da incidência política. Pensando nisso, fomos pesquisar como alguns de nossos ancestrais indígenas lidavam com o fogo em suas culturas. Não vamos entrar em detalhes aqui, não daria tempo, mas não resta dúvida de que para todos o fogo é um elemento sagrado. Mas a imagem que queríamos associar à nossa viagem é a do fogo como elemento renovador da natureza e transmutador da floresta, fonte primária do cultivo e da boa colheita.

Vocês sabiam que muitas florestas se renovam com a queimada controlada feita pelos indígenas? Vejam que não estamos falando daquelas queimadas criminosas que acontecem em muitos de nossos patrimônios naturais! A sabedoria indígena na relação com a natureza é incrível. Muitas vezes, quando vão abrir uma roça nova para plantar banana, mandioca, milho, feijão, ervas, eles usam o fogo para “limpar” a área, mas cuidam para que ele não se espalhe onde não deve. O fogo contribui para renovar uma área que, no futuro, voltará a ser uma enorme floresta. E como é bonito ver as plantas rebrotando com vigor, a natureza se renovando depois da intervenção certa dos seres humanos que coabitam nela.

41. MARTINS, Carlos Wellington Soares. Política cultural, democracia e participação popular: o segmento Livro, Leitura e Literatura na construção do Plano Municipal de Cultura de São Luís – MA. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v.7, n.1, p. 155-171, 2014. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/10561/8509>>. Acesso em: 30 maio 2018.

Esse foi também nosso trabalho quando saímos a campo para dialogar com os atores da sociedade civil, do governo e do setor privado sobre nossas pautas e agendas. Também cuidamos em nossas frentes de incidência para queimar as vaidades políticas, renovar constantemente as ações, limpar o campo daquilo que não é mais necessário e fazer brotar a semente da transformação social a partir do livro, da leitura e da literatura.

É no exercício dessa cidadania que as dificuldades surgem e, nessa viagem, percebemos que entre os maiores desafios encontrados em nossas redes, estão o número ainda reduzido de pessoas que muitas vezes as compõem, as falhas nas relações interpessoais e a falta de comprometimento e participação de alguns acarretando, dessa forma, uma sobrecarga nos indivíduos mais engajados na causa.

Outro desafio que dificulta manter essa chama acesa tem a ver com a mobilização dos indivíduos que vivem no entorno das bibliotecas comunitárias. Não é por acaso que uma pergunta sempre aparece nas conversas sobre incidência: que estratégias podem ser usadas para que os moradores da comunidade se envolvam na pauta de construção dos Planos Municipais e Estaduais do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas, mais conhecidos como PMLLLLB e PELLLB? Da mesma forma, há um desafio em mobilizar os atores das cadeias criativa, mediadora e produtiva do livro, da leitura e das bibliotecas.

O fogo precisa estar sempre aceso, mas nem sempre temos as pessoas necessárias para isso – acaba-se em algumas situações perdendo-se muitos momentos de incidir politicamente, de dialogar com os órgãos governamentais. Lembramos de uma ótima conversa que tivemos com a vereadora Fernanda Melchionna, parceira da Redes de Leitura, de Porto Alegre, que ajuda a elucidar a questão da mobilização e a sensibilização da sociedade para a construção de uma política pública: “Faz-se necessário que existam metas dentro das políticas públicas, mas, principalmente, que haja mobilização popular para construção de perspectivas e capacidade de conquista, de espaços. Mobilização por parte dos principais interessados – professores, bibliotecários, mediadores, trazendo informação para diversos segmentos sociais que busquem coletivamente pensar nos mecanismos de regulamentação, busca, liberação e uso de recursos de maneira integrada entre os agentes de política pública e a sociedade”.

Que grande desafio! Mas nem por isso desistimos do nosso ideal, nossa força se encontra no coletivo. Mesmo quando encontramos resistência, quando lidamos com as muitas dificuldades que encontramos no caminho, aprendemos juntos, e isso ajuda a fortalecer a luta pela causa do livro e leitura. O fato é que as redes e as bibliotecas comunitárias são

hoje atores centrais nessa agenda, alguns de forma mais tímida, outras mais avançadas. Em algumas cidades, já foram aprovados os PMLLLB; em outras, o processo reivindicatório ou de construção está em curso, assim como a participação ativa na articulação dos PELLLB.

Voltamos de nossa expedição com uma bagagem cheia de aprendizados e experiências bem interessantes das redes locais. Algumas dimensões desses aprendizados ficaram evidentes quando olhamos para os registros da nossa jornada. Um primeiro aspecto que observamos se refere exatamente ao que disse a vereadora de Porto Alegre e tem a ver com a mobilização social na criação dos planos municipais e estaduais.

Em seus primeiros anos de atuação, a maioria das nossas bibliotecas, que atualmente integram a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC), assim como a maior parte das organizações sociais que atuam com educação e cultura, não estavam sensíveis ainda às demandas políticas do processo de democratização e acesso ao livro e à leitura.

Já faz tanto tempo... Não sei se você sabe... Mas vamos lá! Precisamos ressaltar que o processo de mobilização em prol de políticas públicas do livro, leitura, literatura e biblioteca começou a tomar corpo quando as bibliotecas comunitárias iniciaram sua articulação como polos de leitura, em diversas cidades onde o Programa Prazer em Ler (PPL) atuava. Este momento representou um salto importante no processo de organização das mesmas. A partir daí, elas perceberam que para assegurar seu fortalecimento e sustentabilidade era fundamental haver Planos e Leis que respaldassem o trabalho realizado nas comunidades.

É importante contar que o PPL ofereceu formações que permitiram aos integrantes das bibliotecas comunitárias entenderem como funciona a máquina pública e o sistema político no âmbito municipal, estadual e federal. Nesse momento, começando a se organizar como redes locais, as bibliotecas iniciaram um intenso trabalho de mobilização em prol da construção dos PMLLLB e PELLLB.

Mas as tarefas de mobilização com foco na incidência trouxeram muitos desafios para todas as redes. Eram diversas arestas para aparar nas relações políticas. Como sensibilizar os gestores públicos? Como sensibilizar os parlamentares? E, acima de tudo, como sensibilizar os demais atores da sociedade civil para lutarem junto com as bibliotecas pela causa da democratização da leitura e escrita e para a construção de um país leitor?

Frente a essas dificuldades, os questionamentos aumentavam, mas a força e perseverança, em contrapartida, dobravam! Foi um processo gradual, você já pode perceber e, a cada passo, as bibliotecas foram aprimorando sua ação, rompendo as resistências que surgiam no caminho.

Aquecidos pela fogueira da ação coletiva, começaram a construir identidade e autonomia, conscientes de que incidir era também um processo educativo. Como nos ensinou Paulo Freire, em sua *Pedagogia do Oprimido*⁴²: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

Aos poucos, foi ganhando maior amplitude o reconhecimento das bibliotecas comunitárias, da sua função social e a valorização profissional dos mediadores de leitura. Nossa mobilização começou a ter mais força nas cidades, gerando processos de participação e discussão no âmbito municipal, estadual e federal, no que diz respeito à construção de leis que normatizam e asseguram o livro, a leitura e a literatura com direito de todos.

Outro grande aprendizado nesse eixo foi a percepção de que, além da atuação e engajamento no processo de articulação e incidência política, é necessária a nossa participação efetiva e ativa na composição dos fóruns, conselhos e outros movimentos, a fim de garantir recursos e acompanhar a execução das metas contempladas no PMLLLB.

Não pense que estamos exagerando, mas os PMLLLBs dos municípios das três redes que visitamos em nossa expedição não existiriam como são se não fosse o trabalho incansável das redes. Elas foram cruciais para a formulação e criação dos planos, com sua forte presença nos espaços de discussão e deliberação, nas articulações com ONGs, Coletivos, profissionais da área, representantes dos legislativos (vereadores e deputados), universidades públicas e privadas, Secretarias de Cultura e de Educação, escritores, vereadores, editoras, para citar alguns dos atores envolvidos. Todos esses representantes juntos foram importantes para fortalecer os movimentos para aprovação dos planos.

Nossa, quanto aprendizado nós descobrimos! O trabalho das redes voltado para a incidência tem sido intenso!

A criatividade é mesmo uma marca do trabalho das bibliotecas, afinal elas trabalham com o imaginário, com o incrível universo da literatura. Lembramos agora, por exemplo, da experiência que vimos na rede Baixada Literária, no processo de aprovação e implementação do PMLLLB. Lá, eles criaram a Parada do Livro, não só como um evento de enraizamento comunitário, mas principalmente como uma ação de mobilização para engajar a população de Nova Iguaçu a cobrar da gestão municipal a aprovação do plano, ampliando o debate e a participação popular.

A rede LiteraSampa também fez um movimento parecido de mobilização social e articulação. Eles criaram um grupo de discussão sobre políticas públicas do livro e da leitura. Inicialmente um grupo

42. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

interno, somente com integrantes da rede. Depois eles ampliaram a discussão para todo o município, agregando diversos segmentos e atores da sociedade civil, atuantes na área do livro e da leitura. Esse grupo de discussão servia para pensar em estratégias comuns para o diálogo com as instâncias governamentais, como as Secretarias de Cultura, Educação, Direitos Humanos e Assistência Social. Em Porto Alegre, a Redes de Leitura também articulou um belo movimento de resistência com foco na construção do Plano. A mobilização tinha como objetivo sensibilizar os gestores públicos, e fomentar o mapeamento e o levantamento de dados das bibliotecas. Entretanto, aprovados os planos, ficou o desafio de garantir os recursos necessários para que fossem implementados.

Como nos disse nossa amiga Sueli Stipp, da rede LiteraSampa, “precisamos aproveitar todos os momentos que sejam favoráveis, para ir amarrando as coisas, saber que esse processo não acontece se você não amarrar junto com o Legislativo. Deixar tudo redondinho, para que não possa ser desfeito com apenas uma simples ‘canetada’. Nem que demore muito, mas é preciso construir as coisas nessa perspectiva. Esse é um grande desafio, exige que nos aprofundamos mais na questão do orçamento público, que é o grande nó de qualquer plano. Precisamos mergulhar nas questões orçamentárias e pensar como serão assegurados os recursos para executar as ações”.

O diálogo com os gestores públicos nem sempre acontece em fogo brando, amigo. Você deve imaginar. Pelo contrário, na hora de discutir recursos costuma crepitar a fogueira das vaidades. Na rede Baixada Literária, Carla Silva, mediadora de leitura nos contou que “Existe um percentual orçamentário definido de acordo com o Artigo 8o do PMLLLB de Nova Iguaçu: a Fundação Educacional e Cultural de Nova Iguaçu e a Secretaria de Cultura envolvidas na execução deste plano destinarão respectivamente pelo menos 2% de seus orçamentos contemplados na Lei Orçamentária Anual (LOA)”. Mas o fato de estar na lei por si só não garante que o recurso chegue na ponta. É preciso mobilização social permanente para que o que está previsto na lei seja efetivado”. Já a rede LiteraSampa tem trabalhado para articular e incluir membros no Conselho do PMLLLB e garantir a incidência das bibliotecas nas políticas públicas voltadas para o livro, a leitura, a literatura e as bibliotecas. Assim como na música “Divino Maravilhoso”, do baiano Gilberto Gil, as redes precisam estar “sempre atentas e fortes” em se tratando de incidir no campo político.

Uma descoberta interessante que fizemos em nossas andanças pelo Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul é que as redes têm consolidado cada vez mais sua articulação com os espaços públicos de deliberação e decisão. Essa é uma conquista que exigiu um amplo esforço

coletivo. E quando a questão é a ocupação e a participação em espaços deliberativos, as redes mostraram que o seu protagonismo foi decisivo para a aprovação dos PMLLLB. De uma forma ou de outra, todas as redes aprenderam a disputar os espaços, acompanhar e participar dos debates públicos, articular com atores da área de cultura e educação, estudar os eixos dos planos, participar da construção das leis, emendas, decretos e outros documentos do marco legal. Sempre buscando assegurar a inserção das bibliotecas e das outras instituições de cunho literário e seus profissionais na formulação das políticas públicas.

Em muitos momentos, essa disputa se dava dentro dos conselhos de políticas culturais, como aconteceu com a rede Baixada Literária. Carla Silva, seguiu relatando-nos “Na Conferência Municipal de cultura foram eleitos dez representantes da rede para o Conselho Municipal de Políticas Culturais, sendo cinco titulares e cinco suplentes. No decorrer do tempo, com a ausência da participação de representantes de outros segmentos os suplentes da rede passaram a ser titulares”. O pessoal da Baixada Literária também nos disse que tem participado ativamente das escutas para a construção do Plano Estadual do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas, um movimento estratégico que várias redes têm começado a fazer.

Nem sempre as articulações são exitosas, mas sempre trazem muitos aprendizados. É o caso da Tecendo uma Rede de Leitura que vinha em uma constante articulação e incidência na construção do PMLLLB. Nesse momento, eles tiveram que lidar com um integrante da própria rede que iniciou um processo de desmobilização. Pois é, amigo, isso acontece, infelizmente! Mas essa pequena ruptura serviu como aprendizado para a rede e os deixou mais atentos aos seus processos internos. Atualmente, a Tecendo tem estado mais presente no Fórum do Livro e Leitura e mantém participação ativa na construção do Plano de Cultura do município, também conquistou uma cadeira no Conselho Municipal de Cultura representando o segmento de leitura, literatura e bibliotecas. Esse episódio foi muito interessante. Onze componentes da rede chegaram pela manhã para inscrição, período esse em que foram articulando com os presentes sobre a importância do livro, leitura e bibliotecas, e ao final da eleição ganharam uma cadeira do conselho com um total de cem votos. Pode não ser uma fogueira, mas é uma tocha que não se apaga.

A rede de Porto Alegre teve uma experiência pioneira. Enquanto as outras redes, espalhadas pelo nosso imenso Brasil, ainda buscavam engajamento para a criação dos Planos Municipais e Estaduais do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca, os gaúchos já tinham seu plano aprovado desde 2013, porém sem garantia de orçamento. Perceberam então, que não basta a implantação do Plano, com previsão de fontes de recursos, é preciso incidir na garantia de orçamento real para sua execução.

Como é bom, querido, ver nossa bagagem tão repleta de histórias e aprendizagens. Ao manterem acesa essa fogueira da incidência, as bibliotecas vêm conseguindo aos poucos construir reconhecimento do seu trabalho e espaços para apresentar suas reivindicações. Essa é uma tarefa contínua, que demanda exercício de formação, produção de conhecimentos, diálogo e articulação constante.

E como é bonito ver de perto essa história ser tecida de forma coletiva pelas bibliotecas. Não poderíamos deixar de contar um pouco dessa nossa jornada para você. Esperamos que esse breve registro contribua para aquecer seu coração de esperança. De nada adianta os esforços das redes em realizar uma incidência política efetiva, se não for assegurado um processo de mobilização de recursos sustentável, que viabilize as condições necessárias para as bibliotecas realizarem um trabalho cada vez melhor.

Obrigado pela parceria de sempre, juntos somos fortes!
Abraço dos amigos,

Maria Betânia, Carlos, Rafael e Túlio

AFINAL, O QUE SIGNIFICA INCIDIR?

Incidir é influenciar! E o papel das bibliotecas é influenciar a política pública para garantir o direito humano à leitura.

A influência pode se dar em três momentos:

Na ampliação de direitos (criar leis, normas, planos etc.);

Na garantia dos direitos conquistados (exigir que a lei, depois de aprovada, seja cumprida);

Na interrupção do retrocesso de direitos já conquistados (não permitir que uma lei que garantia um direito seja revogada).

Para isso, é preciso conhecer a política, a começar pelo seu ciclo: elaboração, regulamentação, monitoramento e controle social.

Você sabia que existe no Brasil, desde 2006, o Plano Nacional do Livro, Leitura (PNLL)? Procure conhecê-lo, pois é um documento muito importante para a incidência política na nossa área.

Procure conhecer também a Lei 13.696/18, que institui a Política Nacional de Leitura e Escrita. A política estabelece diretrizes para a universalização do direito ao acesso ao livro, à leitura, à escrita, à literatura e às bibliotecas.

Como se preparar para incidir?

- * Mapeie pessoas e instituições que atuem no campo da leitura (outras bibliotecas, escolas, professores, escritores, poetas, ilustradores, contadores de histórias, livrarias, sebos, editoras etc.);
- * Mapeie e participe de espaços de discussão (audiências públicas, fóruns, conselhos, conferências etc.);
- * Estude as políticas do livro, leitura, literatura e biblioteca do seu município, do seu estado e do país;
- * Planeje e organize rodas de conversa (com leitores, escritores, professores, vereadores, poetas, contadores de histórias etc.), na biblioteca e em outros espaços, para discutir as políticas;
- * Crie, com os seus pares, proposições para ações novas ou alterações para ações que já existem, seja nos orçamentos ou nas leis que normatizam as políticas;
- * Procure conhecer, na sua cidade e no seu estado, a Lei de Diretrizes Orçamentárias – LDO, o Plano Plurianual – PPA e a Lei de Orçamento Anual – LOA, além da Política Nacional de Leitura e Escrita – PNLE.

Lembre-se: sem financiamento não há orçamento!
E sem orçamento não há efetivação da política!

MOBILIZAÇÃO DE RECURSOS:
SUSTENTABILIDADE E ENGAJAMENTO

Nº 130

SÃO LUÍS

30 | 11 | 2017

CLAUDILEUDE SILVA, JULIA
GUARILHA E VALESKA SOUSA

MASCARADOS

“Saiu o Semeador a semear
Semeou o dia todo
e a noite o apanhou ainda
com as mãos cheias de sementes.
Ele semeava tranquilo
sem pensar na colheita
porque muito tinha colhido
do que outros semearam.
Jovem, seja você esse semeador
Semeia com otimismo
Semeia com idealismo
as sementes vivas
da Paz e da Justiça.”

CORA CORALINA⁴³

43. CORALINA, Cora. Mascarados. Folha de S.Paulo, São Paulo, 4 set. 2001.



SÃO LUÍS, 30 DE NOVEMBRO DE 2017

Estimada amiga,

Grata pelo envio da sua última carta, retribuímos com Cora Coralina sua poesia. Diante do momento em que o Brasil está vivendo a arte nos ajuda a resistir e a encontrar forças para seguir semeando esperanças de um novo tempo.

Nossa viagem exploratória por essa grande floresta de bibliotecas comunitárias, em que nos entrelaçamos como rede, aporta agora nas experiências e aprendizados sobre a mobilização de recursos. A expedição foi muito rica e nossa bagagem de conhecimentos está cheia de boas histórias. Prepare-se para ouvir pois trouxemos belos registros de nossas andanças pelo Nordeste brasileiro e das conversas que tivemos com os amigos da Rede de Bibliotecas Comunitárias de Salvador (RBCS), da Releitura, de Recife, e da Ilha Literária, de São Luís.

Compreendemos que a mobilização de recursos representa a colheita, farta e abundante, de tudo que plantamos ao longo de nossa caminhada. Não é por acaso que a sabedoria popular sempre diz que “colhemos aquilo que plantamos”. E, é claro, lembramo-nos de você, que sempre usa essa frase nas nossas conversas.

Nossa jornada revelou as riquezas e mostrou também os enormes desafios que as redes ainda precisam enfrentar para assegurar um processo mais sistemático e contínuo de mobilização de recursos, que de fato viabilize sua sustentabilidade.

Você deve imaginar, companheira, como são diversos os fatores que interferem em uma colheita: o clima, os cuidados com o solo, a água, as plantas espontâneas, os insetos e os desequilíbrios causados pelo ser humano na natureza. São apenas alguns dos aspectos que impactam na qualidade de uma colheita. Com a mobilização de recursos não é diferente. Poderíamos listar aqui uma série de fatores: as condições econômicas do país e dos territórios, as mudanças de tendência no campo do investimento social, as alterações na legislação do setor, a redução dos investimentos públicos. Você certamente conhece bem esses cenários...

No entanto, mesmo com todos os desafios e os riscos, o trabalho organizado das redes vem aprimorando gradualmente sua capacidade de mobilizar recursos. No campo das organizações sociais, esse talvez seja um conceito relativamente recente. Sempre foi mais comum falarmos em doação, captação de recursos, arrecadação de fundos e outras expressões que remetem mais diretamente à ideia de conseguir investimento financeiro para nossas ações. Mas quando falamos em mobilização de recursos estamos nos referindo a algo mais amplo, que abrange, além de recursos financeiros, os recursos físicos e humanos, além dos intangíveis, como as alianças e as parcerias.

De nada adianta que uma rede local ou uma biblioteca comunitária consiga arrecadar recursos para se manter se o seu trabalho de enraizamento comunitário não tem consistência, se não há garantia de políticas de fomento à leitura ou se ela não estabelece relações de diálogo e articulação com outros atores do campo do livro, da leitura e da literatura.

Num dos artigos que levamos na mala para estudar na viagem – “Mobilização de recursos nas organizações da sociedade civil: Um estudo de caso”⁴⁴ – os pesquisadores Thibes e Netto afirmam, com razão, que “[...] o entendimento das relações que as organizações sem fins lucrativos estabelecem com os outros atores sociais de seu entorno é fator de grande importância para a gestão no campo social, uma vez que a sobrevivência de tais organizações depende fundamentalmente das interações que estabelecem.”

Ou seja, é fundamental que as bibliotecas comunitárias busquem parcerias com instituições e pessoas que trabalham em seu campo de atuação e incidência, buscando sinergias com as diferentes organizações e atores sociais, como ONGS, empresas privadas e movimentos. Alinhando-se àqueles que acreditam no potencial transformador que uma biblioteca comunitária desempenha na sua comunidade, cidade, estado e no país como um todo.

A capacidade de mobilizar apoio e parceiros dentro e fora da comunidade é, portanto, uma constante no trabalho das bibliotecas e das redes. Elas precisam estar sempre atentas às oportunidades geradas a partir da articulação com pessoas, empresas e organizações. É fundamental manter mobilizados os parceiros e interlocutores, tendo como foco o engajamento coletivo e o fortalecimento da causa da leitura como direito humano. E não podemos esquecer que a

44. THIBES, Mariana Medeiros; NETTO, Luis Moretto. Mobilização de recursos nas organizações da sociedade civil: um estudo de caso. **Pretexto**, Belo Horizonte, v. 12, n. 4, p. 133-155, out./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/pretexto/article/view/826/639>>. Acesso em: 30 maio 2018.

comunidade em si é uma grande parceira e mobilizadora de recursos para as bibliotecas, além de apoiadora incondicional do trabalho.

O que pudemos observar em nossas andanças pelas redes é que o trabalho que desenvolvem para se manter sustentavelmente bem, seja nos aspectos financeiros ou não, as impulsiona a construir de forma consistente uma base de parceiros firmada numa relação contínua, planejada e sistemática. Essa é sempre uma meta e também um desafio para todas as redes que visitamos nessa viagem.

Lembra que te falávamos, no começo, sobre os vários desafios que enfrentamos para conseguir uma boa colheita? Pois bem, olhando para o atual cenário político e econômico do nosso país, você já consegue vislumbrar as dificuldades que as redes vêm enfrentando para conseguir mobilizar recursos. Além disso, a formulação e aprovação de planos municipais e estaduais de livro, leitura, literatura e bibliotecas ainda não resultaram no investimento efetivo de recursos públicos financeiros voltados à sustentabilidade das bibliotecas comunitárias (como sonhamos!).

Mas como você sabe que “carro apertado é que canta”, as redes não estão paradas, pelo contrário. Essa situação acendeu um alerta e exigiu uma atenção maior para o tema da sustentabilidade. Como decorrência disso, os esforços se voltaram para o planejamento das ações e a busca de novas fontes de recursos, o que repercutiu, por exemplo, na organização de grupos de trabalho (GTs) e na capacitação da equipe para tratar especificamente desse tema.

Não é tão simples como parece, é preciso que haja disponibilidade das pessoas da rede para cuidar desses processos. Conversando com a Gicélia Barros, da Rede de Bibliotecas Comunitárias de Salvador, ela dizia que um dos desafios é exatamente ter tempo para atender às muitas demandas que surgem e exatamente por isso as bibliotecas precisam de investimento em recursos humanos. “Há frentes que precisam de muitas pessoas e ficamos nos dividindo e nem sempre damos conta de atender a tudo. A gente tem que pensar lá na frente, estrategicamente. Você está aqui, vê uma possibilidade, não pode perder tempo”.

Companheira, a verdade é que está cada vez mais difícil encontrar parceiros que apoiem o custeio dos recursos humanos, essa é uma dificuldade recorrente entre as redes que nos receberam nesta expedição e, acreditamos, entre as demais redes que formam a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias. Mas e os voluntários? Você deve estar se perguntando... Bom, eles são pessoas fundamentais para as bibliotecas, mas nossas várias frentes e ações demandam também profissionais dedicados, com qualificação para responder às demandas mais rotineiras das redes e das bibliotecas.

Entretanto, ainda que o uso de um trabalho voluntário gere uma limitação no atendimento à rotina de atividades regulares das bibliotecas, essa tem sido uma alternativa para reforçar as equipes e atender a demanda de articulações e a própria busca por recursos. Algumas redes estão buscando parcerias com instituições educacionais, como escolas de formação de professores e cursos de biblioteconomia, pedagogia e letras, a fim de obter a colaboração de estudantes nos espaços.

E exatamente para cuidar da qualificação desses novos colaboradores que chegam às equipes, voluntários ou não, as redes têm se preocupado cada vez mais em promover ações de formação, com foco em eixos como mediação de leitura, organização de acervo e em habilidades relacionadas ao trabalho de articulação e incidência política, por exemplo.

Veja o que anotamos sobre isso na conversa que tivemos com o Flaviomar Medeiros, da Ilha Literária. Ele dizia que uma das dificuldades que eles enfrentam na mobilização de recursos tem a ver exatamente com a formação da equipe. Para ele, é preciso ter mais pessoas capacitadas para assumir a tarefa de escrever os projetos. “Quando eu cheguei à rede eu vi esse grande problema. Tinham muitos editais, mas muitos não sabiam fazer o projeto. Poderia até fazer o projeto, mas o projeto não saía de acordo como estava sendo pedido e, com o passar do tempo, investimos em oficinas e cursos e o pessoal acabou aprendendo mais sobre a elaboração de projetos. Eu vejo que aí é um ponto que a gente tem que focar mais”.

Amiga, em nossa busca por tesouros que pudessem iluminar o caminho da sustentabilidade das bibliotecas comunitárias, encontramos práticas e propostas baseadas no planejamento, na organização, na perseverança e na criatividade das equipes. As três redes que visitamos estão inseridas em realidades distintas e registram estratégias, públicos, parceiros e metodologia de trabalhos específicos, mas elas têm muitos pontos em comum e todas possuem, de alguma forma, um trabalho forte na mobilização de recursos.

Uma das semelhanças que encontramos é que todas investiram na constituição dos grupos de trabalho para mobilização de recursos. Os integrantes desses grupos realizam reuniões regulares para prospectar novos parceiros, editais e escrever projetos, entre outras ações de planejamento e execução de tarefas. Da mesma forma, outro ponto em comum é a diversificação dos parceiros que apoiam as ações das redes e o investimento, por exemplo, no diálogo com as universidades.

Olha que incrível: a rede Releitura tem uma experiência muito interessante de articulação com o Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL), da Universidade Federal do Pernambuco

(UFPE). O subprojeto do PNAIC⁴⁵ “Mediadores de Leitura na Escola e na Biblioteca” tem como finalidade favorecer a ação da Releitura, particularmente no que diz respeito à formação de professores mediadores de leitura, com ênfase nos fundamentos e estratégias de mediação de leitura literária e ao apoio às bibliotecas nos critérios de seleção, organização e disponibilização dos acervos.

Relendo nossos diários de campo, encontramos um trecho da nossa conversa em que o Rafael Andrade, da Releitura, falou sobre isso: “Outras redes têm parcerias com a universidade, mas são parcerias pontuais. A Releitura tem uma parceria que traz recursos contínuos para nós, e interferimos em alguns momentos nas ações e na continuidade das ações. Então, uma prioridade nossa tem sido a mobilização de recursos na universidade com o PNAIC, mas só isso não basta, temos que buscar outras maneiras de articular e mobilizar recursos também”. E tem ainda outro desafio nesse caso, que o Sthefano, também da Releitura, bem lembrou: “Um problema que ainda não nos permitiu avançar mais, sendo bem autocrítico, é que a gente ainda não teve tempo de organizar todos esses processos que a gente vem vivendo em parceria com a universidade”.

Pois é, amiga, sistematizar as experiências é uma demanda constante do trabalho das redes, contribui para promover a colheita dos conhecimentos construídos ao longo de suas trajetórias. E que bom que formamos essa nossa equipe de sistematizadores que está realizando essa expedição exatamente para isso, não é mesmo? Já é um bom começo... Daqui para frente, nós vamos poder colaborar com a sistematização das experiências das redes em cada território onde estamos.

E seguimos animados para sistematizar as redes novas que acabaram de chegar: Rede Mar de Leitores, de Paraty (RJ) e a Amazônia Literária, de Belém do Pará certamente têm muita história pra contar!

Mas voltemos a falar da mobilização de recursos, pois ainda não contamos a você sobre o investimento que as redes têm feito na oferta de serviços baseados na expertise e habilidades das equipes. Essa é uma estratégia que tem mobilizado os coletivos na construção de caminhos para sua sustentabilidade. A oferta de cursos de formação para mediadores, para organização de acervo e espaço de bibliotecas e a realização de atividades de mediação de leitura são alguns dos produtos que as redes têm buscado oferecer para escolas, instituições e empresas.

Em São Luís, por exemplo, a Ilha Literária tem cuidado bastante da comunicação, como um pilar para a mobilização de recursos. A equipe

45. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa/MEC.

está elaborando um site para venda de produtos e serviços. A ideia é oferecer um cardápio de atividades literárias, com preços adequados e a perspectiva de atender às diferentes demandas – desde alguém que deseja uma mediação de leitura numa festa de aniversário a uma instituição educacional interessada em melhorar a formação de seus professores em mediação de leitura.

Outro bom exemplo da criatividade das redes pode ser encontrado nas diferentes iniciativas de comercialização de produtos, com a realização de rifas, bazares e a venda de artesanato e objetos. Na maioria das vezes, o principal comprador é a própria comunidade em que as bibliotecas estão inseridas. Mas as redes também vendem seus produtos em eventos de leitura e literatura pela cidade e para pessoas que se identificam com a causa.

A necessidade de buscar recursos em várias frentes exige um esforço constante de criatividade e, mais ainda, de organização, para atender as demandas que surgem com a visibilidade que as redes vêm conquistando em seus territórios. Mais uma vez, “puxando a sardinha para nossa brasa”, emerge a necessidade de sistematizar as práticas e produzir materiais consistentes para a venda de serviço, assim como para a elaboração de projetos bem escritos e consistentes.

O cuidado com a escrita dos projetos, por sinal, também é um aspecto que tem concentrado os esforços das redes. Essa é uma dificuldade cotidiana vivenciada pelos coletivos. Trata-se de um trabalho árduo e difícil, que requer competências específicas e muita prática.

A Maria Neuza Ribeiro, da Ilha Literária, lembrou-se da importância das redes estarem preparadas para cumprir essa tarefa com qualidade: “Precisamos sempre estar atentos às oportunidades, buscar estar inserido em grupos nacionais. Hoje eu faço parte de três grupos que envolvem ações de mobilização nacional. Nesses grupos tem sempre gente postando editais e, muitas vezes, a gente não tem tempo de ler para fazer o projeto. Por isso, é importante ter sempre o banco de projetos elaborado, porque às vezes o edital vem em tempo muito curto e, nesse caso, podemos fazer apenas as adequações necessárias para o edital”.

Os desafios, contudo, não param na elaboração dos projetos e se estendem para os processos de gestão e execução das ações. Em Salvador, por exemplo, a rede tem se preocupado em apoiar as bibliotecas a formalizar sua documentação legal, viabilizando dessa forma que possam responder pela gestão de recursos públicos e privados mobilizados. É o que nos contou a Gicélia Barros: “Estamos num processo de construção. É outro desafio porque temos poucas instituições com CNPJ. A escolha do proponente dos projetos é colocada no grupo e então nós decidimos coletivamente quem será

o responsável. Paralelamente, estamos motivando as bibliotecas a regularizar sua documentação. Eu me coloquei para ajudar na questão de estatuto, por exemplo, porque conheço e fico à disposição. Vai chegar um momento que vamos precisar de mais bibliotecas regularizadas”.

Muito bem, amiga, o que a Gicélia nos disse é importante, é preciso estar com a casa arrumada para mobilizar recursos. As redes e bibliotecas precisam estar prontas a receber e gerenciar os recursos mobilizados, de forma compartilhada e transparente. Esse tem sido um ponto de atenção constante, que se reflete nesses investimentos de que falamos na formação da equipe e na regularização das instituições que abrigam as bibliotecas comunitárias.

Da mesma forma, as redes também têm se preocupado em cuidar da sua visibilidade, afinal, comunicação e mobilização de recursos andam juntas. Essa é uma chave de sucesso importante, que ficou evidente como uma das conclusões da nossa expedição. A partir das ações de comunicação, as redes passam a construir uma identidade comum entre as bibliotecas e conseguem obter maior reconhecimento para o seu trabalho. Para o Flaviomar Medeiros, da Ilha Literária, esse reconhecimento é um desafio, em especial na relação com o Poder Público: “A partir do momento em que o poder público vê a Rede com bons olhos, não que não estejam vendo, mas vejam com maior carinho, como no nosso caso, passará a convidar a rede para as ações públicas e pagar pelo serviço e não nos chamar somente como voluntários. Esse é um grande desafio ainda: o poder público reconhecer realmente o nosso trabalho”.

Como você pode ver, companheira, as estratégias de mobilização de recursos demandam esforços das bibliotecas que, de uma forma ou de outra, envolvem todas as demais estratégias de atuação. A sustentabilidade se baseia diretamente na capacidade das redes em fortalecer seus pilares políticos, sociais e econômicos e tem a ver com a forma como as parcerias e as alianças com a comunidade e com parceiros externos é construída. O que pudemos notar nessa nossa incrível viagem é que não existe uma fórmula pronta para lidar com os desafios da sustentabilidade. Em cada contexto, em cada realidade, as redes e bibliotecas têm lançado mão de suas capacidades e aprendizados e investido, a seu modo, no fortalecimento das suas ações de comunicação, articulação e incidência.

Querida, foi uma experiência renovadora conhecer de perto o belo trabalho desenvolvido pelas redes de Pernambuco, Bahia e Maranhão e, ao escrever esta carta para você, revivemos um pouco nossa jornada. Como é bom ver a semente da causa do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas germinando e gerando

frutos por esse país afora! Que nossa colheita de conhecimentos e aprendizagem siga farta e abundante.

Encontrar experiências exitosas de mobilização social nesse momento do nosso país é um afago diante de tanta descrença. Tomara que você tenha gostado das novidades colhidas nessa *Expedição leituras*. Estamos pensando em organizar um livro, para contar para o mundo todos os tesouros das bibliotecas comunitárias que descobrimos. O que você acha?

Não deixe de nos enviar sua resposta, ficaremos aguardando.
Receba nosso abraço corajoso,

Claudileude, Julia e Ualeska

VAMOS MOBILIZAR?!

- * Mapeie possíveis parceiros (na comunidade, nos bairros, nos âmbitos municipal, estadual e nacional);
- * Fique atento aos editais públicos e privados;
- * Saiba o custo mínimo para que sua biblioteca funcione (aluguel, contas, acervos, recursos humanos etc.);
- * Participe de cursos de formação na área de projetos, mobilização de recursos, bibliotecas e áreas afins;
- * Mantenha o diálogo com pessoas da área do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas;
- * Use a criatividade: promova bazares e rifas, crie produtos personalizados para vender (camisas, bolsas, canecas etc.);
- * Aproveite as habilidades da equipe na organização de cursos e formações para oferecer a instituições, escolas, etc.
- * Mobilize recursos dentro da própria comunidade em parceria com atores locais (por exemplo doação de lanche da padaria, serviços de pintura, marcenaria, eletricitista etc);
- * Faça campanha de doação de livros;
- * Estimule a doação de livros e móveis pelos próprios moradores da comunidade;
- * Sensibilize voluntários para atuarem na biblioteca.

UMA VIAGEM PELAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS

ELISA MACHADO

Elisa Machado possui graduação em Biblioteconomia pela Escola de Biblioteconomia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1980), mestrado e doutorado em Ciência da Informação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (1998 e 2008). Atuou como Diretora do Departamento de Bibliotecas Públicas da cidade de São Paulo (2001-2003) e como Coordenadora Geral do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) no Ministério da Cultura (2011-2015). Atualmente é Profa do Departamento de Estudos e Processos Bibliotecômicos (DEPB) e do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). É líder do Grupo de Pesquisa "Bibliotecas públicas no Brasil: reflexão e prática" e do Grupo de Pesquisa "A representação descritiva no Brasil". Tem experiência na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, atuando principalmente nos seguintes temas: bibliotecas públicas, bibliotecas comunitárias, políticas públicas e culturais e representação descritiva.

Caro leitor, cara leitora,

Segundo Alberto Manguel (2017)⁴⁶ três metáforas são utilizadas de maneira recorrente ao longo dos tempos para representar o sujeito leitor: o leitor viajante, o leitor refugiado na torre de marfim e o leitor como traça de livros. Será que podemos utilizar uma dessas metáforas para nos representar na leitura desse livro?

Carlos, Claudileude, Juçara, Julia, Márcia, Maria Betânia, Rafael, Túlio, Val e Valeska, autores das cartas que acabamos de ler, percorreram literalmente várias estradas para visitar e decifrar as facetas das diferentes bibliotecas comunitárias e das redes locais que fazem parte da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) e, metaforicamente, nós leitores, ao caminharmos pelas páginas deste livro, nos transformamos também em viajantes. Nos envolvemos com as paisagens e com as pessoas que habitam os lugares e os territórios visitados.

Diante disso, num primeiro momento, vejo-me como uma leitora viajante. No entanto, posso afirmar que foi muito fácil devorar as páginas deste livro como uma traça, ou ainda me refugiar em alguns momentos numa torre, isolada de tudo, para refletir sobre as muitas estradas que meus pensamentos percorreram nesta leitura. Portanto, vi-me representada neste livro nas três metáforas elencadas por Manguel.

Acontece que a minha tarefa aqui vai além da leitura. Fui convidada a escrever o posfácio desta obra e contar para vocês os pontos da minha viagem leitora que me encantaram e que me intrigaram, além de apresentar algumas reflexões que surgiram ao longo desse percurso.

A obra que temos em mãos se configura num registro das experiências, práticas e métodos adotados e vivenciados nas bibliotecas comunitárias e nas redes locais que foram sendo construídas ao longo dos

46. MANGUEL, Alberto. **O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça**. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2017.

últimos doze anos. E, ninguém melhor que os próprios agentes culturais, sujeitos envolvidos no processo de construção e manutenção desses espaços, para nos contar essas histórias.

Ao lançar esse desafio à RNBC, mais uma vez o Programa Prazer em Ler (PPL) inova e avança na prática da construção coletiva e da formação integral de pessoas. Com certeza, as oportunidades de troca e diálogo gerada por essa proposta ampliaram o conhecimento de cada um dos autores sobre esse objeto de pesquisa – a biblioteca comunitária – e possibilitou o exercício da prática da comunicação por meio da escrita, além, é claro, de apresentar como resultado um documento para ser compartilhado e para compor o acervo de memória das bibliotecas comunitárias no Brasil. Afinal, a biblioteca também é o lugar da memória.

As cartas foram escritas a partir de falas carinhosa e solidárias que revelam o profundo respeito por seus colegas, companheiros de luta, pelo trabalho que envolve cada atividade, pelo seu lugar/terra/território e pelas pessoas que formam a comunidade que vivem no entorno dessas bibliotecas.

Os autores trazem para o seu texto o desejo de encantar o leitor e, para isso, utilizando o recurso da metáfora, estabelecem uma relação muito próxima entre o cotidiano na biblioteca comunitária com nossa vida. Compartilham conosco também os ensinamentos apreendidos a partir de suas leitura e estudos, demonstrando a seriedade, o rigor e o aprofundamento de seus conhecimentos. Autores consagrados no campo da Educação e das Ciências Sociais estão presentes nesse texto e dão legitimidade ao relato.

A leitura das cartas nos aproxima e nos faz compreender como se dá a organização espacial, o tratamento do acervo, a mediação de leitura, a gestão, as articulações, a incidência política, entre outros aspectos que envolvem os desafios que enfrentam as bibliotecas comunitárias que fazem parte dessa Rede.

No que tange aos espaços, ficou evidente que não importa o tamanho ou o lugar da biblioteca, mas sim a sua condição acolhedora, aconchegante, ventilada e iluminada, a exemplo da biblioteca que ocupou uma sala de velório no Ceará.

O ideal é que tenham mobiliário adequado para cada faixa etária, mas, se não tiverem recursos para isso, que consigam, de maneira criativa, fazer adaptações e reaproveitamento de materiais a exemplo dos caixotes de frutas transformados em estantes baixinhas para facilitar o acesso das crianças ao livro, como bem relataram Juçara, Tulio e Valeska.

Quem pensa que biblioteca comunitária é depósito de livros está muito enganado. No caso da formação e desenvolvimento de acervos, as bibliotecas adotam critérios para garantir a qualidade de suas

coleções e privilegiam literatura literária. Nesse ponto, vale lembrar as dificuldades que todos aqueles que atuam em bibliotecas enfrentam com as questões que envolvem o desgaste, o descarte e a recepção de livros doados sem qualquer atenção às condições de adequação ao seu público, ou às condições físicas e de leitura. Neste livro fica bem claro que biblioteca não é depósito de livros e, a aquisição por compra, pautada em critérios bem estabelecidos de seleção, é determinante na formação de um acervo que atenda as demandas de uma comunidade.

A prática da mediação de leitura nesses espaços tem por premissa a formação dos mediadores de leitura. Formações que envolvem métodos e técnicas, bem como a troca de experiências. Os agentes frequentam e as bibliotecas oferecem cursos, possibilitando o compartilhamento de conhecimentos e ampliando a abrangência e o impacto de seus trabalhos. Nas palavras de Carlos, Márcia e Túlio “a formação de leitores críticos, sensíveis e criadores é um ato político de emancipação e empoderamento, de resistência e de promoção da cidadania”.

Os relatos destacam a importância do tratamento do acervo que envolve a catalogação, descritiva e temática, bem como o arranjo dos livros nas estantes, enfatizando a sua contribuição para facilitar o acesso dos mesmos, além de contribuir para qualificar a mediação da leitura.

Para oferecer essas condições, muitos relatos apontam os mutirões como forma de solucionar problemas e de agregar a coletividade em torno da biblioteca comunitária. Bibliotecários, mediadores, leitores, pais e mães, vizinhos, todos juntos trabalhando com um único objetivo – ampliar as oportunidades de acesso à leitura e ao conhecimento de sua comunidade.

Mas não pensem que tudo isso acontece com o estalar dos dedos. Tudo é planejado. Das reuniões internas à participação nas esferas de governo e de incidência política, das formações às práticas de mediação de leitura, das articulações locais à busca de recursos. As bibliotecas que participam da RNBC conhecem bem a importância da boa gestão para o sucesso de suas ações. Optaram pelo modelo de gestão compartilhada, onde as decisões são coletivas e o processo é tão, ou mais importante do que os resultados.

As bibliotecas comunitárias entendem que a comunicação, assim como a leitura, é um direito humano. A comunicação é entendida como uma estratégia de democratização da informação e sustentabilidade para as bibliotecas. Reconhecem a importância da circulação e da apropriação das informações entre o grupo, e como meio de divulgação, valorização e fortalecimento das pessoas que trabalham nesses espaços das bibliotecas

e das redes. Preocupam-se com o seu próprio potencial de participação bem como com o potencial de participação do outro, pois sabem que não é possível praticar a gestão compartilhada se as pessoas que atuam na Rede não estiverem devidamente informadas. A qualidade da participação de cada um depende do nível de apreensão que a pessoa possui em relação ao tema que está sendo discutido/tratado/decidido.

Para aqueles que conhecem a história das bibliotecas comunitárias no Brasil é evidente a mudança da sua imagem na sociedade nos últimos anos, e agora, por meio dessa viagem leitora, foi possível entender o quanto eles trabalharam para que essa mudança acontecesse.

Os autores descrevem as formas de aproximação e de articulação com diferentes espaços e organizações, e a importância do trabalho conjunto e solidário com as escolas do entorno e com as universidades, muitas vezes ampliando as oportunidades de viabilizar a extensão universitária no campo da Biblioteconomia.

Os agentes culturais envolvidos nessa empreitada participam ativamente da construção de políticas públicas, a exemplo dos planos municipais e estaduais do livro, leitura e bibliotecas. Para isso, investem muito em sua formação política.

Outra questão importante que permeia esse relato, e que saltou aos meus olhos durante a leitura, são as reflexões que o próprio grupo faz a respeito do trabalho em rede, um assunto que, em teoria, vem ganhando muito espaço na academia e nos meios profissionais, mas que na prática enfrenta muitas dificuldades no momento de sua implementação. Portanto, este documento se configura também numa boa referência para quem se interessa por esse assunto.

Pensar, ler, pesquisar, escrever e falar sobre biblioteca comunitária tem sido meu assunto predileto nos últimos dez anos. No entanto, apesar dos estudos e das pesquisas nesse campo da Biblioteconomia estarem crescendo, ainda são poucos os registros acerca da prática e da memória das bibliotecas comunitárias. Dessa forma, é significativa a contribuição que esse trabalho nos trás.

Termino assim o relato da minha viagem nas páginas deste livro, onde foi possível apreciar as riquezas desse trabalho, conhecer a importância do aprendizado contínuo vivenciado por esse grupo, e também conferir os enormes desafios que as bibliotecas comunitárias, as redes locais e a RNBC têm pela frente.

Elisa Machado

PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÕES

Santiago Régis

E96

Expedição leituras : tesouros das bibliotecas comunitárias no Brasil / Carlos Honorato, Claudileude Silva, Julia Guarilha ... [et al.] ; organização Adriano Guerra, Camila Leite, Érica Verçosa. – Brasil : RNBC ; São Paulo : Instituto C&A : Itaú Social, 2018.

146 p. ; 22 cm.

Demais autores: Juçara Souza, Márcia Cavalcante, Maria Betânia Silva, Rafael Andrade, Túlio Damascena, Val Rocha, Valeska Sousa

ISBN: 978-85-64356-25-2

1. Brasil – Biblioteca comunitária. 2. Leitura. I. Honorato, Carlos. II. Silva, Claudileude. III. Guarilha, Julia. IV. Guerra, Adriano. V. Leite, Camila. VI. Verçosa, Érica. VII. Souza, Juçara. VIII. Cavalcante, Márcia. XI. Silva, Maria Betânia. X. Andrade, Rafael. XI. Damascena, Túlio. XII. Rocha, Val. XIII. Sousa, Valeska.

CDD 027.4

Ficha catalográfica elaborada por Elisa Machado (CRB/7-5569)

- * O uso de um idioma que não discrimine e nem marque diferenças entre homens e mulheres é uma das preocupações da RNBC, do Instituto C&A e do Itaú Social. Porém, não há acordo entre os lingüistas sobre a maneira de como fazê-lo. Dessa forma, com o propósito de evitar a sobrecarga gráfica para marcar a existência de ambos os sexos em língua portuguesa, optou-se por usar o masculino genérico clássico na maioria dos casos, ficando subentendido que todas as menções em tal gênero representam homens e mulheres.

Copyright © 2018 Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias, Instituto C&A

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial-Compartilhamento pela mesma Licença 3.0 Unported. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0>